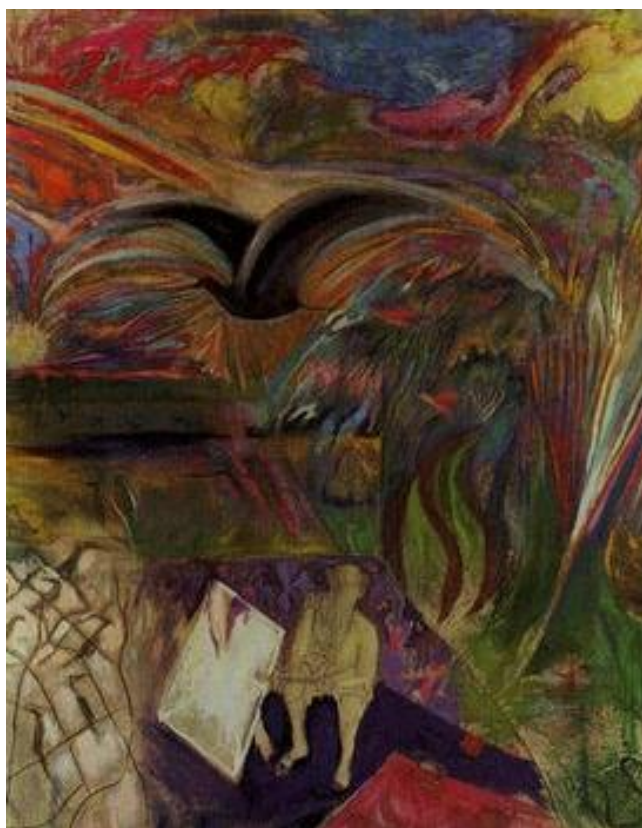


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

**Escritos de Viagem e a Construção do Espaço Vivido por
meio do Deslocamento**



FERNANDA RIBEIRO AMARO

ROSA DOS VENTOS/MG
2013

FERNANDA RIBEIRO AMARO

***Escritos de Viagem e a Construção do Espaço Vivido por meio do
Deslocamento***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós- Graduação em Geografia da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito parcial à
obtenção do título de mestre em Geografia.

**Área de Concentração: Geografia e Gestão do
Território.**

**Linha de Pesquisa: Análise, Planejamento e Gestão
dos Espaços Urbano e Rural.**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

**Rosa dos Ventos/MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Fernanda Ribeiro Amaro

Escritos de Viagem e a Construção do Espaço Vivido por Meio do
Deslocamento

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (orientador)

Prof. Dr. Túlio Barbosa

Prof. Dr. Leopoldo Gabriel Thiesen

Data: ____/____ de ____

Resultado: _____

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A485e Amaro, Fernanda Ribeiro, 1985-
2013 Escritos de viagem e a construção do espaço vivido por meio do
deslocamento / Fernanda Ribeiro Amaro. – 2013.

130 f. : il.

Orientador: Carlos Rodrigues Brandão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Inclui bibliografia.

1. Geografia - Teses. 2. Geografia humana - Teses. 3. Espaço e tempo -
Teses. I. Brandão, Carlos Rodrigues. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

AGRADECIMENTOS

Este momento é aquele onde nos damos conta que todos os processos que passamos são feitos de várias presenças. Com braços múltiplos alcançamos coreografias de pensamentos escritos a partir de outras escritas. Camadas sedimentares de leituras, que então se acumulam. Linhas de diferentes itinerários, os quais se sobrepõem em direção comum. Momento em que leituras passam a convergir em diálogo inocente, porém imbuído de teoria. Diálogos como os que espontaneamente geram entre amigos, companheiros, professores, familiares, artistas, músicos, pintores, bailarinos e bailarinas, místicos e vagabundos que ajudaram na trama deste tecido. Peles do afeto e da razão, que roçaram comigo o campo da presente pesquisa.

Agradeço à grandeza indizível do amigo e orientador Carlos Rodrigues Brandão. A todas as pessoas do Instituto de Geografia pelos anos que se estenderam desde a graduação, às aulas de ouvinte da pós-graduação. Destaco a presença generosa de Prof. Túlio Barbosa, Leopoldo Thiesen que formam a banca, a Prof.^a Vania Vlach, ao Prof. Marcelo Chelotti. À atenção do pessoal da secretária do Pós-Geo, Yara e João. Ao companheirismo e aprendizagem com os pesquisadores e amigos do Grupo de Pesquisa Opará e de Pesquisas e Estudos sobre Comunidades Tradicionais do Médio São Francisco, aos amigos roseanos Andrea Narciso, Graça Cunha, Maristela Corrêa, Alessandra Leal, Ângela Fagna, Rodrigo e Cristiano Barbosa. À sensibilidade de Joyce Oliveira, pelos sentires e pela admiração de sua quietude de rio, que nas águas profundas guardam uma agitação tão instigante como a de saber o que há no fundo do mar. Aos companheiros da Rosa dos Ventos, às amigas Larissa Souto e Moema Lavínia, que me acompanham desde a graduação. Ao colorido amarelo do querido amigo Thiago Costa. À coreonarratividade de Carolyny Pereira. À Elder e Luana por compartilharem os rituais da casa. À Moisés por uma trajetória de diálogos. À minha irmã Flávia, que sempre me estimulou com ideias sociais e espirituais. Às minhas sobrinhas Lia e Luiza pela leveza e doçura. E à meus pais Maria Carmen e Samuel Amaro, por, em meio minhas andanças, acolherem qualquer angustia que surgisse, pelo simples fato de poder saber que eles existem, e esperam sempre por mim. Pelo abrigo e apoio que me possibilitaram o tempo de duração deste estudo!

Foram muitos os ensinamentos e todos eles traçados com grande amor. Gratidão!

Viajo para conhecer minha geografia.

(Walter Benjamin)

RESUMO

Percorrer o vasto espaço para experimentar suas múltiplas potencialidades. Transpor as fronteiras. Evocar um surrealismo do real. Transgredir as convenções estabelecidas. Inventar um presente eterno. Desestabilizar. Deslocar referências. Estranhar. Andar por andar. Errar. Vagabundear. Deambular. Vagar. Peregrinar. Migrar. Perder e encontrar. Viajar para conhecer a própria geografia. Esta pesquisa se envereda na reflexão o espaço vivido, categoria de análise fenomenológica da geografia, em atravessamentos com a filosofia, antropologia, artes e literatura num ensaio dissertativo sobre a experiência da viagem como uma prática georeferenciada num tempo-espaço que é externo e interno, e que se alimenta desses fluxos para conceber a existência de um e de outro. Espaço, homem e movimento são inerentes em sua condição de presença no mundo. O ser-estranho e o ser-estrangeiro alimentam o mito da errância naquilo que é mais espontâneo da história da humanidade: o impulso do desconhecido - de nós mesmos e de outros lugares, do longínquo. O movimento então se torna matéria vertente da vida e nela, o habitar só se faz possível em meio à transitoriedade.

Palavras-chave: viagem, corpo, deslocamento, fenomenologia, geografia humanística.

RESUMEN

Percorrer el vasto espacio para experimentar sus múltiples potencialidades. Transponer las fronteras. Evocar un surrealismo del real. Transgredir las convenciones establecidas. Enventar un presente eterno. Desestabilizar. Desplazar referenciales. Tener la sensación de lo raro. Caminar por caminar. Errambundear. Vadear. Deambular. Vagar. Peregrinar. Migrar. Perder y encontrar. Viajar al fin de conocer la su propia geografía. Esta investigación va en vías de una reflexión hacia el espacio vivido, categoría de análisis fenomenológica de la geografía, que se cruza con la filosofía, la antropología, las artes y la literatura en un ensayo disertativo sobre la experiencia del viaje como una práctica geográfica, referenciada en un espacio-tiempo que es externo e interno y que se alimenta de estos flujos para concebir la existencia del uno y del otro. Espacio, hombre y movimiento son inherentes en sus condiciones de presencia en el mundo. El ser-extranjero y el ser-extraño alimentan del mito de la errância en aquello que es más espontáneo de la historia de la humanidad: el impulso del desconocido – de nosotros mismos y de los otros lugares, de lo lejano. El movimiento, luego se vuelve la materia vertiente de la vida y en ella, el habitar sólo se hace posible en medio a la transitoriedad.

Palabras-clave: viaje, cuerpo, desplazamiento, fenomenología, geografía humanística. .

LISTAS DE IMAGENS

Imagem da capa: Luis Felipe Noé. <i>Huir como Gauguin o Soñar como Rousseau</i> , 1985, acervo Fundación Alon.....	
Figura 1: Marrocos, 2009. Fotografia da autora.....	27
Figura 2: GARCÍA, Joaquín Torres. <i>La Escuela del Sur</i> . 1935.....	33
Figura 3: <i>Movimentação na Praça Central de Marraquesh</i> - série Andare a Spasso. 2009. Fotografia da autora.....	44
Figura 4: <i>Paris: cartaz de divulgação de deriva psicografia proposta pelos situacionistas</i> . 1955. Fonte: Careri, 2002, p. 93.....	59
Figura 5: SMITHSON, Robert. <i>Pingdon: caminhando em círculo</i> . 1984. Fonte: Raquejo, 2003, p. 70.....	60
Figura 6: <i>Rua das Transformações, tradução aleatória. Barrio El Carmen</i> , Valencia. 2009. Fotografia da autora.....	61
Figura 7: <i>Merzouga</i> , da série Andare a Spasso, Marrocos. 2009. Fotografia da autora.....	63
Figura 8: Postal comprado em Roma, com o frame do filme <i>La Dolce Vita</i> , de Federico Fellini, que celebra o imaginário sobre a Fontana de Trevi pelo cinema.....	67
Figuras 9, 10, 11 e 12: <i>Melancolie des Villes</i> . 1929. Fotografias publicadas no periódico Variétés, scaneadas pela autora do livro <i>Contra el Mapa de Estrella de Diego</i>	58-9
Figura 13: GAUGUIN, Paul. <i>Mulheres do Taiti (na praia)</i> , 1891, óleo sobre tela; acervo do Musée d'Orsay, Paris. Fonte: < http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/gauguin/ > acesso em: 16 set. 2013.....	102
Figura 14: Página do Jornal O Cruzeiro. Retrato de Guimarães Rosa em expedição em 1952. Reprodução fotográfica da autora.....	108
Figura 15: Fotografia recordada do jornal O Cruzeiro, em matéria sobre a expedição de Rosa pelos sertões, juntamente aos vaqueiros, Bindóia, Manuelzão, Zito.....	109
Figura 16: <i>Rosa anotando sobre tamanduás</i> , 2010. Fotografia exposta no Museu-Casa Guimarães Rosa em Cordisburgo. Reprodução fotográfica da autora.....	110
Figura 17: <i>Rosa e o Rinoceronte</i> , 2010. Fotografia exposta no Museu Casa João Guimaraes Rosa em Cordisburgo. Reprodução fotográfica da autora.....	115
Figura 18: <i>Estação de Cordisburgo</i> . 2005. Fotografia. Fotografia tomada na viagem realizada em 2005, com o orientador Carlos Brandão, fruto da disciplina sobre João Guimarães Rosa Fotografia da autora.....	116

SUMÁRIO

Introdução/Apresentação.....	10
Capítulo 1 – Errância e Escrita: viagem, seus sujeitos e seus verbos.....	16
1.1- A(s) viagem(ns).....	16
1.2 - O viajante.....	28
1.3 - Os verbos e nomes do viajar.....	37
Capítulo 2 – Deslocamentos (des)pretenciosos: deambulação e turismo.....	47
2.1 – Corporeidade.....	47
2.2 – A deambulação.....	57
2.3 – O turismo uma pausa.....	62
2.4 - Postal e anti-postal.....	64
Capítulo 3 - Eu-Peregrinus: ensaio sobre a condição movente do caminhante religioso.....	71
3.1 - Ao ar livre.....	72
3.2 - O peregrino.....	80
3.3. Uma pausa.....	85
Capítulo 4 – Viagens de ontem: memórias escritas em cadernos.....	87
4.1 - O relato.....	87
4.2 – Colombo e os diários da América.....	91
4.3 - Literatura e andarilhagem.....	96
4.3.1- A Europa transgressora.....	103
4.4 – Rosa e os diários do Sertão.....	108
4.4.1- Experienciar a memória pela escrita: biocartografia e geobiografia.....	113
Conclusão.....	120
Referência Bibliográfica.....	125

INTRODUÇÃO/APRESENTAÇÃO

“Viagem como um movimento;
através do espaço, do tempo,
do outro e de si.”
(Zygmunt Bauman)

Por que se vai? Por que se parte de onde se está? Por que ir, ir-se? Por que ir embora? Por que viajar... errar? Penso que a epígrafe de Bauman escrita acima deverá nos acompanhar daqui em diante, ora como uma metáfora, ora como uma quase metonímia. Isto porque na modernidade líquida que ele agudamente analisa, este parágrafo de ancestral sentido religioso e cristão hoje poderia aplicar-se a outros tempos e outros termos, e a outros vários campos do acontecer da vida. Poderia ir desde a multiplicação das inúmeras variantes das experiências do sagrado, do religioso ou do espiritual, que retomam e reacentuam exatamente isto: não somos daqui, ou não fomos destinados ao lugar "aqui", até o seu oposto - real ou aparente - o "viajar a negócios" hoje tão absolutamente comum. Pois não nos deve espantar mais o fato de que uma porcentagem crescente dos ocupantes de aviões e de hotéis sejam mulheres e homens "de negócios" e "a negócios". O que de resto nada tem de novo, pois em boa medida, heróis entre os países árabes "do lado de cá do mediterrâneo" até viajantes saídos de países bem mais distantes e "exóticos¹" aventuravam-se, como Simbad, o marujo, não propriamente como navegantes, mas como mercadores.

Na ponta das razões do ir-e-viajar por onde iniciamos estas reflexões, sabemos que desde as "grandes religiões universais" até boa parte dos mitos dos sistemas de sentido dos povos tribais, quase sempre ou fomos criados por seres que "não são daqui", ou nós próprios viemos de outros lugares. Surgimos de outras esferas ou dimensões físicas ou imateriais do real. Em religiões mais próximas, como o cristianismo em suas variantes, aprendemos que, queiramos ou não estamos condenados a estar "aqui" apenas por um breve tempo de nossas

¹ O termo exótico é designado aos lugares distantes, visto como espaços ermos desde o mapa mundi, à estes espaços sempre está associado o distante, o mágico, o primitivo. Designado em outras palavras por Giucci (1992): o exótico é onde se permite a formulação do "maravilhoso". O espaço exótico é onde a imaginação ocupa sua vasta possibilidade de existir.

curtas vidas. E o que os médicos e outros chamam "morte", na verdade nada mais seria do que o começo de uma viagem. Uma viagem entre escalas - quando se crê na existência do Purgatório - ou uma viagem direta a um lugar definitivo. Uma viagem outra vida neste mesmo lugar, como entre os reencarnacionistas; uma viagem a uma outra vida em outro lugar; ou mesmo uma "passagem" a uma outra forma de existência em um até lugar-nenhum.

Desde as confidências de errantes e viajantes do passado longínquo entre países distantes, até as memórias de peregrinos - turistas ou não, cristãos ou não, praticantes de algum sistema "espiritual" de sentido estilo Nova Era ou do Caminho de Santiago, há sempre, entre os incontáveis que partem, vão embora, viajam, e voltam ou não voltam mais, alguns que deixam escritas as suas "memórias de quem se foi".

De maneira lamentável talvez os viajantes mais importantes de todos os tempos nada terão deixado por escrito a respeito de suas viagens. Falamos aqui dos nossos ancestrais surgidos há alguns poucos milhões de anos no centro da África. Homens e mulheres, entre hominídeos e os primeiros *homo*, que levaram milhares de anos para se deslocarem dali, passo a passo, provavelmente em pequenos bandos não maiores do que famílias-tronco ampliadas, em direção à terras mais ao Norte. Aqui e ali sobraram restos de seus corpos petrificados: um crânio, um fêmur, um esqueleto um tanto mais completo.

O que aqui escrevemos sobre o ir-e-vir de alguma maneira não divergem em quase tudo de outros diferentes estudos que nos últimos anos têm deslocado o que se escreve sobre o "viajar" dos arcaicos, antigos, recentes e atuais relatos de memórias para a pesquisa e a teoria a respeito do que afinal simplesmente significa "ir".

Há hoje uma variedade apreciável de estudos que vão de análises pessoais estilo: "meu haver ido por aí", a complexas interpretações fenomenológicas do exílio, do deslocamento forçado ou voluntário, da viagem por um motivo definido, da errância, da

peregrinação, da vagabundagem, da vagamundagem, e outras tantas variantes do gesto simples que há no afinal abrir a porta da casa onde se vive, e partir.

E, tal como tem acontecido com tantos outros "temas" que acabam se tornando "questões" dignas da atenção de uma pesquisa, neste campo - um campo em vários sentidos ele mesmo errante e móvel - estamos defronte a um entrecruzamento de olhares. A uma fecunda aproximação de/entre fronteiras entre ciências que vão da geografia á antropologia e delas à sociologia, à história (talvez a área pioneira nestes estudos), à psicologia, à semiologia e até outras aparentemente mais afastadas. Este é um campo de estudos em que antes de se aventurar a penetrar em algum "não-lugar" teórico ou "de campo", que pesquisa e escreve sabe que ele mesmo pode estar situado em um equivalente não-lugar. Ou um lugar desde onde se pensa, teoriza, pesquisa e escreve, que para ser fecundo ou mesmo possível precisa deslocar-se da segurança da moradia de uma ciência ou uma teoria única, para uma encruzilhada entre algumas, ou mesmo uma área de fronteira entre várias.

Este estudo migra de uma pesquisa em Geografia, sobre errâncias, viagens e outros deslocamentos enquanto ações que incitam a construção subjetiva de referenciais geográfico-afetivos, numa geografia que se desloca a partir do indivíduo como escala de abordagem. Justifico esta escolha a partir dos estudos da Geografia Humanista, pois permite que a geografia desenvolva estudos sobre a percepção das pessoas em relação ao seu ambiente de vivência, considerando também os saberes não científicos como fonte de conhecimento.

A base fenomenológica deste estudo coloca no centro das reflexões, as experiências do indivíduo com seus sentimentos e afetos na sua construção pessoal de mundo e a ligação com seus espaços de vivência, sejam eles de permanência ou de transitoriedade.

Adoto "espaço vivido" como categoria, para compreender como o indivíduo vive e expressa cotidianamente os espaços para si mesmo. A partir daí, tomo diários de viagem e em específico as cadernetas de campo de João Guimarães Rosa, atualmente encontram-se

arquivadas no acervo do IEB-USP, de suas viagens no Brasil e no estrangeiro para discutir a construção de seus espaços de vida movente.

Ao adotar o espaço vivido como tema da pesquisa há que se enfatizar as experiências, o corpo, as imaginações e as percepções da natureza e as emoções, a organização dos lugares e os comportamentos. Intuo apontar uma dimensão subjetiva da construção do conhecimento científico. Percebo que geografia, antropologia, literatura e filosofia dialogam entre si, pois a apreensão do espaço não é passada por conceitos, mas principalmente por metáforas e sensações. Para expressar totalidade do espaço com sua dimensão lógica e objetiva e sua dimensão subjetiva e poética, faz-se necessário a união destas duas ordens do conhecimento, a ciência e a arte, na experiência de troca com os espaços e absorção de seus elementos afetivos.

O filósofo Michel Onfray em *Teoria da Viagem* (2009, p. 21). diz que para cada temperamento existe uma geografia que lhe corresponda. Posto que o espaço é o homem que o anima, nomina, sacraliza e culturaliza. O espaço está para o corpo, sua ocupação e significação. Michel de Certeau em “*A invenção do Cotidiano*” (1994), diz que o espaço não é um dado ontológico, ele responde aos estímulos e agenciamentos. O espaço só existe no encontro e *diálogo* com o outro.

A Geografia como humanismo: convém ressaltar aqui que no século XVIII, de onde surgirá a primeira geografia científica, existe uma geografia sentimental e emotiva, que amplificada pela imaginação, tende para a expressão literária. A geografia como experiência afetiva e desfrute estético torna-se uma expressão do homem.

A natureza exterior, próxima ou distante, ela a procura e a vê através da afetividade: prazer da solidão, sentimento de melancolia e de mistério, religiosidade à flor da pele. Nesse sentido, a geografia como oxigênio da alma, é uma das formas de humanismo. (DARDEL, 2011, p. 82).

A discrepância entre o esperado e o experimentado formula-se nos escritos de viagens mediante a inscrição de um duplo registro da realidade dos territórios recentemente

descobertas. Um primeiro discurso parte da observação pessoal com descrições do espaço e seus elementos, a fauna, a flora, as rochas, o relevo, a cor do solo, os pássaros e formigas e demais belezas. E de outro lado haveria um registro o qual partiria de uma observação que transborda de significação, construindo uma geografia expansiva da viagem.

Ao sair da bidimensionalidade dos mapas ou das páginas de relatos, o viajante se lança à experiência e novamente retoma ao papel, desta vez com a própria experiência de viajar escrita em cadernos. Os escritos nos diários e cadernetas se manifestam como potências de referenciais afetivo-geográficos, onde importa os lugares onde se está, mas, sobretudo o estado em que se está neles - “*Escritos de Viagem e a Construção do Espaço Vivido por meio do Deslocamento*” se guia por uma errância dissertativa. Com linguagem teórico-ensaísta, o texto não pretende marcar um itinerário de saída e chegada, o relevante neste trabalho, assim como dizia João Guimarães Rosa, “se encontra no meio da travessia”. No entanto, para o exercício de toda liberdade, existe sempre uma estrutura e a desta pesquisa segue adiante:

O primeiro capítulo discute a viagem enquanto experiência geográfica e os narra a partir dos dizeres e sujeitos da viagem.

O segundo coloca o corpo como o primeiro território de análise e classifica dois tipos de deslocamentos e as geografias implícitas nestes fenômenos. Sejam eles, de ordem de uma psicogeografia, como propunha a Internacional Situacionista e os surrealistas, lembrado neste capítulo no tópico Deambulações ou de ordem social e sintomática como no Turismo.

O terceiro capítulo teoriza o movente religioso, a partir de uma escrita ensaísta que convida Thoreau, Nietzsche, Hesse, Brandão e Rosa para dialogarem andando, na qual o andar, e o deslocamento são tidos como um ato ritual.

E o quarto aborda *o relato* enquanto transposição da experiência pessoal à escrita, objetiva e poética. Cito duas cadernetas de viagem, uma que traz o espaço numa escala mais aberta, com a dimensão de um oceano que cruzavam na expedição às incertezas e devaneio de

uma ocupação das Índias, que desembocou nas Américas descrita por Cristóvão Colombo nos Diários da Descoberta. E numa escala mais regional e local, que evoca lugares e falas, causos e aspectos pitorescos da paisagem do sertão, os diários de João Guimarães Rosa, *A Boiada I* e *A Boiada II*. Este capítulo gera o cruzamento de imagens de viagem a partir do diálogo com diferentes viajantes além dos supracitados.

A metodologia adotada parte de uma análise relacional entre diferentes teorias e dizeres sobre viajantes. Deambulantes surrealistas, andarilhos, nômades, errantes... Para inteirar a lista de viajantes, incluem-se os exilados, os excluídos, expatriados, imigrantes, refugiados, mas esta pesquisa se detém aos viajantes que escrevem uma poética da viagem, como prática de uma geografia que impulsiona aos caminhos e vivências cartográficas. Que traduzem no sentido fenomenológico sua experiência, da maneira que podem, em escrituras. Outras linguagens tornam-se viáveis para a expressão, a fotografia, o desenho, o croqui, a dança, a performance. Mas a escrita, a literatura e seu “giro de saberes” é a qual se dedica grande parte do enfoque da investigação e a qual deixa apontamentos para uma repercussão e continuidade da pesquisa.

CAPÍTULO 1: ERRÂNCIA E ESCRITA: VIAGEM, SUJEITOS E PALAVRAS

1.1. A(s) viagem(ns):

Este primeiro capítulo se expressa como uma reflexão sobre o ato de viajar e de se deslocar pelos espaços, paisagens e territórios ao evocar transformações objetivas e subjetivas no meio e em nós mesmos. Além de refletir sobre as diferentes motivações do deslocamento a partir dos verbos que se relacionam com o viajar.

Primeiramente tomo alguns autores que me inspiraram em viagens paradas diante dos livros e do teclado do computador, para fazer uma deriva teórica pelos conceitos de deslocamento, viagem, mobilidade, aventura e errância. Coloco a pulsão do desconhecido com a engrenagem do movimento da humanidade e de formação das civilizações. Carlos Rodrigues Brandão, Henry David Thoreau, Michel Maffesoli foram os que mais me influenciaram, a partir de seus pensamentos errantes, a me enveredar pelos sendeiros da intersubjetividade do homem e do meio, pelas descobertas de uma identidade movente que se releva através dos espaços vividos na transitoriedade, pelas experiências objetivas do corpo na conformação subjetiva de culturas.

Percebo que viajar ajuda a descobrir onde estamos e quem somos. A revelar-nos a partir das paisagens que se revelam a nós. As viagens seriam formas encontradas para revisitar nossas próprias “paisagens” subjetivas (paisagens perceptivas, paisagens imaginárias, paisagens mentais, paisagens da memória) e redescobri-las com outros significados, atualizados pelas novas configurações que o deslocamento continuamente produz.

O que orienta um viajante é a construção de si enquanto indivíduo aberto, autonomizado, reflexivo, ampliado, fluido. A viagem, além dos motivos objetivos que a impulsiona, serve como modo de expressão da pessoa, assim como de orientação da trajetória seguida por ela, em direção à construção de sua própria cartografia, uma biocartografia dos espaços vividos.

A viagem atua para que conheçamos nossa própria geografia. Neste caso, a palavra geografia desafia o geógrafo a abarcar-se em territórios mais subjetivos. Falo então, de geografias de vida, de cartografias afetivas, de como os lugares ajudam a construir a noção de pessoa; da relação intrínseca e sentimentalmente entrelaçada do homem com o meio – a *topofilia*²; e da importância do deslocamento para a construção de um espaço aberto, geralista, geral e interior.

O viajante se coloca às avessas do espaço. Percorre a travessia de fronteiras entre a permanência e a impulsão, entre alteridade e individualidade, entre a partilha e o exílio, entre o vivido e o imaginado. Ele se posiciona como expectador do mundo e relaciona todos os fenômenos vistos, a partir de sua percepção imaginativa. Assim como um etnógrafo, geógrafo, filósofo ou naturalista, um viajante procede nos espaços, mais querendo receber deles, que modifica-los.

Tomando a imaginação como uma categoria do conhecimento, ao experienciar³ os lugares, sensível a seus afetos e diacronias, o viajante produz Geografia ao mesmo tempo em que constrói a si mesmo. Ele dá voz aos fenômenos do espaço geográfico, vivenciando-os e produzindo conhecimentos a partir deles. Constrói mapas subjetivos a partir de seus espaços de vida, posto que, a memória dos homens muitas vezes está associada à memória deles nos lugares.

A viagem, portanto é contato e fruição de diversas linguagens, é a muita movimentação dos afetos que se deslocam e chegam a nós. Sabendo que chamo de afeto aquilo que nos afeta por sua afetabilidade e afetuosidade. Leia-se afecto. Tudo aquilo capaz de causar uma afetação vem de uma natureza afetiva, e resulta em uma transformação

2 O geógrafo Yi-fu Tuan (1980) chama de *topofilia* a relação de nossa afetabilidade com o espaço simultaneamente dado e transformado, que constrói o mapa que orienta nossas percepções, conhecimentos e comportamentos, uma vez que pensamos situados no espaço e em termos deste.

3 Tuan propõe uma diferença entre experimentar e experienciar. Neste caso, experienciar significa influir sobre a ação, atribui-la significado: “Assim a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (TUAN, 1983, p. 10).

perceptiva. Desse modo, um mesmo território se desdobra em vários outros a partir da percepção evocada num dado tempo e espaço.

“Existir e viajar se confundem” (NUNES, 2009, p. 70). As descobertas do indivíduo se relevam pela viagem da vida, pelo transcurso dos espaços e encontros e desencontros do caminho. O viver é uma travessia. Na maioria das vezes se viaja aberto às referências, tudo pode acontecer: “assaz o senhor sabe: a gente quer passar o rio a nado e passa, mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso?” (ROSA, 2006, p.26).

Vivendo de momento a momento, de lugar a lugar, sem a compreensão da linha temporal e sinuosa que liga todos os momentos e todos os lugares da existência, só percebemos saídas e entradas, idas e vindas. Mas a viagem redonda, a travessia das coisas – que é vivência e descoberta do mundo e de nós mesmos, nessa aprendizagem da vida em que o próprio viver consiste – a viagem-travessia que transvive na lembrança, constitui o saldo imponderável das ações, que a memória e a imaginação juntas recriam. (NUNES, 2009, p. 74).

Uma travessia inclui questões geográficas, morais, filosóficas, perceptivas. A viagem coincide às vezes com a solução próxima de um conflito moral ou espiritual. Por isso em muitos cultos e religiões faz-se peregrinações em busca ou em agradecimento de uma graça. Como a que acontece no vale do Rio São Francisco no município de Bom Jesus da Lapa, durante a festa do santo de outubro ou mesmo na romaria de Água Suja em Minas Gerais.

Poder-se-ia dizer que a tensão do peregrino sobre a terra é um estado, um estado de alma, sem dúvida um estado incitando a errar, a sucumbir, a viver o excesso e a escassez, mas graças a isso encontrar uma plenitude de ser: plenitude que dá a intensidade vivida no presente: outra maneira de dizer eternidade. (MAFFESOLI, 2001, p. 160).

Seja no contexto religioso ou em qualquer outro, pode-se afirmar que o deslocamento pelo espaço reconfigura a identidade daquele que se move, pois somos seres que nós estabelecemos no mundo em relação ao espaço-tempo que nos abriga e que abrigamos em nós. Inferimos no espaço ao mesmo tempo em que somos inferidos por ele. Não se trata de uma abordagem inatista do humano, nem tampouco a ideia de que somos tábulas rasas e que vamos sendo moldados por uma cultura unicamente externa. Creio que existe cultura

biológica introjetada no comportamento humano e está se define pela linguagem. A linguagem é ao mesmo tempo, espontânea e articulada. É através da linguagem que tentamos traduzir nossas emoções.

Humberto Maturana, biólogo chileno propõe uma biologia do amar e do conhecer como formação humana. Para ele o conhecimento é uma construção da linguagem e conhecemos aquilo que toca o percepto de nossas emoções, ou seja, ele sustenta que a linguagem se fundamenta nas emoções e é a base para a convivência humana e constituição de relações homem-homem e homem-meio. Em entrevista concedida aos Professores Mércia Helena Sacramento e Adriano J. H. Vieira, durante o seminário comemorativo dos 10 anos do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Brasília, ele diz:

Tenho transformado os substantivos *linguagem* e *emoção* em verbos, para fazer referência, para conotar que aquilo que eles significam ocorre no fluir do conviver. Não são coisas, não são elementos isolados porque ocorrem no fluir, a linguagem ocorre no fluir do lingüejar. Não está na palavra, não está no objeto, está no fluir do viver em coordenações de coordenações. O mesmo ocorre com a emoção.
(MATURANA, 2012, Disponível em:
<http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm>)

Para ele, as emoções definem o espaço relacional no qual ocorrem nossas ações, o que se diz, pela linguagem. Então, o mesmo gesto, o mesmo movimento vai ter um caráter ou outro segundo a emoção que o origina. O mesmo discurso vai ter um caráter ou outro segundo a emoção a partir do qual ele foi gerado, de onde ele se faz. As culturas são redes fechadas de conversações que produzem a configuração do emocionar, é nessa rede fechada de conversações e convenções que vão formar o caráter da cultura. Por isso é a emoção que guia, no fundo, o fluir histórico.

Derivamos nossas emoções a todo o momento, e pode-se dizer que nossas emoções estão conectadas com nosso aparato sensório-cognitivo-motor. Cristhine Greiner, professora do curso Artes do Corpo da Puc-SP, diz que nosso “emocional-associativo e o sensório são explicados como as diferentes possibilidades de relação do corpo com as informações que vem de fora e são internalizadas, tratando de processamento de emoções como ignições de

movimento”. (2005, p. 19) Dessa forma, quanto mais nos movimentamos, nos deslocamentos pela superfície da Terra, mais trocamos com ela.

O movimento e a construção subjetiva de mapas parecem então, duas atmosferas integradas e espontâneas da existência humana. O movimento é “imortal em nós: o movimento pode mudar, mas não pode morrer.” (BACHELARD, 2001, p. 47). Em movimento criam-se mapas mentais⁴, existenciais e afetivos como um próprio processo de reconhecimento da memória de si e dos lugares e de si nos e para os lugares.

Porque con frecuencia los mapas se van trazando de acuerdo con las historias personales, pues, es verdad que el origen del mapa se encuentra en la tempranísima necesidad humana de trasladarse de un lugar a otro, de describir el camino que conduce de un lugar a otro y que salvaguarda el regreso a casa [...] (DIEGO, 2008, p. 43).

A viagem é o deslocamento de identidades no fluxo de uma cartografia perene da vida, cujo mapa não está finalizado, mas sempre em continuidade. Os mapas são individuais⁵. Depende de como cada corpo reage ao espaço, daquilo que escolhem para o enquadramento: aquilo que elegemos colocar no quadro de nossa paisagem é o que nos afeta e nos modifica. “A destinação de uma viagem não cessa de coincidir com o núcleo do ser e da identidade”. (ONFRAY, 2009, p 79). Deste modo, a escolha do destino da viagem é a do gosto dos sentidos e do imaginário. Onde mais estes crescem e vibram:

Nós somos feitos da tensão fecunda entre fragilidade dos territórios que nos constituem, nos sedentarizam e a força da magia do nosso corpo vibrátil, que acolhe a vida e todos os seus movimentos e nos faz nômades. (ROLNIK, 2006, p. 189)

O “corpo vibrátil”, termo usado pela psicanalista e curadora de arte, Suely Rolnik em seu livro “Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo” (2006) designa a abertura sensível do corpo, que se manifesta como um canal de passagem de todas

4 Ana Luiza Martins Costa em seu artigo João Rosa, viator afirma que: “Rosa retira pedaços reais do sertão e as recompõe livremente – de maneira análoga aos mapas mentais, que nascem da memória afetiva.” (COSTA, 2008, p. 338).

5 Apoio minha afirmativa no pensamento de Harley (apud Diego, 2008, p. 51) diz que: “para poder reflexionar sobre un mapa es imprescindible conocer las circunstancias y las intenciones de quien lo realizó, dado que cada mapa posee una autoría en el tiempo y en el espacio.

as intensidades e frequências do espaço, adotando diferentes referências sensíveis, para compor uma cartografia continua dos movimentos do desejo.

O corpo está sempre em movimento, mesmo na pausa. Ele está sempre em formação, em devir. O espaço ainda está sendo construído. A cada nova informação, o corpo assim como a paisagem, se atualizam e se modificam. Este movimento sempre conduz a um fluxo de informações externas, que são processadas internamente pela percepção; melhor dizendo, uma informação objetiva é colocada em reação com as esferas afetivas do homem, traduzindo uma informação em algo único e pessoal, que é a *memória*.

Um método de estudo possível para conceber as subjetividades que configuram um espaço, diante das suas sensações como caleidoscópios e percepções que ele traz, seria o estudo dos *fenômenos*, que abordam a atualidade sensório-cognitiva do homem ao instante, em que interage, a seu modo, com o espaço. Esta teoria seria a *fenomenologia*. Método que numa definição resumida se comprometeria em abordar como os efeitos psicossensoriais estimulariam a memória a criar um significado imediato diante daquilo que é dado-a-ver e dado-a-sentir pelo espaço. Assim, utilizo as teorias fenomenológicas de Merleau-Ponty, Bergson e Bachelard.

Esta pesquisa também se ocupa de investigar as experiências sensíveis e retroativas do corpo no espaço, que imprimem no indivíduo características objetivas, que se tornam particulares pela subjetividade. Damásio (apud GREINER, 2003, p. 47) compreende que: “A fonte da subjetividade está sempre ligada à imagem de um organismo durante o ato de perceber e responder a uma entidade externa.” Um corpo é, pois, sempre dual. Possui sua objetividade que o considera apenas enquanto organismo, funcional e padrão em comparação a outros homens e possui também sua subjetividade, que tem a ver com a história pessoal, com o sentido estético, condições psíquicas e culturais, que determinam, em grande parte, os modos de vida do indivíduo.

Neste caso, *corpo* é entendido como território em primeira escala, pois “antes de estabelecer relações com o meio, estabelece relações em si mesmo, registrando imagens que são inseparáveis de seu fluxo de vida”. (TUAN, 1983, p. 39) Ele, então, seria o registro de uma fisiologia introjetada de cultura e subjetividade.

Os diferentes estados corporais são ativados por fluxos de imagens, pela comunicação, pela dramaturgia, pelas ações comunitárias. Tais estados nos levam à construção de novas paisagens sobre uma mesma ou várias leituras de um espaço e vários modos de ‘estar’ num espaço.

São as cognições, as leituras internas e externas da paisagem, que determinam o comportamento nos espaços, seu modo de agir diante de um determinado cenário e de uma determinada cena, que somado a ações que se repetem com frequência, dizem de sua cultura.

A consciência corporal, ou o estabelecimento do corpo em si como um fenômeno, se faz indispensável para o estabelecimento de uma “cartografia dos nossos desejos”, que, segundo Merleau-Ponty (1980), é a orientação de nossos movimentos e construções sociais. Com a consciência encarnada e um potencial perceptivo aguçado, o homem estabelece uma unidade com o espaço, gerando inferências mútuas nos seus processos de formação e construção. Cito o antropólogo David Le Breton em seu livro: *Antropología del Cuerpo y Modernidad* (1990), para acrescentar sobre esta ideia, quando diz: “El hombre bien encarnado (en el sentido simbólico) es un campo de fuerza poderoso de acción sobre el mundo y está siempre disponible para ser influido por éste.”(LE BRETON, 1990, p. 33).

O pensamento também é considerando como fluxo de informações entre o interior e o exterior (o corpo e o espaço), entre informações biológicas e intelectualizadas. Processos tais, que são apresentados ao corpo simultaneamente à ação. O que resume a máxima, de que *pensamos com o corpo*, e sempre em movimento: “O infinito somatório das percepções

vividas e, depois, mescladas e guardadas como lembrança está em permanente movimento.” (BRANDÃO, 1998, p. 57).

O homem constrói a si ao mesmo tempo em que constrói o espaço. A imagem do espaço reflete o homem. E tal espaço desemboca em outras categorias sensíveis da Geografia, que podem ser recriadas a partir paisagens imaginárias, territórios oníricos, lugares do devaneio, ambientes da poesia.

Merleau-Ponty escreveu que “a obra de pensamento é como a obra de arte, pois nela há muito mais pensamento de que aqueles que cada um de nós pode abarcar.” (*apud* BOSI, 1994, p.21). O filósofo francês Gaston Bachelard considera que haja uma *fisiologia da imaginação* estruturada pelos quatro elementos vitais, a terra, o fogo, a água e o ar. Tomando este último para explicar alguns fenômenos da *imaginação do movimento*, o filósofo diz: “Efetivamente com o ar o movimento supera a substancia. Não há substancia senão quando há movimento.” (BACHELARD, 2001, p.9) Ao comentar sobre o poeta Blake, Gaston Bachelard lança a pergunta: “De que substancia é feito o pensamento?” (BACHELARD, 2001, p. 79) E ele, logo contesta resumidamente: “O pensamento é feito do ser criado por seu movimento.” (Ibidem).

Uma viagem é um giro de referências. A partir da mobilidade do corpo tem-se o deslocamento de dados físicos e imaginários, sobre aquele que viaja e sobre os novos lugares descobertos. As memórias surgem com o movimento, a partir da experiência direta do corpo através do deslocamento. A cada nova informação recebida, a memória se recategoriza numa ordem continua, de acordo com o fluxo da vida. Carlos Brandão ao lembrar Bergson diz: “Toda a percepção está carregada de recordações; está empapada de lembranças.” (BRANDÃO, 1998, p. 56). As categorias perceptivas não são imutáveis e se modificam sob o efeito de comportamento. Experienciamos o mundo desde nosso arsenal de memórias.

Tuan (1983) propõe uma diferença entre experimentar e experienciar. Neste caso, experienciar significa influir sobre a ação, atribui-la significado: “Assim a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender, significa atuar sobre um dado e criar a partir dele.” (TUAN, 1983, p. 10).

A viagem e o seu registro fazem da vida uma aprendizagem. Certa vez perguntou a um filósofo onde era seu gabinete, ele introduziu o interlocutor a um escritório e disse: “esta é minha biblioteca, no entanto meu gabinete está lá fora, ao ar livre”. Henry David Thoreau, pensando norte-americano, agitador do século XX, defendia a vida selvagem e ao ar livre, nas suas palavras:

Viver ao ar livre, no sol e no vento produzirá sem dúvida uma rudeza de caráter, fará com que uma cutícula mais grossa cresça sobre algumas das qualidades mais finas de nossa natureza como no rosto e nas mãos, ou como o trabalho manual severo pode roubar às mãos a sua delicadeza do tato. Ficar em casa, por outro lado, pode produzir uma suavidade e maciez, para não dizer finura, da pele, acompanhada por uma sensibilidade mais apurada para certas impressões. Talvez devêssemos ser mais suscetíveis a certas influências importantes para nosso crescimento intelectual e moral, se o sol tivesse brilhado e o vento soprado sobre nós um pouco menos; e, sem dúvida é recomendável proporcionar um equilíbrio entre pele grossa e pele fina. Mas acho que é uma crosta que cairá com rapidez, que o remédio natural será encontrado entre a noite e o dia, o inverno e o verão, o pensamento e a experiência. Assim haverá muito mais ar e sol em nossos pensamentos. As mãos calejadas dos lavrados são muito mais íntimas que dos tecidos finos do amor próprio e do heroísmo, cujo toque faz vibrar o coração, do que os dedos languídos da ociosidade. É mero sentimentalismo ficar na cama de dia isento do bronzado e dos calos da experiência. (THOREAU, 2006, p. 73).

O antropólogo, o geógrafo, o geólogo, o biólogo, o viajante, o pensador-andante ou o poeta. Todos eles fazem de seus ofícios e estudos, o meio e a relação intersubjetiva com ele. Cada qual possui uma direção que norteia sua observação *in situ*, no entanto todos se convergem naquilo que toca o corpo, enquanto receptáculo e mídia de informação e de cultura do lugar. Transformam o espaço em lugar na medida em que elencam subjetividades que se identificam e que se dialogam.

Assim corpo e meio se relacionam a partir do movimento. Durante uma viagem, o espaço, admitindo sua dinamicidade inerente, queda-se parado, enquanto somos nós os que o

movemos e lhe atribuímos à ideia de movimento. O espaço está em uma plena movimentação quieta e é nossa percepção quem a revela.

A percepção é também uma grande responsável por nossa construção do real, dado que se admite uma infinidade de percepções que diferem e se correlacionam para dar conta da complexidade da existência. Desde que a vida deixou de ser expressamente natural e que os códigos de linguagem se desenvolveram determinando o cultural, ou seja, desde que há humanidade, a pluralidade de percepções e a tentativa de reduzi-las em convenções coletivas, códigos de comum acesso, muito das subjetivações mais particulares se reduziram aos padrões. Os modelos de vida e os modos de habitar passaram a ser um modo a mais de controlar os desvios de sentido desinteressantes aos dominantes. Até mesmo o modelo turismo que encontramos pelo mundo e suas instruções de viagem alimentam a estrutura de poder do consumo e da desigualdade social. Para viajar, se programa, se reserva, organiza-se a mala, tudo de modo a tentar prever como será a experiência futura no local para o qual se desloca. A imprevisibilidade é temerosa. Carece-se de coragem, de coração ação.

As viagens típicas e seu arsenal de vestes estivais, guias turísticos, mapas e planos urbanísticos, souvenirs, agenda “cultural” do local visitado condicionam a experiência do viajante a encontrar só aquilo que lhes é permitido ver. Há então, uma tentativa de condicionar a experiência do turista. No entanto aquele que sai fora do *script*, aquele que se entrega à errância, encontra as vias e as marginais, descobre não só local, geral e homogêneo, encontra brechas no terreno da ação, vão por onde se encontra, se perde e encontra, faz do local um lugar.

Maffesoli (2001) discursa então de uma viagem do cotidiano, de um olhar estrangeiro frente ao conhecido, da possibilidade da surpresa, da afinação da sensibilidade nos processos de intersubjetividade com o meio. A viagem passa a ser então, o deslocamento de outros

referentes que não apenas a travessia física entre territórios, mas uma mobilidade que nos permite também projetarmos imaginativamente a outros lugares.

O desejo de partir, o sonho de terras livres, o ímpeto do exílio, da fuga, de domesticar o que é estranho, a atração do novo, a curiosidade do longínquo são feitos comuns aos homens que impulsionaram a história da humanidade a conformar o mapa mundial que hoje se conhece. Maffesoli (2001, p. 32) postula que “o desejo da errância é um dos polos essenciais de qualquer estrutura social.” Foi graças à curiosidade e a inquietação dos povos que terras foram sendo ocupadas e culturas foram sendo construídas. Thoreau (2006) faz a metáfora do desejo do “oeste”, uma direção simbólica na rosa dos ventos: “cada crepúsculo que testemunho me inspira com o desejo de ir para um oeste tão distante e tão belo quanto aquele que o sol se põe. Ele parece migrar para o oeste todo dia e nos incita a segui-lo.” (THOREAU, 2006, p. 86). “O oeste que falo não é outro nome senão para a vastidão” (ibidem, 2006, p. 92).

Assumir a vastidão e a infinidade do espaço gera uma dialética no espírito humano: o sentimento de expansão conflita com a de permanência, a evasão com a pertença. Dessa forma, fazem parte da viagem, a partida e a chegada. A experiência do ser se completa neste movimento. É fundamento do homem ser de algum lugar, comunidade, casta ou clã e ter ligações íntimas com estes e no entanto ensejar outra parte. Seja por necessidade (econômica, política ou social no caso das migrações e imigrações de trabalho) ou por uma vontade surgida na alegria de descobrir outros lugares, e descobrirmos a nós mesmos a partir deles, sem contradizer nossa essência. Aqueles que se vão geralmente carregam consigo o lugar de origem somado aos novos lugares que passam a conhecer. Dessa forma vamos construindo o que poderia se chamar de uma “geobiografia” ou uma “biocartografia” do sujeito em função de seus espaços de vida, seja onde nasceu ou onde se sinta pertencente.

Reitero estas ideias com um trecho destacável da obra *Caminhando de Thoreau* (2006), amplamente mencionada aqui:

Se a lua parece maior aqui que na Europa, provavelmente o sol parece maior também. Se os céus da América aparecem ser infinitamente maiores, e as estrelas mais brilhantes, creio que estes fatos são simbólicos da elevação que a filosofia, poesia e religião dos seus habitantes possam um dia atingir. A longo prazo talvez o céu imaterial parecerá muito mais altos à mente americana e as intimações que a estrelam muito mais brilhantes. Pois acredito que o clima reage assim sobre o homem – como se houvesse algo no ar da montanha que alimente o espírito e o inspire. Não crescerá o homem para uma maior perfeição, intelectual, bem como fisicamente debaixo destas influencias? Ou não é importante a quantidade de dias nebulosos em sua vida? Acredito que seremos mais imaginativos, que nossos pensamentos serão mais claros, mais frescos, mais etéreos, como nosso céu, nosso entendimento mais compreensível e amplo, como nossas planícies; nosso intelecto geralmente numa escala mais grandiosa, como nosso trovão e nosso relâmpago, nossos rios, montanhas e florestas, e nosso coração até corresponderão em largura e profundidade a mares internos. Talvez apareça algo ao viajante, ele não sabe o que, loeta e glabra, de jubiloso e sereno, até mesmo em nossos rostos. Caso contrário para onde vai o mundo e porque a América foi descoberta? (2006, p. 89, 90).

“O vagabundo decide por que lado ir quando chega à encruzilhada; escolhe o nome de sua próxima paragem lendo o nome das terras indicadas à beira das estradas.” (BAUMAN, 1995, p. 100).



Figura 1: Fotografia da autora. Marrocos, 2009.

1.2. O viajante

*Pois
isto é sintoma de estar-se abrigado: tomar-se como centro do mundo.*
(FLUSSER, 2007, p.28)

Há pessoas as quais o que importa é a quietude, a conformidade com suas memórias pessoais, com seu nicho definido e cultivado de velhos amigos. Satisfeitos com o que já viveram e experimentaram. Eles elegem um só lugar para estabelecer morada, para apreender a realidade. No entanto, há outra natureza de homens, que nasce sob o signo da *errância*, são aqueles que possuem o ethos do movimento.

Vivem uma realidade de mudanças e transformações. Conhecem a monotonia ritmada da paisagem vista desde um trem ou um automóvel. Conhecem também velocidade compassada dos pés. Sentem a topografia do chão. O balanço do mar desde um navio. A presença das nuvens nas turbulências de avião. Seus pertences são poucos e os que foram acumulados pelo caminho se dispersam em diferentes endereços de passagem. A estes sujeitos e suas implicações se dedica este estudo.

Experimentam um gênero de panteísmo pagão e reencontram o rastro dos deuses antigos. “Deuses das encruzilhadas e da sortem da fortuna e da embriaguez, da fecundidade e da alegria, deuses das estradas e da comunicação, da natureza e da fatalidade.” (ONFRAY, 2009, p. 14) Solicitam “uma abertura passiva e generosa a emoções que advém de um lugar a ser tomado em sua brutalidade primitiva, como uma oferenda mística e pagã”. (ONFRAY, 2009, p. 59)

São seres de fronteira. Constroem a casa no território das bordas, margens e beiradas, onde se sabe que se pousarão por poucos dias ou sem nem saber predestinar o tempo de permanência. Praticam o exercício de interiorizar a morada, de incorporar a totalidade da casa e os estados corporais do trabalho e do devaneio que o lugar íntimo propõe em quaisquer que sejam as condições que se apresente no percurso.

Trazem na pele trocas porosas com diferentes solos. Pulmões abertos para diferentes ares e densidades. Conhecem e se reconhecem em aglomerações e vazios. Não se sentem apinhados nos territórios, até mesmo porque não conhecem seus limites. E quando um contexto não lhes convém – fora os casos de exílio e expatriação – eles se deslocam para outra parte.

Estabelecem o próprio tempo pela *duração* e não pela cronologia convencional. Essa duração se desenrola no espaço e é um meio indireto para medir o tempo.⁶ São transgressores pelo modo de vida que assumem. Privilegiam muitas vezes o ócio e a solidão, que a vida social do trabalho e do tempo fragmentado. Walter Benjamin (1991) chama de “passeio sem destino”, uma espécie de protesto que assumem contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção. Opõem-se também ao turista despretenso, aquele que é definido como incapaz de gerar qualquer tipo de conhecimento. (CLIFFORD, 1997). Os viajantes, que aqui abordo, legitimam suas baldanças⁷ pela criação de conhecimento de si e do espaço, a partir da escrita de relatos, nos quais: “o espaço adquire um sentido emocional ou mesmo racional, por uma espécie de processo poético, o mesmo pelo qual as terras distantes vazias ou anônimas são convertidas em significado para nós.” (SAID, 2007, p. 92)

A criação de escritos de viagem é o percurso do desejo o qual segue este viajante. A memória relatada se manifesta como o mapa afetivo dos espaços vividos em deslocamento. Mas antes de tentar entender a tradução da viagem no relato, há que se perguntar o que é viagem?

¿Un rizo, un rodeo deformando el curso lineal de una vida? ¿Un accidente de la duración? ¿Un acontecimiento aleatorio ya inspirado o impuesto? ¿Una vocación?

5 Em Bergson (1990), o comprimento de um tempo não representa o valor de uma duração.

6 No Grande Sertão: Veredas, o próprio nome do narrador/personagem, Riobaldo, encontra-se presente a palavra rio. Rio, que designa o fluxo e a movimentação da água, e baldo que evoca a palavra “baldanza”, traduzível, segundo a sugestão do próprio João Guimarães, “como saborear preguiçoso”. No nome está assim, secretamente inscrita a disposição íntima que tende a abandonar-se as experiências da vida do sentir, do imaginar em seus sonhos e devaneios.

¿Un rito? ¿Una peripecia, una ruptura, un bulto particular de la curiosidad, o entre otros, un modo de aprendizaje, una forma de fuga, un remedio para el placer? (CLIFFORD in: Reynoso, 1998, p.78).

Uma viagem não é somente uma ação, ela é acompanhada de uma interpretação, seu conteúdo é político e é pessoal. Atua nas *micropolíticas do desejo*⁸. Acompanha a construção da(s) história(s) e dos espaços. Tomo aqui, a viagem, pelo conceito mais simples encontrado, aquele que é a motivação de uma pessoa ao sair de sua casa, para se deslocar para outro lugar: “Travel, as i use it, is na inclusive term embrancing a range of more or less voluntarist practices of leaving home to go to some other place” (CLIFFORD, 1997, p. 66).

São diversos os motivos que levam uma pessoa a viajar e todos eles são de interesse objetos de estudos das ciências humanas. A viagem é um campo de intersecção entre diferentes epistemologias. A sociologia, a antropologia, a linguística, a geografia. Todas estas ciências ensinaram e ensinam, em algum momento, refletir sobre os deslocamentos. A ênfase principal sempre foi acerca de estudos sobre deslocamentos forçados, como (i)migrações, expatriações, exílios, gentrificações. Mas há também novos estudos, de uma antropologia pós-moderna (JAMES) e de uma geografia humanística ou poética (DARDEL), que contemplam o viajante individualista, diletante, vagamundo, que não atende nenhuma demanda externa social, mas que é político, ao passo em que sua ação vai de encontro ao sistema e repercute como uma ode à errância.

A errância, desse ponto de vista, seria a expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos. Sentimento trágico da vida, que desde então, se aplicará a gozar, no presente, o que é dado ver, e que é dado viver no cotidiano, e que achará seu sentido numa sucessão de instantes, preciosos por sua própria fugacidade. É possível que seja isso esse hedonismo relativo, vivido no dia-a-dia, que caracteriza melhor essa forma de intensidade social e individual, essa febre dirão alguns, delimitando bem a estranha atmosfera do momento. (MAFFESOLI, 2001, p. 29).

⁸ Nome do livro de Suely Rolnik sobre uma viagem que empreendeu junto de Felix Guatarri pelo Brasil, no qual assim como Villém Flusser em *Bondelos*, relata diálogos com interlocutores que ajudaram a tecer os deslocamentos que compõem uma biocartografia de suas vidas em situação de deslocamento.

O desejo da errância é um dos polos essenciais de qualquer estrutura social. É o desejo de rebelião com a funcionalidade, contra a divisão do trabalho, contra uma descomunal especialização a transformar todo mundo numa simples peça de engrenagem na mecânica do sistema. Assim se exprimem “o necessário ócio, a importância da vacuidade e do não-agir na deambulação humana.” (MAFFESOLI, 2001, p. 33).

É que o nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que o move é coisa totalmente diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de pulsão migratória incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidades de facetas de sua personalidade. (MAFFESOLI, 2001, p. 51).

Antes o viajante era apresentado por uma missão que o levava adiante. Era o marinheiro, o mercador, militante, médio, sábio, colonial, corresponsal, embaixador, emissário ou missionário. Estas profissões conferiam e ainda conferem um caráter de funcionalismo e utilitarismos nas deambulações. Colocam o viajante na posição do *Eu-Isso*, discutido por Martin-Buber que admite a existência do ser em relação a alguma coisa, um ente institucional, uma função social, que se contrapõem ao *Eu-Tu*, que coloca o indivíduo no “entre” da relação com outra pessoa. Buber se explica:

Eu-Isso é proferido como sujeito de experiência e utilização de alguma coisa. A inteligência, o conhecimento conceitual que analisa um dado ou um objeto é posterior a intuição de ser. *Eu-Isso* é posterior ao *Eu-Tu*. O *Eu* do *Eu-Isso* usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se adiante dele, ordená-lo, estrutura-lo, vencê-lo, transformá-lo. Este mundo nada mais é que objeto de uso e experiência. (BUBER, 2001, p.33).

Quando o viajante admite uma função ao ir, seu verbo que o descreve então, torna-se o precisar. *Navegar é preciso, viver não é preciso.* (Fernando Pessoa) O cálculo das provisões não mensuram os imprevistos da viagem; tal como no urbanismo, o uso que se faz um espaço projetado é imprevisível ao arquiteto. O projeto quando transposto ao uso público pode assumir novas funções dado o caráter de *surpresa* (FERRARA, 1988) que está sempre presente no uso que se pode fazer dos espaços. A espontaneidade do homem sobressalta qualquer planejamento. E neste sentido, entre precisões e imprecisões, somo mais três

palavras, sonoras entre si, que também descrevem a viagem: provisões, imprevistos e improvisos.

A provisão existe mesmo entre os nômades. Dificilmente alguém está num lugar sem saber o nome da localidade a qual se encontra. Qualquer conhecimento prévio já é um tipo de provisão. Nas viagens científicas se faz um levantamento de dados da região, no turismo se levanta os restaurantes e centros culturais. E estes levantamentos fazem aumentar o desejo de pulsão: “na viagem, descobre-se apenas aquilo de que se é portador. O vazio do viajante gera a vacuidade da viagem; sua riqueza produz a excelência dela.” (ONFRAY, 2009, p.26) O próprio nome das cidades visto desde um mapa, já é um começo para incitar os devaneios dos lugares.

“Quanto mais distante uma imagem, mais ela cresce.” (Paul Nougé, tradução minha, apud DIEGO, 2008, p. 14) O mapa também é um ativador de potências do corpo, que chamam o indivíduo a se deslocar. A invisibilidade do volume real, da linha tracejada na geometria dos mapas, convida a curiosidade do homem a ver as paisagens que beiram as estradas, a densidade das matas nas trilhas - o espaço além de sua representação.

Observar um mapa é fazer um sobrevoo pelos lugares em miniaturização. É poder, em uma estância, ter o espaço todo às mãos. Percorrer centenas de quilômetros com as pontas dos dedos. Um atlas é uma abertura à viagem da imaginação. Ao desconhecido tudo lhe cabe. E ao vazio lhe cabe a ocupação. Inevitavelmente o homem atribui significado sobre o ermo, ele imprime ali uma expectativa, uma cultura e uma linguagem.

Mas, de que modo dizer o mundo com um mapa, Que o contenta tão somente em representá-lo e reduzi-lo a convenções. Afinal, quem é que determinou o que é Norte e o que é Sul, com todas as consequências que esta implicação acarreta? A geometria dos territórios e seus perímetros, se quer, consegue abarcar a dimensão de suas totalidades, dos interstícios da relação dos homens com eles, a dimensão do sagrado que há em alguns espaços?

O artista uruguaio Joaquín Torres García mostra em um desenho de 1935, o contorno da América Latina invertido no mapa, o qual intitula de “La Escuela del Sur”.

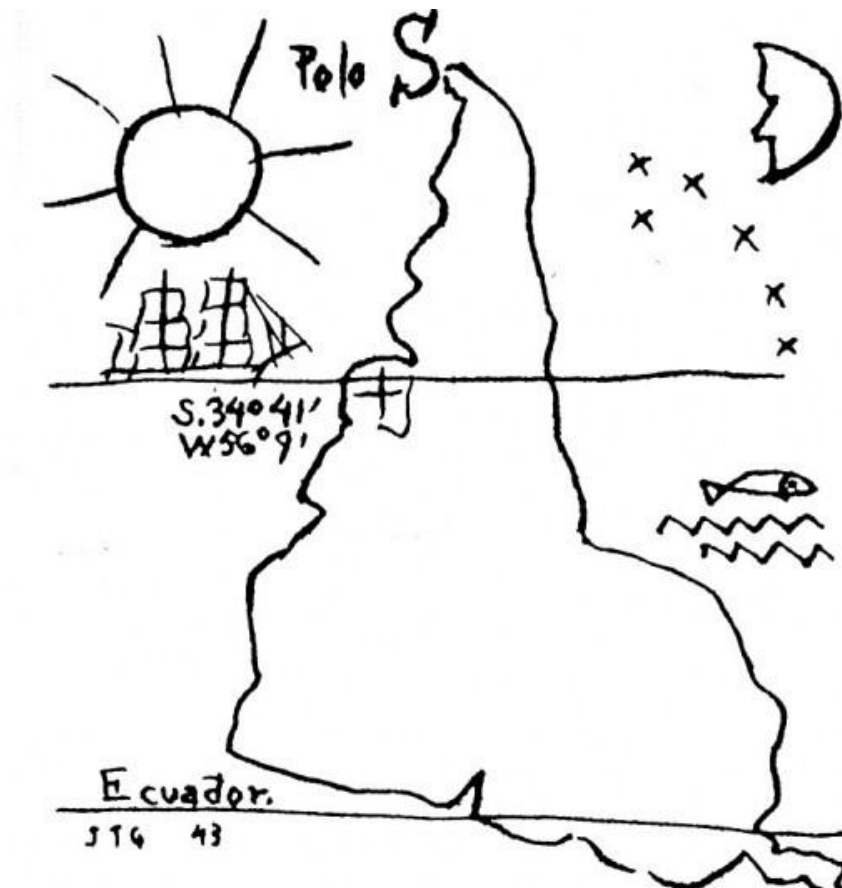


Figura 2: GARCÍA, Joaquín Torres. *La Escuela del Sur*. 1935.

Todo mapa pressupõe uma narrativa, é concebido em função de um itinerário.

El mapa geográfico en su forma más simple no es el que hoy nos parece más natural, es decir, el que representa la superficie del suelo como vista para un ojo extraterrestre. La primera necesidad de fijar sobre el papel los lugares va unida al viaje, es el recordatorio de la sucesión de etapas, el trazado de un recorrido. (DIEGO, 2008, p. 61).

Esta redução de sentido aos lugares, dos mapas, atlas e guias turísticos não é bastante ao viajante inteiro, apto à “totalidade do encontro” (BUBER, 2001). A aquele que se coloca em dialogicidade com os fenômenos da viagem, rochas, animais, monumentos, situações e principalmente outros humanos. Tim Ingold (2012) menciona estudos interculturais do homem com outras espécies animais e cita Espinosa ao escrever sobre o homem em seu

estado de devir-animal. Assim, contrariando Geertz, e os postulados escritos sobre cultura em *A Interpretação das Culturas*, ela não seria um fato apenas humano, sendo nós humanos passíveis de criar cultura a partir dos animais (INGOLD in: STEIL, CARVALHO, 2012) Para que ele consiga assimilar com mais totalidade sua experiência, bem se faz colocar-se diante do mundo como um sujeito Eu-Tu, de que discorre Martin Buber:

Para que o evento da palavra-princípio Eu-Tu seja dialógico é necessário o elemento da totalidade. Totalidade não é a simples soma dos elementos da estrutura relacional. Esta totalidade se vincula à totalidade do próprio participante do evento. Esta totalidade do Eu (...) deve ser entendida como um ato totalizador, uma con-centração em todo o seu ser. (BUBER, 2001, p.33).

Seria necessário, ao conhecer os espaços, percorrer todos os seus locais para assim, tomá-lo em sua totalidade; ou a escolha de uma via para se caminhar lentamente poderia ser a parte tomada como um todo, como numa metonímia? Caminhando pelos campos e pela cidade jamais acabamos de possuir sua imagem do espaço inteiro. Segundo ideias de Argan: “um fragmento de realidade realiza de modo trágico nossa existência fragmentada, o drama de nosso estar-no-mundo e, no entanto, estranhados pelo mundo” (2005, p. 98). Na escala do corpo, o horizonte é o limite dos territórios. Até onde alcança o olhar.

A soltura do corpo é necessária ao exercício do deslocamento. O nomadismo exige um corpo ágil, eficaz, flexível e forte. “O animal desembaraçado, o corpo material, a alma atônica, os órgãos sensuais, o simulacro físico, a graça fisiológica – eis os instrumentos do poeta e do artista ativados no viajante.” (ONFRAY, 2009, p.64) O filósofo, Michel Onfray, com outras palavras descreve a totalidade da presença do viajante e de sua vinculação primeira com seu corpo – que é primeira arquitetura, primeira morada, “primeiro território” (TUAN, 1983). Princípio de onde vem a percepção e a leitura da própria existência. “O corpo ampliado, a solidão existencial, a metafísica da alteridade, a estética encarnada” (ONFRAY, 2009, p. 109) são características dos *viajantes diletantes*.

A diversidade de modelos de viagens: turismo, trabalho migratório, exílio, colonialismo, localizações múltiplas de uma população dispersa - pessoas e objetos em

circulação (temporária ou não) transportam uma identidade que é vivida, reinventada, contada, traduzida, negociada, no encontro com outras. Viagens e contatos transnacionais de pessoas, coisas e meios de comunicação que não desembocam numa direção histórica única. O futuro das culturas não é singular e homogeneizante e a escrita desses trânsitos também não deve ser. “Spatial practices of travel and temporal practices of writing have been crucial to the definition and representation of a topic – the translation of ongoing experience and entangled relationship into something distanced and representable.⁹” (CLIFFORD, 1997, p. 57).

A *interpretação* é o que diferencia as viagens legitimadas e as viagens diletantes. Enquanto uma se projeta para o diálogo entre o indivíduo e os espaços visitados; a outra se define pela não responsabilidade de se gerar conhecimento. Ainda que ao viajar este seja um feito difícil, pois o deslocamento, mesmo a lugares ermos de significados como os desertos, implica, nem que seja, um conhecimento de si mesmo, já que “existir é sair de si, é abrir a um outro, ainda que através de uma transgressão”. (MAFFESOLI, 2001, p. 32)

Todo mundo é de um lugar e crê a partir desse lugar ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente. (MAFFESOLI, 2001, p. 79).

Sair ao território alheio, em todos os casos, além de ser uma via de ilusão sobre o que se mostra a conhecer, se bifurca na possibilidade de valorização do território deixado. O ‘partir’ retifica as qualidades da terra natal. Lembra-se com apego esta memória brincante da criança que descobriu seu quintal, seu bairro, sua cidade e de repente eles se tornaram menores.

Flusser se pergunta: “posso descobrir a minha própria cultura, já que isto é descobrir-me a mim próprio? Ou será que a descubro apenas depois de havê-la abandonado, isto é, ter-me abandonado a mim mesmo?” (2007, p. 68). James Clifford (1997) entende a viagem como um deslocamento, mais ou menos voluntário, de sair de um lugar para ir a outro. O

9 Práticas espaciais do *viajar* e práticas temporais da escrita têm sido cruciais para a definição e representação de um tema - a tradução da experiência em curso em um relacionamento enredado em algo distanciado e representável. Tradução minha.

antropólogo norte americano propôs que encaremos o terreno de análise como um itinerário. O terreno é entendido como espaço móvel, o espaço em que a dupla etnógrafo-informante se acha localizada. “A estranheza do mundo condena a satisfazer-se com a familiaridade mais imediata, aquela que cada um de nós mantém em seu âmago”. (ONFRAY, 2009, p. 80).

Para Edward Hall, em seu artigo Proxemics, o uso da percepção que se faz dos espaços é a categoria mais complexa e fundamental na hora de classificar grupos culturais. (apud DIEGO, 2008, p. 57, tradução minha) O contexto de duas ou mais culturas dentro das quais se encontra o viajante deve procurar ser sintetizado dentro de si próprio, em meio a tantas andanças, e depois fazer com que a presente cultura, venha substituir as anteriores na sua forma de estar no mundo: incorporado a uma *cronotopia* - condições de tempo e espaço-das situações. “The fieldworker was a homebody abroad (CLIFFORD, 1997, p.69); “fieldwork as an embodied spatial practice.” (Ibidem, p. 53).

Construir a casa ou o campo *field*, no território estranho, bastar-se em seu próprio corpo e com o pouco que carrega, sem lhe faltar o que lhe é necessário no percurso. E acumular conhecimento de si, dos lugares e dos outros, de vivência em vivência, interagindo com os novos hábitos e símbolos culturais que se apresentam no percurso-decurso dos lugares passados, ou talvez, habitados efemeramente.

Descobrir aquilo que já foi descoberto é também poder contar este lugar por si mesmo. Apropriar dele pela escrita pessoal. Ditá-lo com suas impressões recriadas num relato é ter a possibilidade de vaguear de novo pelos lugares onde foram escritos. Tal como acontece com a imagem retida na fotografia, segundo descreve Flusser em Filosofia da Caixa Preta:

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o ‘antes’ se torna ‘depois’, e o ‘depois’ se torna o ‘antes’. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o do eterno retorno. (FLUSSER, 2002, p.8).

O registro tanto na fotografia quanto na escrita permitem de revisita e a rememoração da experiência. Esta noção de viagem está articulada com a emergência de uma

biocartografia, que descreve e mapeia as pessoas, os lugares e seus modos de vida mais que refletem a experiência e as memórias daquele que as escreve. O antropólogo Clifford James diz “I have carried out the fieldwork in a variety of places” (1997, p. 57).

Contraponho duas classificações de viagens, as *legitimadas*, aquelas que apresentam motivos razoáveis para a sociedade. Como a viagem de conquista, a viagem científica, a viagem por tradição cultural (ciganos, berberes), as viagens por missionarismo, pregantismo, exílio, militância, obrigações diplomáticas (embaixador, cônsul, desembargador) ou demais profissões que implicam deslocamento. Em contrapartida, as viagens *diletantes*, da errância, da vagabundagem, do boêmio, flanêur, do viajero romântico e do nômade solitário, do anacoreta. “Hay un nómada curioso que se contenta solo con viajar. Este sujeto de acuerdo a la moral establecida resulta peligroso” (CLIFFORD, in: REYNOSO, 1998, p.27).

Viajar supõe, portanto, recusar o emprego do tempo laboriosos da civilização em proveito do lazer inventivo e alegre. A arte de viajar induz uma ética lúdica, uma declaração de guerra ao espaço quadriculado e à cronometragem da existência. A cidade obriga ao sedentarismo através da abscissa espacial e de uma ordenada temporal: estar sempre num determinado lugar num determinado momento preciso. Assim o indivíduo é controlado e facilmente identificado por uma autoridade. Já o nômade recusa essa lógica. (ONFRAY, 2009, p.14)

A viagem apresenta suas funções, mas às vezes suas contingências extrapolam as estratégias e razões legitimadas do deslocamento. Alguma coisa além do previsto pode surpreender mais que uma obstinação ou conhecimentos sem experiência indicado em mapas e guias tão preconizado nas viagens de turismo. Desvios estão sempre presentes na ordem do dia.

1.3.Os verbos e nomes do viajar

Pensemos naquilo que move um povo, um grupo humano ou uma pessoa a sair de, a partir, a viajar, trabalhamos aqui a partir (sem trocadilhos) de uma pergunta simples: quais são os verbos que mais têm a ver-com, que designam, que qualificam, que classificam, que descrevem, o complexo ato de se sair, de ir-se, de partir, de ir embora, de viajar, de errar, de andarilhar, de refugiar-se?

Ao invés de partir de sujeitos ou de identidades de errantes-viajantes, tomaremos aqui o caminho de uma coletânea de qualificadores de múltiplos deslocamentos, e dos motivos pessoais e/ou sociais das viagens, onde possivelmente se possa chegar a um desdobramento bastante mais alargado da viagem enquanto experiência que conduz a uma narrativa geográfica, instaurada no deslocamento em si dos sujeitos.

Para tentar contar, explicar, interpretar uma viagem, em um primeiro momento juntaremos aos verbos-do-ir algumas palavras que procuram dar um sentido aos próprios verbos. Pois se por algum motivo alguém "vai", "parte", "viaja" - ou mesmo "faz-se de vela", como diziam antigos navegantes. Quais são os seus motivos? Quais seriam os motivos que nos permitiriam, pelo menos em um primeiro amplo plano, reuni-los em categorias de viajantes. Entre um verbo e um substantivo, um adjetivo, advérbio ou mesmo outro verbo, vê-se adiante duas perguntas: O que é ir? E por que (ou em nome do que ou de quem) se sai de onde se está e se vai?

Quem tenha prestado atenção ao léxico e ao lógico das diferentes línguas que nos são mais próximas, poderá verificar que talvez em quase todas as línguas exista uma pluralidade muito grande – exagerada talvez – para uma mesma ação: sair, ir, partir, viajar.

Ao reunir alguns verbos estaremos diante de qualificadores de ações, como: *ir, ir-se, esvair-se, sair, partir, viajar, vagar, aventurar, abandonar, peregrinar, vagabundear, deslocar-se, fugir, avançar, impulsionar, migrar, emigrar, errar, exilar-se, refugiar-se*. A

coleção de verbos de quem vai poderia aumentar ainda. Poderia ser, por exemplo, acrescida dos vários verbos que sugerem como-se-vai: *caminhar, correr, percorrer, rodar, navegar, voar, galgar, subir*, e assim por diante.

Na outra ponta (ou quem sabe? Na “terceira margem do rio”), estão os verbos de ações de quem, depois de haver ido, viaja e/ou em algum momento, chega. Assim temos: *chegar, vir, arribar, pousar, concluir, aportar, encontrar, descobrir, conhecer, conquistar, atingir, ser acolhido, refugiar-se, esconder-se, descobrir-se, viver, conviver*.

A meio caminho, entre quem vai e quem chega, podemos lembrar as ações ou não-ações - de acordo com os mestres taoístas, alguns deles grandes viajantes - de quem fica. Eles poderiam ser: *estar, ficar, deixar-se ficar, restar, permanecer, morar, viver em, fixar-se*.

Finalmente, como boa parte dos que “vão e viajam” algum dia “voltam”, podemos completar nossa relação com palavras que sugerem justamente o retorno: *voltar, retornar, reencontrar, rever, fazer-se acolher*. Existe mesmo a expressão antiga: “torna viagem”, para a feliz viagem de volta.

Por outro lado, pensamos que em quase todas as línguas, pelo menos as do Ocidente, existem muito mais palavras qualificadoras para aquele que vai, do que para quem fica. Estejamos atentos para o fato de que o oposto da palavra “viajante” é uma estranha e quase nunca usada palavra: “ficante”. Existiria outra palavra para aquele ou aquela que fica e espera (ou não) quem partiu? Quais palavras poderiam formar pares de opostos com: viajante, errante, peregrino, navegante, romeiro, turista, refugiado, exilado, fugitivo, ou mesmo o neologismo: “trotamundo”?

Finalmente, o viajar, talvez desde eras imemoriais, implica o “deixar os meus e o meu mundo e aventurar-me”, podemos imaginar que existam bem mais expressões corriqueiras para despedir alguém que parte do que para saudar, no momento da despedida, aquele ou aquela que fica. Quais seriam as respostas para: “boa viagem”, “vai com Deus”,

"Deus te acompanhe", "volta logo", "breve retorno"? Alguém conhece algo como: "boa ficagem?" Sim, por certo existe a fórmula corriqueira e piedosa: "fica com Deus", que troca um verbo para corresponder ao "vai com Deus".

Para efeitos deste estudo classificatório, pode-se colocar num ponto extremo, um "caminho de alternativas do viajar". Aqueles movidos atribuídos a um máximo de desejos voluntários de ir, de partir, de viajar. Pelo prazer da viagem em si mesma, ou pela vontade de chegar a algum lugar de natureza, de sociedade ou de ambos, como ponto final da viagem de turismo. No ponto oposto extremo devemos colocar aqueles que, ao contrário, partem, deslocam-se, ou são forçosamente deslocados de onde estavam, e viajam devido a um máximo de imposição contrária às suas vontades. Os que desde eras imemoriais são "roubados de suas terras" e obrigados a viajar para a morte, como nos campos de extermínio nazistas, o exílio ou a escravidão devido a alguma modalidade de ato-de-força.

Aqueles a quem se obriga a partir, solitária ou coletivamente, através de um gesto de poder ou de um ato de violência. Violência direta, como na expulsão de um povo de suas terras, sob a ameaça de morte. Violência indireta, como ocorre agora com palestinos em Gaza, ou refugiados sírios. Na sequência de uma trajetória de barbárie que se repete, e mesmo em algumas situações, dramaticamente, se intensifica em nossos dias, nos lembra, que ainda hoje povos inteiros são expulsos de suas terras ou são levados à força para lugares de exílio, desterro ou escravidão.

A história recente do próprio Brasil repete com variações às desventuras de povos ou frações de povos aprisionados como escravos, tal como sucedeu com a "diáspora negra" de africanos trasladados das Áfricas para as Américas. Pessoas, famílias, grupos étnicos, culturais, religiosos, mesmo nos dias de hoje são obrigadas a deslocarem-se, forçadas seja por acidentes naturais ou, mais ainda, devido a guerras, violações de acordo ou expropriações de territórios.

Hoje se vive em uma era em que, em planos opostos, ao mesmo tempo em que aumenta exponencialmente o número de turistas, cresce de igual maneira o número de exilados, de expropriados, de refugiados. Segundo cálculos recentes a Organização das Nações Unidas, são cerca de 85 milhões as pessoas desalojadas a força de seus locais de origem. Um número não muito diferente daqueles que, no polo oposto a cada ano partem de suas casas e lugares de vida para "fazer turismo".

A oposição entre quem parte por uma obrigação imposta, por *ter que ir, ter que partir, ter que deslocar-se, ter que viajar* e quem vai pelo *desejo-de-ir* e quem parte pelo *prazer-do-viajar* deve ser a base de qualquer tentativa de qualificação das razões-do-ir.

Ora, entre estes dois supostos ou reais viajantes-extremos, o diletante e o viajante forçoso. Outros atores movidos por, ou praticantes de outros verbos aparecem para ajudar a pensar outras categorias de viajantes. Pensemos agora na pequena multiplicidade daqueles que viajam por um dever de partir. De um partir de onde se está ou onde se vive, para sempre ou por algum tempo, neste caso, com um retorno previsto.

Partir por dever. O gesto pessoal ou coletivo de quem a sós, em pequenos grupos ou mesmo em coletividades maiores, parte de onde está e viaja em princípio devido a um compromisso que dita o motivo, a direção e o tempo da viagem. De saída aqui se estabelece uma dicotomia evidente: Se sai-e-vai porque se deve a alguém que não a si-mesmo o partir e viajar; ou sai-e-vai por um imperativo interior, pessoal e supostamente livre. Isto, quando partirmos do suposto que o "natural" na vida humana seria o ficar-onde-se-está. E sempre que sai é devido a algum motivo que sugere, convida, convoca ou obriga o deslocamento. Fica quem pode ficar; vai quem deve ir. Menos no pensar das pessoas a quem o livre poder ir e viajar não se abre aos desejos do aventureiro e nem aos prazeres do turista.

Devendo a outros (uma pessoa, um grupo, uma instituição profana ou sagrada, uma missão, um exército, uma pátria) o dever-ir, ou mesmo *dever-de-ir*, é necessário qualificar

minimamente os verbos de termos da dualidade sugerida aqui. Podemos pensar que quem vai, parte e viaja, vai *por dever*. Mas neste *ir-por-dever* uma pessoa pode estar se deslocando, em sua dimensão de totalidade e reciprocidade em que o sujeito se encontra quando se coloca no mundo como *Eu-Tu*.

por labor: para realizar na viagem a sua própria profissão, pois há pessoas cuja ocupação central na vida é vivida através de viagens, em alguns casos a sós, em outros, mais comuns, levando em algum objeto móvel ou outras pessoas. Os vaqueiros numa comitiva de bois, o piloto de aviões e as comissárias de bordo, o comandante de um navio e seus marujos, um caminhoneiro ou um motorista de ônibus são seus exemplos. Um guia de turismo ou mesmo um guia de "esportes de aventuras" podem ser exemplos mais "modernos".

por fazer: para que a viagem se realize como um feito-em-si-mesmo. Ou, na imensa maior parte dos casos, para realizar algo concreto e definido no lugar de destino. O descobridor, o conquistador e o colonizador do passado, assim como o migrante voluntário de um país a outro, tanto quanto um pedreiro que viaje de um lugar a outro para edificar uma casa, são bons e conhecidos exemplos.

Esta modalidade de viajantes que se segue em seu ir-e-viajar não possuem na própria viagem o sentido ou o motivo do haver partido. Ao contrário - embora ambos possam estar viajando no mesmo navio - para o descobridor (mesmo quando um navegante), o conquistados, o colonizador, o migrante, a razão do deslocamento está para além da viagem. Está onde ela finda. Está no destino a que ela conduziu quem partiu e viajou. Está definidamente em uma "chegada a", onde não interessa o entremeio. A um ponto de destino; um lugar natural e/ou social da razão de ser de seu deslocamento.

Há de se destacar personagens conhecidos e, alguns deles, já mencionados aqui. Entre Colombo, Cortez e os peregrinos ingleses do passado ou os migrantes italianos do Sul do Brasil existe uma diferença evidente, entre as suas semelhanças. Colombo, expedicionário,

viajou quatro vezes e depressa retornou quatro vezes ao porto de destino porque seu destino era partir-chegar-a, descobrir-e-retornar. Teria permanecido por mais tempo se houvesse chegado ao Cipango de suas fantasias?

Cortez veio com a intenção de desbravar, conquistar, tomar posse e efetivar um domínio. E depois retornar ao Reino de Espanha. Já os peregrinos e, mais tardes, os migrantes de Europa às Américas, vieram em uma viagem-sem-volta. Vieram não para descobrir e nem para conquistar (pois creio que os peregrinos ingleses não se consideravam conquistadores, mas colonizadores), mas para estabelecer um lugar. Ou, se quisermos rememorar Yi-Fu-Tuan (1983), para criar dentro de um espaço fluido e caracterizado pelo movimento, o lugar da pausa, da identidade e da comunhão com o espaço.

Partir por crer: para tornar uma realidade vivida e visível uma fé, uma crença, um acreditar em, de caráter religioso, confessional ou não. Entre a categoria acima e esta poderia estar situado o missionário do passado e do presente. Aquele que viaja em nome de uma missão conservacionista, ou para trabalhar em um hospital na África, como os Médicos Sem-Fronteiras. Ele vai em geral devido a um dever-ir devido a uma instituição que vai da igreja católica à sua congregação religiosa. No entanto, esta dívida-a-um-outro, só faz sentido em função de uma experiência de partilha de crença, traduzida como um imperativo pessoal de fé. Talvez bastante mais lembrado hoje em dia, é peregrino, sobretudo em função da recente popularidade do Caminho de Santiago e da proliferação de novos "caminhos da fé", inclusive aqui no Brasil.

Partir por saber: por conhecer, por pesquisar, para dever ir buscar fora de onde se está, o contexto natural (geologia, botânica, primatologia) ou cultural (antropologia, arqueologia) de um saber cujo acesso impõe a viagem. Uma viagem que se torne ela própria a situação e o cenário do viajar-por-saber, ou que conduza a um ou mais de um local de destino onde o objeto, ou os sujeitos de tal saber estão. Humboldt e sua geografia descritiva poética. Charles

Darwin a bordo do Beagle, como um cientista que se envolve com uma demorada e perigosa viagem apenas pelo afã de visitar lugares, conhecer espaços de natureza explorável como e pelo conhecimento, e buscar dados e fatos para estabelecer não um domínio, mas uma descoberta.

Sabemos que quase ao mesmo tempo em que a Europa começa a exportar cientistas - primeiro da natureza, depois da sociedade e da cultura - aos "novos mundos" descobertos, categorias novas de viajantes que depois se tornarão extremamente frequentes em nossos tempos, começam a surgir com um marcante aumento demográfico: o viajante intelectual não-cientista e quase sempre solitário, o mesmo a que Clifford James (1997) chama de *sophisticated tourist*; do poeta errante, ao músico em busca de novas sonoridades e outros mestres em "terras estranhas"; o turista, crescentemente coletivo e, mais adiante, as variantes antigas e atuais de vagamundos e trota mundos.



Figura 3: *Movimentação na Praça Central de Marraquesh - série Andare a Spasso. 2009.*
Fotografia da autora.

Vale recordar que no passado, de algum modo e com variantes que se estendem aos nossos dias, o navegante descobridor, o desbravador, o conquistador, o colonizador, foram atores-autores do viajar mais lembrados e celebrados. A partir das experiências de Marco Polo, outros viajantes se engajaram em novas buscas e o relato de viagem se tornou uma literatura recorrente o século XVI.

Em nossos dias, ao mesmo tempo em que a NASA prenuncia para um futuro não distante, novas categorias de "exploradores oficiais" com destino a Marte e, mais adiante, a quem sabe onde no espaço, o descobridor do passado, coletivo e agenciado, em boa medida transforma-se no aventureiro solitário ou de pequenos grupos, ao redor de oceanos, em busca dos polos ou à procura dos últimos "rincões não explorados da Terra".

Outro indicador de diferenças poderia separar, mais do que opor, entre os que *vão-por-dever* – através das viagens legitimadas que mencionei anteriormente - aqueles que mesmo quando não profissionalmente obrigados a deverem contratualmente o seu viajar a outro (a rainha de Espanha, a Ordem de Cristo, a Companhia das Índias Ocidentais, uma confraria de corsários), e aqueles que viajando mesmo quando não são originalmente obrigados a viajar, devem a partir de um momento a sua viagem a outros. Devem-na a partir de um momento contratual, na posição de pessoas voluntária-contratualmente, obrigadas ao seu deslocamento, como sujeitos individuais ou coletivos de um projeto de viagem que, uma vez aceito, contratado e patrocinados, os obriga a viajar. Aí estão Colombo no passado, Almir Klink e Carlos Rodrigues Brandão hoje, que em duas semanas viaja quase o mesmo que uma pessoa viaja por um ano ou mais.

Assim, retornando ao gradiente do imaginário fluido - a partir da ponta mais impositiva do viajar e distante ainda da ponta mais volitiva, entre o escravo ou o expatriado e o turista ou o trota mundo, pode-se dispor, respeitando uma ordem decrescente de imposição ou de dívida-ao-outro: o viajante profissional condutor frequente de outras pessoas ou de

objetos; o viajante obrigado a uma ou mais viagens eventuais "a serviço"; o viajante autor-ator de um projeto de viagem de aventura, de pesquisa, de peregrinação e diferenciadamente obrigado contratualmente a viajar a sós, em pequenos grupos ou em nome de um projeto aprovado.

Em direção a vocações mais volitivas do ir, partir, viajar, nós nos encontraremos com diferentes modalidades de viajantes – entre o errante e o turista – e aqueles que se deslocam por uma questão pessoal ou coletiva de crença, de fé em alguém ou em algo. Penso tomar a sua variedade verbal e autoral como um exemplo e eles nos esperam desde a linha, ou o trecho de viagem a seguir.

CAPÍTULO 2: DESLOCAMENTOS (DES)PRETENCIOSOS: DEAMBULAÇÃO E TURISMO

2.1. Corporeidade

*Lugares e tempos – o que há em mim que vai ao encontro de todos
[eles,
Seja como for ou onde eu for. e me fazes sentir em casa?
Formas, cores, densidades, odores – o que está em mim que
[corresponde a eles?
(Walt Whitman, p. 280)*

Com os verbos do ir se descobre novos locais, mas o que, sobretudo descobrimos é a nós mesmos a partir desses novos referenciais que se interpelam ao caminho. O espaço não é um atributo dado previamente. O que se postula aqui, é que o espaço seja ao mesmo tempo, um fenômeno objetivo e subjetivo, pois a forma como o apreendemos passa por uma interpretação individual, mais ou menos partilhável através das convenções. Interpretar um lugar é subjugar-lo baixo os próprios valores e memórias; e transmiti-los pela ferramenta da linguagem.

O andar, na perspectiva estética (CARERI, 2002), seria um instrumento capaz de descrever, modificar e atribuir significado ao espaço. No contexto urbano, a Internacional Letrista, que posteriormente se tornara Internacional Situacionista, grupo de intelectuais que trocavam informações através de correspondências de teor revolucionário, teoriza que através do andar dar-se-ia um verdadeiro encontro com a poesia, e está se manifestaria como uma expressão do lugar, dando-lhe voz e representação, semelhante à de um processo cartográfico.

Más allá de la estética, toda la poesía se encuentra en el poder que tendrán los hombres durante sus aventuras. La poesía se lee en los rostros. Por eso, es urgente crear otros rostros. La poesía está contenida en la forma de la ciudad. Construyamos la subversión. La nueva belleza situacional, lo cual significa provisional y vivida realmente. La poesía significa tan solo la elaboración de unos comportamientos absolutamente nuevos y de unos medios con los cuales apasionarse. (CARERI, 2002, p. 98).

A impulsão de entregar-se ao sonho imaginado, a abertura a novas possibilidades de realidade, são potências, privilégio do poeta e do viajante. Bachelard dizia: “Outras naturezas, as dos verdadeiros poetas, fazem reviver as imagens mais banais: escutem! No próprio vazio

de um conceito eles fazem repercutir o bulício da vida” (BACHELARD, 2001, p. 105). O poeta dota de sentido o espaço que percorre. Mapeia suas percepções a cada verso. Busca a vastidão de natureza e de espírito; a satisfação do caminho percorrido. O corpo repleto de espaço. “Meu corpo é um monte de sensações, não tem forma definida, ou história, ou não é corpo, só sensações. Talvez seja como a argila crua, sem forma. O chão é sensível aos movimentos, ou talvez eu seja sensível ao chão. No próximo passo posso cair no nada.” (RODRIGUES, 1997, p. 152).

Nonada. Riobaldo foi um que correu sertão, foi viver lances de muita vida e também de morte, mudou de nome, tornou-se Tatarana em comunhão com o cavalo Siruiz e depois decidiu aconchegar-se num sítio às beiras do Rio João Francisco e narrar suas histórias, andando, ou sentado numa varanda com florezinhas brancas plantadas por sua Otacília, seu amor de prata. Prataria da casa mineira, branca e de feições arredondadas. O movimento da volta, do sossego, do descanso, do refúgio completam a impulsão da errância. A preocupação com uma vida marcada pelo qualitativo, o desejo de quebrar o enclausuramento e momentos de novas busca do exotismo e do interno, representam outra vez, simultaneamente, a dinâmica do exílio e a da reintegração.

Dentro e fora: “o sertão é dentro da gente e está em toda parte” (ROSA, 2001). O espaço sempre nos envolve, por isso ao estar nele, voluntária ou involuntariamente, passa-se a pertencer. É possível tentar não interagir e não deixar-se afetar muito, mas qualquer postura que se adote, seja a de passividade ou de agenciamento, incita a um prolongamento da vida no espaço que o circunda. O corpo é o meio de propagação desses prolongamentos feitos de afetos e memórias.

Neste mundo vivido há “um prolongamento entre o corpo e os objetos, entre o corpo e outros corpos, e nestes uma existência que habita ambos.” (PALLADIN, 1996. p. 26). Relacionar-se com o mundo, nesta perspectiva, é vir a habitá-lo. E a partir dele, captar as

coisas sob as faces que se apresentam. Coisas estas, que no encontro com o sujeito, tornam-se moradas abertas aos sentidos. A noção temporal será compreendida pela fenomenologia, ao considerar o objeto entendido em todos os tempos, como é entendido em todas as suas partes, isto é, a partir de um horizonte, onde cada momento testemunha todos os outros, o passado, o presente e o futuro, como o impulso do vir-a-ser.

A partir desse artefato biológico que se constrói no e a partir do meio, se insere uma linguagem gestual e verbal, que abarca, através de sua corporeidade. O mundo social, político, cultural, as memórias e tensões do coletivo são sentidas e conformadas a partir da natureza cultural do corpo.

O homem age com, na, e a partir das condições biológicas deste corpo, que por sua vez está indissociavelmente agregado às condições culturais imbuídas pelo meio. Corpo, cultura e espaço, portanto se constroem juntos e se manifestam na linguagem.

Terry Eagleton (2005) propõe sua definição de cultura a partir da etimologia da própria palavra. Sendo filósofo e linguista, ele associa o termo cultura à origem de seu emprego como *cultivo*. Ele entende que a civilização começou a se organizar estruturalmente a partir da domesticação das ervas e o início da agricultura:

Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz (EAGLETON, 2005, p. 11).

Percebe-se nesta afirmação uma relação de troca entre o biológico e o social: são as ações transformadoras do corpo no espaço e o espaço com suas influências, moldando o corpo que o habita.

Uma palavra que se relaciona com cultura no campo da religião – como será discutido no capítulo Eu-Peregrinus - é sua derivação, *culto*, enquanto cerimônia, ritual, que vem do verbo latim *colere*, e também significa cultivar. Portanto, os cultos como uma manifestação

de uma cultura específica, também são cultivados pela vivência e atribuição de significados, valores e símbolos àqueles fenômenos que se percebem pelos sentidos e intelecto.

Vejo o corpo como a linha de intersecção do homem com o mundo, é ele que permite ao homem vivenciar suas experiências intelectuais, espirituais, sensíveis, e é a partir de sua incorporação em sua forma-morada que ele se conecta com os lugares. Fazendo do próprio corpo primeira morada, ou primeira arquitetura, seguem-se de outros abrigos: a vestimenta, o quarto, a casa, o terreiro, a comunidade, a cidade, o país, o continente, o planeta, as constelações. O corpo é o primeiro território do homem. (TUAN, 1983) E cada território determina uma corporeidade, que por sua vez, expressam cultura.

Além de ser um campo para experimentação de si mesmo e elemento de significação e sentido das coisas, atribuídos pela percepção e afeto de cada indivíduo, o corpo é uma figuração temporal da sociedade, é a manifestação do indivíduo no encontro com o outro. É a figura da interferência, é símbolo da transformação, do movimento. Está exposto a mudanças, a interferências do cotidiano, a padronização, a repressão, ao preconceito, ao impacto informacional do mundo contemporâneo, mas ainda assim carrega a história de seus antepassados, preserva raízes originais e se adapta para sobreviver em meio tantas contradições. (NORA, 2004).

Para entender, no entanto, as ações corporais que são repetidas no cotidiano social de um tempo-espço, ou seja, as ações que definiriam a experiência de viver ou frequentar um lugar - os hábitos e as cerimônias, o trabalho, o lazer, a ocupação do tempo e demais atividades simbólicas; se faz necessário ir mais além do conceito de corpo, buscando suas derivações no termo *corporeidade*, que expressa *um panorama do corpo num contexto sócio espacial determinado* (GREINER, 2005).

A partir da corporeidade podem-se ressaltar as manifestações do corpo, que revelam as condições históricas, geográficas, antropológicas e políticas de uma sociedade. O corpo que se

vê, é um receptáculo de memórias culturais. É no deslocamento de informações do corpo e do meio, do individual para o coletivo, que a cultura se instaura num campo mais subjetivo de análise, o da ordem sensível:

O conhecimento sensível é um desafio à análise objetivista, pois opera pela incerteza, pela imprevisibilidade, aberto a configuração de novas possibilidades em torno da produção do conhecimento ao considerar que a experiência vivida é tecida a partir de sua realidade orgânica e simbólica. A compreensão do humano é ampliada ao considerar sua existência, desvelando saberes do corpo, marcados, por exemplo, em sua gestualidade, redimensionados ao patamar de conhecimento. (DIAS, 2011, p. 3).

Pode-se classificar o corpo ao mesmo tempo, como material e imaterial. A partir dele se abarca um intrincado de subjetividades: vivências, relações, narrativas, histórias pessoais recontadas pelo tempo, histórias de outros, recontadas na própria vida do sujeito, expressas materialmente no corpo, em suas manifestações como a oralidade (observando não só aquilo se conta, mas ‘como’ se conta), na dança (com as coreografias tradicionais que são relidas pelo corpo de cada um), nas refeições (observando não o que se come, mas como se come). Considerando que todo modo de fazer, implica na herança do passado e nos modos de vida que caracterizam as ações em um determinado contexto, de forma que a cultura se associe a modos de fazer, particulares de um povo ou de um lugar.

Alguns, de vertente estruturalista diriam que cultura se define por sua oposição à natureza e que toda ação humanizadora da natureza é uma ação cultural. No entanto, como pensar em uma dicotomia entre natureza e cultura se até nossa noção de natureza já é por si culturalizada? Uma vez que passa pela linguagem ela é individual, mas também é social; é objetiva, mas também é subjetiva.

Entre povos de uma mesma região, pessoas tendem a se comportarem igual e, quem sabe, até possuir uma gestualidade que os distingam entre si; “En la corporeidad sociabilizada, se aplican los principios culturales a través de un proceso de adquisición mimético práctico, en la cual se imitan las acciones de los otros utilizando la propia motricidad sin pasar por el discurso racional.” (ISLAS, 2001, p. 18).

Entre regiões apartadas, a globalização se encarrega de disseminar a cultura corporal através de imagens. Na maioria das vezes, imagens folclóricas ou imagens estereotipadas. Pierre Bordieau em seu ensaio “La Creencia y el Cuerpo” desenvolve esta ideia quando afirma que:

[...] todas las estructuras y valores sociales se transmiten a los individuos por la organización de lo físico, social y corporal: la división del trabajo, la división de los sexos, la estructuración del espacio habitado por jerarquías entre cosas, personas y prácticas. Es posible por tanto clasificar las culturas a partir del estilo de las técnicas del cuerpo por ella adoptadas, según ejes de oposición que pondrían ser por ejemplo el de la amplitud, la energía, la redondez o angulosidad de los movimientos, etc. (BOURDIEAU apud ISLAS, 2001, p. 18).

Dessa forma, é através da atribuição de técnicas ao corpo que as estruturas sociais, chegam culturalmente, no interior dos indivíduos. “Se trata de un entramado político en donde, mediante las técnicas de movimiento distribuidas socialmente, las demandas sociales se instalan en el interior de los individuos a través de sus cuerpos” (ISLAS, 2001, p. 40). O corpo se manifesta como um artefato cultural.

A arquiteta Paola Berensteam, desde o contexto das cidades, chamou de *corpografias* um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta (BERESTEIN, 2010).

Caminhar, ir e vir, comer pouco e mal, beber muito ou não suficientemente, levantar cedo, deitar tarde para aproveitar ao máximo o lugar e as circunstâncias, todas essas ocasiões colocam o corpo num outro estado, mais frágil, mas também mais receptivo, esfolado, com a emoção à flor da pele, esmerado como um instrumento do alto valor, o corpo é como um sismógrafo hipersensível. (ONFRAY, 2009, p. 45).

Seja por cidades, metrópoles, cidadelas, campos ou espaços poucos desbravados sente-se o corpo violentamente. O sujeito existe na doçura de um instante vivido de modo “mágico, mirífico e magnífico”. (ONFRAY, 2009, p. 51).

A viagem, de fato, é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir mais vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar ou tocar com mais atenção – o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume. (ONFRAY, 2009, p.49).

Nos interstícios do corpo-social com o corpo-individual, do corpo-biológico com o corpo-subjetivo nasce o corpo-memória. E ele é o resultado de todo processo histórico, político e imaginário, da humanidade e do homem. Ao considerar o corpo como receptáculo e expressão da cultura, o corpo-memória se torna aquele que abriga várias culturas em diversas escalas estratificadas.

A escala do corpo e sua manifestação durante as viagens são resgatadas enquanto fonte de informação contextual e representação social, pois “a história de como se vê (ou representa) um corpo é inseparável de sua própria história no fluxo de vida individual e social” (GREINER, 2005, p. 20).

Assim, se assume a cultura estrangeira incorporando a em camadas que se misturam e se sobrepõem. Guimarães Rosa, a quem converso nesta dissertação no último capítulo, me dá sua voz a ler, ao dizer: “O que mais me influencia é a vida, a rua, o sertão. E tudo pode contribuir para me influenciar: uma lata de lixo, um lâmpada, uma farmácia, uma feijoada, um trombada, tudo.” (Instituto Moreira Salles, 2006, p.78).

Rosa encontra no cotidiano que constrói, como mineiro nas capitais brasileiras, estrangeiro na Alemanha, onde trabalhou no consulado de Hamburgo, Itália por onde visitou museus e monumentos, e nos tantos outros países que viajou a matéria vertente para sua criação de sua vida e seu trabalho, de seu labor enquanto poeta e escritor, pessoa que se é dada a sentir e observar. E em seus livros o relato literário reconta os dados científicos. A fronteira da literatura e da ciência se faz presente e o romance se torna uma fonte bibliográfica, pois “a literatura faz girar os saberes” (BARTHES, 2007, p. 49.)

Nenhuma linguagem, nem mesmo a partir do método etnográfico mais rigoroso, poderia abarcar o real, com objetividade e na sua totalidade, pois o real é uma construção mútua de subjetividade e concretude, que se faz conhecer na escala do corpo.

A cultura é responsável pelo estabelecimento de imagens representativas de uma sociedade, que influencia diretamente sobre a imagem particular que cada um faz para si. A capacidade de representação simbólica advém da subjetividade de um corpo - nos seus aspectos biológicos, sociais, políticos e culturais - em reação a entidades externas, na criação e transformação de imagens e, assim, recategorização da memória e do imaginário.

Num segundo momento de observação, atribuímos à natureza relações por nós criadas, num processo que é individual e coletivo ao mesmo tempo, no qual o corpo é o cerne da discussão.

Nossos gestos provêm do alcance do nosso tato e das expansões da fala, e estas são determinada pela dinâmica dos espaços, a estruturação e a disposição física, e uso dos lugares, que regula o movimento de nossos membros, nossa postura corporal (as filas de espera, as cabines de telefone, os meios de transportes lotados, os edifícios orgânicos de Oscar Niemeyer e nossa relação corporal com suas concavidades e convexidades, as Igrejas góticas e a sensação da pequenez humana debaixo de suas ogivas tão altas, etc.).

Na cidade e os poderes institucionais e ideológicos que nela se centram condicionam hábitos e comportamentos pré-estabelecidos, estabelecem uma espécie de cartilha de gestos permitidos e reprimidos no espaço público. O regulamento moral desses mesmos lugares impede qualquer extravaso das emoções e movimentos inesperados. São normas de condutas implícitas e que, às vezes, aparecem bem explícitas, como placas escritas com imperativos corporais, como “não pise na grama”, “não se debruce sobre o parapeito”, “não fume”.

Tais imperativos condicionam o comportamento do homem urbano a sempre buscar uma ordem preestabelecida para suas ações (que sejam aceitas e iguais), descartando a possibilidade que a espontaneidade dos instintos deixe-se valer por estados de criação, mas sim, por estados de submissão:

Em todas as partes bate-se continência diante da família, do casamento, do sacrifício, do trabalho, do inautêntico, ao mesmo tempo em que os mecanismos

homeostáticos simplificados e racionalizados reduzem as relações humanas a trocas equitativas de respeitos e humilhações. (VANEIGEM, 2002, p. 35).

Um método de estudo possível para conceber as subjetividades que configuram um espaço, diante das suas sensações como caleidoscópios e percepções que ele traz, seria o estudo dos *fenômenos* que abordam a atualidade sensório-cognitiva do homem ao instante em que interage ao seu modo, com o espaço. Esta teoria seria a *fenomenologia*. Método que se compromete em abordar como os efeitos psico-sensoriais estimulam a memória a criar um significado imediato diante daquilo que é dado-a-ver e dado-a-sentir pelo espaço. Mesmo que este significado possa ser efêmero e substituível.

Ocupa-se também de investigar as experiências sensíveis e retroativas do corpo no espaço, que imprimem no indivíduo características objetivas, que se tornam particulares pela subjetividade. Damásio (apud GREINER, 2003, p. 47) compreende que:

A fonte da subjetividade está sempre ligada à imagem de um organismo durante o ato de perceber e responder a uma entidade externa. Portanto, a subjetividade pode emergir de qualquer cérebro capaz de construir uma representação simples de si - mesmo, enquanto estrutura de corpo (ossos, carne, vísceras), e uma identidade singular da ação, que compreende as atividades cotidianas, a relação com os outros e as escolhas pessoais durante a vida. (DAMÁSIO, apud GREINER, 2003, p. 47).

Um corpo é, pois, no mínimo dual. Possui sua objetividade que o considera apenas enquanto organismo, funcional e padrão em comparação a outros homens. Possui também sua subjetividade que tem a ver com a história de cada um, com o sentido estético, condições psíquicas e culturais, que determinam, em grande parte, os modos de vida do indivíduo.

Neste caso, *corpo* é entendido como primeiro território do homem de acordo com as ideias de Tuan (1983, p. 39), pois “antes de estabelecer relações com o meio, estabelece relações em si mesmo, registrando imagens que são inseparáveis de seu fluxo de vida”.

O corpo está sempre em movimento, mesmo na pausa. Ele está sempre em formação, em devir. O espaço ainda está por construir. A cada nova informação o corpo, assim como a cidade, se atualiza e se modificam. Este movimento sempre condiz a um fluxo de informações externas, que são processadas internamente pela consciência, melhor dizendo, uma

informação objetiva é colocada em reação com as esferas afetivas do homem, traduzindo esta informação em algo único e pessoal, que é a percepção.

Segundo Greiner (2005), as capacidades e carências de um corpo são resolvidas, em parte, pelas atribuições do meio físico (principalmente as necessidades biológicas) e nas transformações propostas pelos agentes humanos para o conforto e adaptação à seus interesses, como a técnica e os instrumentos. Estes, culturalmente moldados e condicionados por um meio socioeconômico específico, se intitulam artefatos.

Milton Santos (2008) pretende uma via de renovação do conhecimento da sociedade por intermédio da análise do fenômeno espacial. Merleau-Ponty (1980) considera a fenomenologia como uma filosofia, que não faz distinção entre o papel atuante do sujeito que conhece e a influência do objeto conhecido - como ocorre no empirismo.

A consciência, então, é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre objeto para uma consciência. O objeto em si já é um fenômeno, sendo este aquilo que se mostra ou manifesta tal como é. Não é uma representação *posteriori*, pois ocorre antes dos mecanismos de lógica e de linguagem objetiva, ou melhor, antes de qualquer inferência cultural.

Marcel Mauss (1974) escreve um texto polêmico de sociologia intitulado “Técnicas Corporais”, no qual conclui que o corpo é um meio de linguagem e disseminação de cultura. Os atos tradicionais de transmissão oral - entendida esta não só verbalmente, mas também por imitação física, que não necessariamente passe pelo racional - são também modos de repassar e reelaborar uma cultura. Entre povos de uma mesma região, pessoas tendem a se comportarem igual e, quem sabe, até possuir uma gestualidade que os distingam entre si.

Entre regiões apartadas, a globalização se encarrega de disseminar a cultura corporal através de imagens. Na maioria das vezes, imagens folclóricas ou imagens estereotipadas.

Esta reconfiguração genérica do espaço a que o autor se refere é sempre uma representação simbólica da natureza em si. É sempre condicionada pelas relações sociais,

morais, econômicas, de parentesco, apresentadas em nível individual e coletivo, que também serão extremamente variáveis, pois dependerão do arranjo espaço-temporal e sociocultural aos quais tais relações estariam inseridas.

Ao levar em consideração, Clifford Geertz (1989) em seu ensaio “A Interpretação das Culturas”, concluiu em outras palavras, que *toda cultura é dinâmica*. Logo, acrescento que a cidade, em função de sua cultura, vive em constantes transformações e atualização. Manifestam-se através de diferentes ritmos, sons, cores, formas e fluxos, sejam de pessoas, veículos, informação, tecnologia, etc.

Sendo assim, o espaço não é considerado um dado estático, tão pouco anterior ao homem. É um artefato, um produto que se cria e recria inesgotavelmente numa escala temporal imediata e histórica. Interagir com o espaço no sentido de gerar situações de surpresa e estímulo poético é marcar um tempo de pausa, que faz do espaço geográfico, um lugar de afeto.

A partir da subjetividade e memória dos indivíduos, novos territórios se sedimentam sobre as tradicionais concepções de funcionalidade dos espaços, dando abertura a ressignificações estéticas e perceptivas.

2.2. Deambulações

Os vínculos com o ambiente e o entorno, e o estabelecimento de uma fruição e produção estética a partir do contato. (CARRERI, 2002). O fato de atravessar, instrumento de conhecimento fenomenológico e de interpretação simbólica do território é uma forma de leitura e apreensão do espaço.

El término recorrido se refiere al mismo tiempo al acto de atravesar (el recorrido como acción de andar), la línea que atraviesa el espacio (el recorrido como objeto arquitectónico) y el relato del espacio atravesado (el recorrido como estructura narrativa). (CARRERI, 2002. p.25).

O percurso, então, é entendido como mito quando é atribuído à religião, em romarias e peregrinações. É entendido como narrativa, quando aparece na literatura. Guimarães Rosa e Miguel de Cervantes são expoentes deste estilo; por fim, o trajeto é entendido a partir da ciência, quando se expressa em expedições. Humboldt e Saint Hilaire são geógrafos que sempre utilizavam os deslocamentos como método de estudo e de descrição geográfica.

O deambular artístico, assim como o mencionado acima, já foi diferentemente utilizado na história da arte em outros momentos: algumas estratégias e práticas experimentais desenvolvidas pelos artistas integrantes do Movimento Surrealista e do Movimento Dadá. O Manifesto Surrealista (1924), que marca a passagem do grupo rumo às práticas de engajamento com o inconsciente, vinculando essa percepção às suas perambulações pelos espaços. (CARERI, 2002).

Em abril de 1921, um grupo de artistas, integrado por nomes como Tristan Tzara, Georges Rigaud, André Breton, Louis Aragon entre outros, realizou uma visita às imediações da igreja Saint-Julien-le-Pauvre, uma localidade banal na cidade de Paris.

Esta prática de visita a uma localidade, empreendida pelos Dadaístas criou uma passagem do “representacional” ao “experencial”, e irá distender-se por outros movimentos artísticos do século XX, como o Surrealismo e a Internacional Letrista e Situacionista (CARRERI, 2002, pág. 44).

Colocar-se à disposição do mundo para que advenha um sinal e surja uma epifania pagã, abrir-se ao real para penetrá-lo à maneira de uma foto decidido a dar-se, convencido da necessidade de oferecer-se. Assim disposto, esse viajante tocado pela graça põe seu corpo à disposição do inefável e do indizível que, metamorfoseados em impulsos e emoções se transformam em sentido e resultam em palavras, imagens, ícones, desenhos, cores, traços – em rastro que transfigura a efervescência e uma experiência em incandescência expressiva. (ONFRAY, 2009, p. 62, 63).

Asger Jorn y Guy Debord (figura 4) com a Internacional Situacionista (1957) regularmente se propunham à caminhar a esmo, definindo a prática da *deriva*, que sugere a “construção de situações mediante a experimentação das condutas lúdico-criativas dos ambientes” (CARERI, 2002, p. 22).

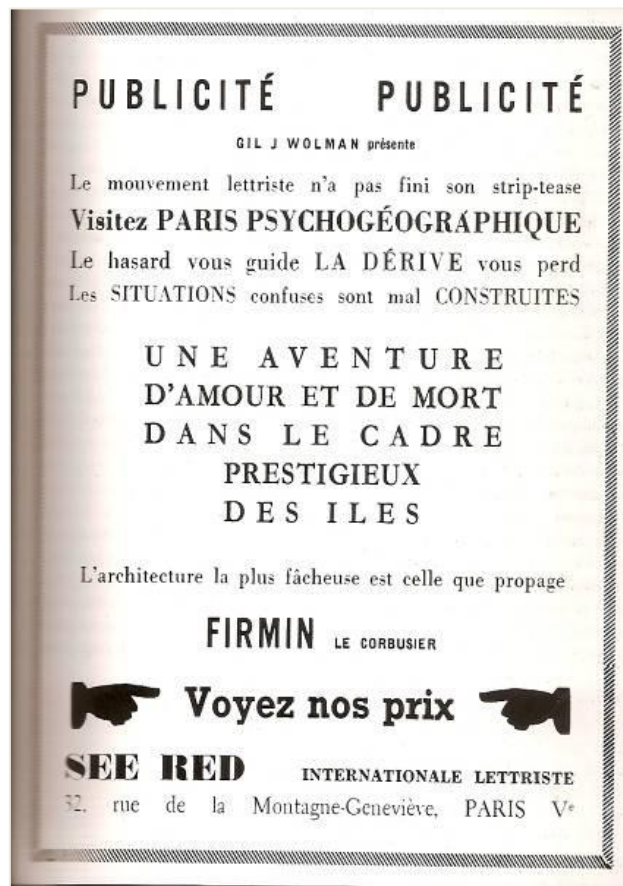


Figura 4: Paris: cartaz de divulgação de deriva psicografia proposta pelos situacionistas. 1955.
Fonte: Careri (2002, p. 93).

Nesta possibilidade de vínculo sensorial com os espaços, os dadaístas propuseram que as ações e os eventos que se dão no encontro da experiência e da visita, se tornassem em si a obra, e o espaço urbano se transformasse num ready-made (CARERI, 2002, p. 76); um lugar-objeto pré-existente que transformasse numa formulação artística instantânea e imediata.

[...] o primeiro ready-made urbano Dadá, assinala a transição da representação do movimento até a construção de uma ação estética que devia efetivar-se na vida cotidiana; [e] [...] através desta experiência Dada, passou-se da representação do movimento a sua prática no espaço real. A partir destas visitas, [...] o ato de percorrer o espaço seria utilizado como uma forma estética capaz de substituir a representação e, por conseguinte, todo o sistema de arte. (CARERI, 2002, p.70, tradução minha).

Smithson conhecido pelo movimento de land-art com seu trabalho “Andar em Círculo” se preocupa na relação entre a arte e a natureza (figura 5):



Figura 5: Smithson, Robert. **Pingdon: caminhando em círculo**. 1984. Fonte: Raquejo (2003, p. 70).

O vazio da paisagem natural e o andar enquanto uma finalidade em si, estimularam os artistas a desenvolver, a experimentação de uma forma de escrita automática no espaço real, um “errabundeo” literário/campestre impresso diretamente no mapa de um território mental. (CARERI, 2002, p.82). Nestas práticas,

[...] o espaço aparece como um sujeito ativo e vibrante, um produtor de afectos e de relações. É um organismo vivo com caráter próprio, um interlocutor que sofre câmbios de humor e que pode frequentar-se com finalidade de estabelecer um intercâmbio recíproco. (CARERI, 2002, p.83, tradução minha).

A palavra deambulação contém a “essência mesma da desorientação e do abandono ao inconsciente” (CARERI, 2002, p.82). Como uma das formas de assinalar as variações afetivas do espaço ao corpo, desenvolveram mapas influenciados, que se davam pela intervenção gráfica em cartografias oficiais ou turísticas das regiões urbanas e campestres.

Mais que atravessar. O fato de andar estabelece relações diretas no homem e no espaço. “El andar como instrumento estético es capaz de describir y de modificar aquellos espacios metropolitanos que, a menudo, presentan una naturaleza que debería comprenderse en llenarse de significados más que proyectarse y llenarse de cosas” (CARERI, 2002, p. 27). O andar junta operações estéticas à vida cotidiana, é um método de se fazer geografia:



Figura 6: *Rua das Transformações, tradução aleatória. Barrio El Carmen, Valencia. 2009.*
Fotografia da autora.

Hay que ser capaces de reconocer los cambios que van apareciendo en las diversas zonas urbanas y el modo en el cual algunas calles y hasta ciertos edificios se corresponden con diferentes estados de ánimo. Se codifica así, la psicogeografía, actividad que no es sino la observación de los espacios psíquicos de las ciudades. (DIEGO, 2008, p.35).

Michel Onfray, outra vez em “Teoria da Viagem”, diz que “para cada temperamento existe uma geografia que lhe corresponda” (2009, p. 21). É preciso mudar as situações e automatismos que nos são impostos e desse modo, acabar com a monotonia cotidiana. É o que sugere as deambulações no espaço da cidade, é o que defende as derivas urbanas. A partir deste método, a cidade é tomada pela categoria geográfica de espaço vivido. Neste sentido a cartografia vivida que se manifesta é a de apreensão da cidade desde seus afetos corpográfico e de sua topofilia, no termo de Yi-fu Tuan. O espaço se imprime no corpo em sensações e memórias. Como resultado de uma experiência, duas temporalidades de afeto: as sensações são imediatas e as memórias duradouras.

2.3. Turismo

Durante uma viagem, em ocasião de se estar numa terra, que não é a sua ou de seu conhecimento, os menores gestos se formam evidentemente mais notáveis: a descrição com que as mulheres mulçumanas serviam o chá, numa viagem ao Marrocos em 2009, chamava mais minha atenção e talvez me incomodava mais que as mulheres cariocas em um baile funk, nunca por mim frequentado.

A corporeidade é um elemento muito presente e indispensável de se discutir quando o assunto é deslocamentos, viagens e o encontro com a alteridade.

Existem transformações nos estados corporais desde a projeção da viagem: a criação prévia de expectativas, ansiedades, ilusões e excitações marcam o começo do viajar, ainda que nesta fase não se haja saído do lugar de partida.

O deslocamento imaginário é uma primeira pulsão da viagem. Depois o ato de sair de onde se está e partir para outro lugar demanda uma decisão que por mais subjetivas e pessoais que sejam suas motivações requer uma certa objetividade e racionalidade para agir neste lugar de trânsito, o corpo começa a receber e a processar as misturas de referências culturais dos dois ou mais lugares de fronteira aos quais atravessa. Quando se chega a um lugar novo, desconhecido, é o momento de fazer com que a cultura anterior venha a ser substituída pela atual.

O corpo precisa agora ser reeducado, novas condutas comportamentais muitas vezes precisam serem assimiladas e incorporadas para que haja melhor interação e convívio com os nativos e habitantes do território até então alheio.

Reconhecer o território do outro como seu requer um exercício mais de adaptação que de domínio, pois o viajante muitas vezes se está só ou em pequenos grupos e é, ele que a minudo transmuta características do outro.

Sem embargo esta postura aparentemente passiva do viajante estranho/estrangeiro é uma potência agenciadora de transformações na cultura em que ele está. A presença - sutil ou

extravagante – de um turista numa cidade pequena e interiorana do Brasil serviria como índice para que a população começasse a pensar suas próprias tradições, hábitos e costumes. Isso porque grande parte daquilo que se considera por identidade é definido a partir do outro.

O convívio com a alteridade negocia o que é comum e o que é alheio. E nestas negociações os referenciais vão se hibridizando até não poder mais definir limites ou fronteiras. As demarcações espaciais existem nos mapas políticos, mas o estrangeiro, o migrante e o imigrante, o trotamundos, o cigano, o nômade, estes sujeitos errantes, apagam essas bordas com seus atravessamentos.

A volta, o retorno da viagem, é também um momento em que o corpo se coloca em carne viva. Após renunciar e integrar memórias, o viajante se encontra no tempo de rememorar e readaptar-se.

Talvez pudesse pensar que o corpo vai aderindo camadas a cada viagem empreendida. Sedimentos não-sedentários, posto que se movem e que mudam de lugar como as dunas.



Figura 7: *Merzouga*, da série *Andare a Spasso*, Marrocos. 2009. Fotografia da autora.

2.4. Postal e anti-postal

Ao pensar o turismo massivo, vemos estruturas programadas para o consumo do lazer e do “entretenimento burro”. Nestes casos não há trocas de afetos na construção de conhecimento, porque sequer estes turistas interagem com lugares reais. Eles são controlados pelo regimento de todos os não-lugares, como aeroportos, rodoviárias, resorts. (BAUMAN, AUGÉ). Impõem-se trajetos fechados, comportamentos predefinidos, que dão vazão para a caricaturização do turista e a criação do seu estereótipo.

O turista permanece à porta de uma civilização, toca de leve uma cultura e se contenta em perceber sua espuma, em apreender seus epifenômenos, de longe, como espectador engajado, militante de seu próprio engajamento; o segundo procura entrar num mundo desconhecido, sem intenções prévias, como espectador desengajado, buscando nem rir nem chorar, nem julgar nem condenar, nem absolver nem lançar anátemas, mas pegar pelo interior, que é compreender. (ONFRAY, 2009, p. 59).

Os pacotes de viagens estipulam até mesmo o que terá para passar dentro do pão no café da manhã. Percebe-se uma massificação e a estandardização (do inglês, standard) do tempo livre. Há aqueles que se apoiam nos guias de viagens e só vão aos centros culturais e restaurantes com maior distinção, de acordo com o que os viajantes profissionais indicam.

Certa vez, enquanto a foleava uma revista oferecida num avião, li a crítica sobre um restaurante assinada por homem que se rotulava - como *eu-isso de Martin Buber* - enquanto um “viajante profissional”. Fiquei surpreendida com a categoria de profissão a qual chegamos. A viagem foi tomada a tal ponto, que há quem tenha que submeter a viagens e provar as diversas comidas e bebidas, visitar e se informar de todos os monumentos e passeios para sintetizar o melhor de sua experiência a fim de entregar um roteiro pronto a outro. Aquele que viaja e se limita às estas indicações é da mesma ordem daqueles que precisam de placas da magnitude tal como “olhe a paisagem”. Este comportamento responde a uma pedagogia da obediência.

Não é à toa que guias de turismo possuem lugar privilegiado aos olhos dos consumidores nas livrarias. A sequência de nomes de cidades enfileiradas na estante incita o desejo de percorrer estes lugares. Passar os olhos pelos mapas e fotografias é o mesmo que sintetizar uma experiência virtual. Um sobrevoo por lugares miniaturizados. Com os mapas e guias tem-se o lugar ao domínio das mãos. Em uma das mãos uma pessoa carrega Madrid e na outra, Nova Iorque. A pessoa pajeia o guia rapidamente com o polegar e se imagina estar em movimento. Como se estivesse dentro de um automóvel vendo todos os pontos turísticos da cidade, na mesma velocidade com que se folia um livro ou um periódico qualquer.

O jogo de escalas permite o homem descobrir os espaços como a possibilidade de enquadramento. Ora se usa uma lente macro-objetiva, ora se vê o mundo desde uma grande-angular. Isto é o que se diferencia ao pensar as ciências e suas abordagens, que vão desde o ínfimo aos mais genéricos dos temas.

Qualquer conhecimento prévio do lugar induz a vontade à experiência sensorial. Mas até que ponto um turista pode se livrar dos estereótipos, para se entregar a uma real experiência? Aquele que vai até a Bahia sabe conceitualmente que o vatapá é uma receita que integra fubá, dendê, sal, gengibre, cebola, camarão, coco ralado e o tempero, e que surgiu de uma matriz africana para alimentar o escravos da região. Mas para saber o que é um vatapá e conhecer sua textura, só já o tendo experimentado, feito pelas mãos de uma baiana, como canta Dorival Caymi. A mesma coisa pode-se dizer da paella valenciana, do falável árabe, do bolinho de bacalhau português e da pizza paulista, e não italiana.

Para que o turista possa ter uma entrega à viagem, que condicione experiências mais autênticas em sua passagem pelos espaços, ele precisa abandonar o lugar-comum do consumo, estar atento à máquina de alienação que subsiste em qualquer propaganda, programação ou estrutura voltada ao lazer da população flutuante das cidades, representada pelos turistas.

No turismo, o uso midiático dos espaços excede a contemplação. No Parque Guell em Barcelona, a Salamandra de Gaudí era apreciada em menos de quarenta segundo, tempo necessário para que a pessoa se debruçasse sobre a escultura, virarem-se de costas para ela e sem vê-la, abrir um sorriso para o retrato - que mais tarde se encontrará num marco no móvel da sala de jantar – seguindo a fila do fluxo de gente que chega até ali para terem também sua fotografia, do tipo “*estive aqui*”, encontrado em muitos grafismos em muros urbanos e portas de banheiros públicos. Mas este registro é menos marginal e apresenta seu rosto. E na sua grande maioria, um rosto com um sorriso congelado nos aletos de prata ou fragmentos de pixels da fotografia.

Hoje em dia as pessoas, ainda conseguem tirar doze ou mais fotos no tempo de trinta segundos, e eu ainda me lembro de quando comprava o rolo de filme mais barato, o de dose poses, com as quais praticava uma economia de imagens, atribuindo valor de importância aos momentos e suas belezas quando elegia um enquadramento. Só disparava a válvula quando encontrava o ângulo mais adequado. E ainda guardava aquele rolo como objeto, à espera de que, em mais algumas semanas, ele fosse revelado para ter a surpresa do que foi apreendido, - rememorando com a fotografia na mão, aquilo que foi vivido. Com as câmeras digitais todo esse processo é instantâneo. O imediatismo *pós-moderno* não permite a espera (BAUMAN, 1995). Ainda com a possibilidade de sacar uma boa foto, depois de inúmeras tentativas no giga-território do cartão de memória, a prática de comprar postais ainda perpetua.

Pelo enquadramento dos postais temos o mundo de forma fragmentada. Os postais nos mostram os lugares falseados pela edição da imagem: “lo inconfundible en la postal es que en el todo se reduce a una parte, que pierde su significado de t  n reiterada.” (DIEGO, 2008, p. 20). Os monumentos e edifícios mostram-se vazios, sem a presença de pessoas: *il mondo senza gente* dos postais.

Como conceber maior beleza nos espaços vazios, em vez de admirá-los pela sua ocupação? Acredito que o movimento dá vida e cores aos lugares. A Fontana de Trevi em Roma é mais bonita com seu movimento de pessoas atirando moedinhas e fazendo pedidos, tomando o Sol do inverno, conversando e rindo alto – comportamento típico da cultura italiana; ou mesmo ao pensá-la pelo imaginário fílmico de Fellini, com a atriz Anita Ekberg e Marcelo Mastroianni intervindo sobre o monumento, que admitir a fonte na frieza do seu mármore sozinho.



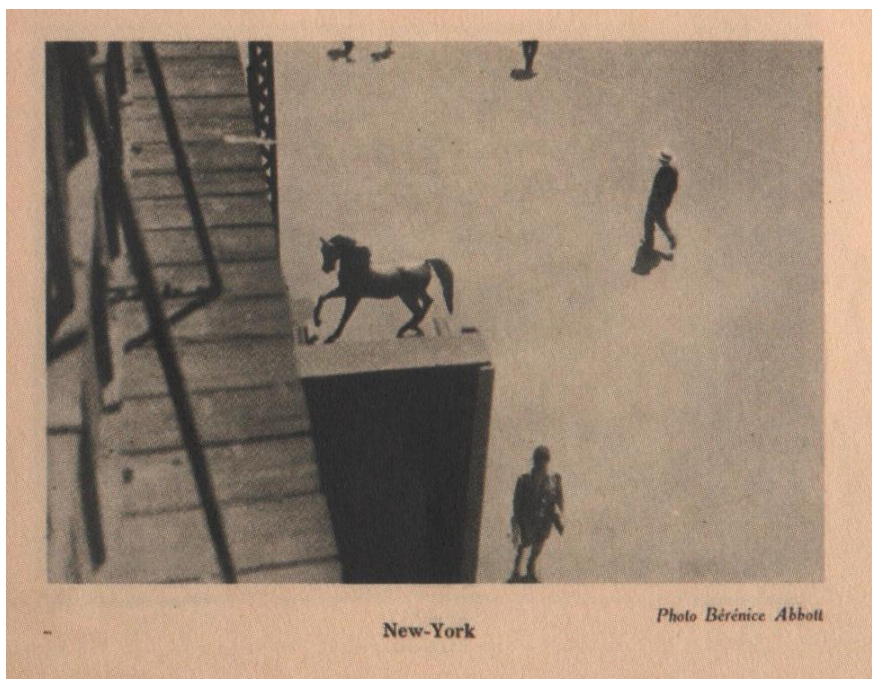
LA DOLCE VITA, 1960
Anita Ekberg

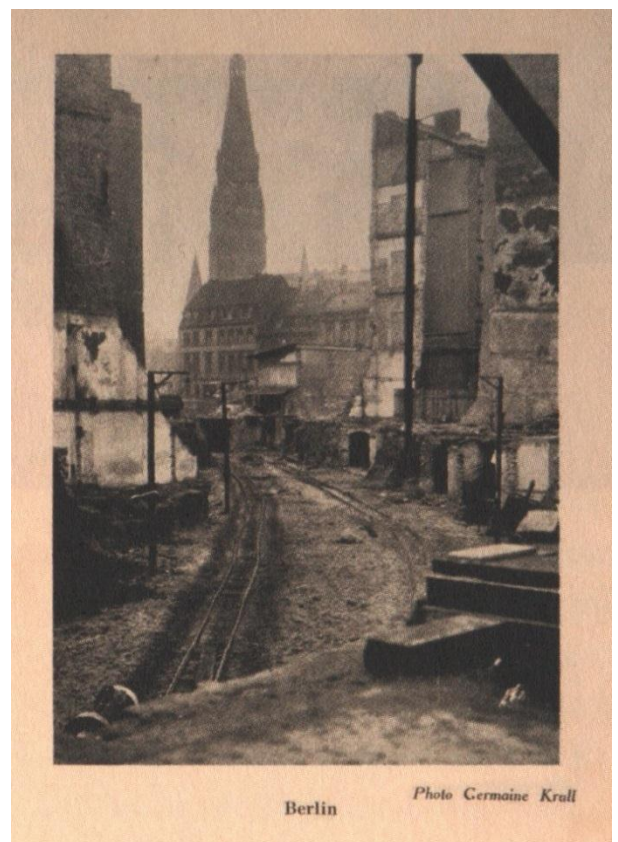
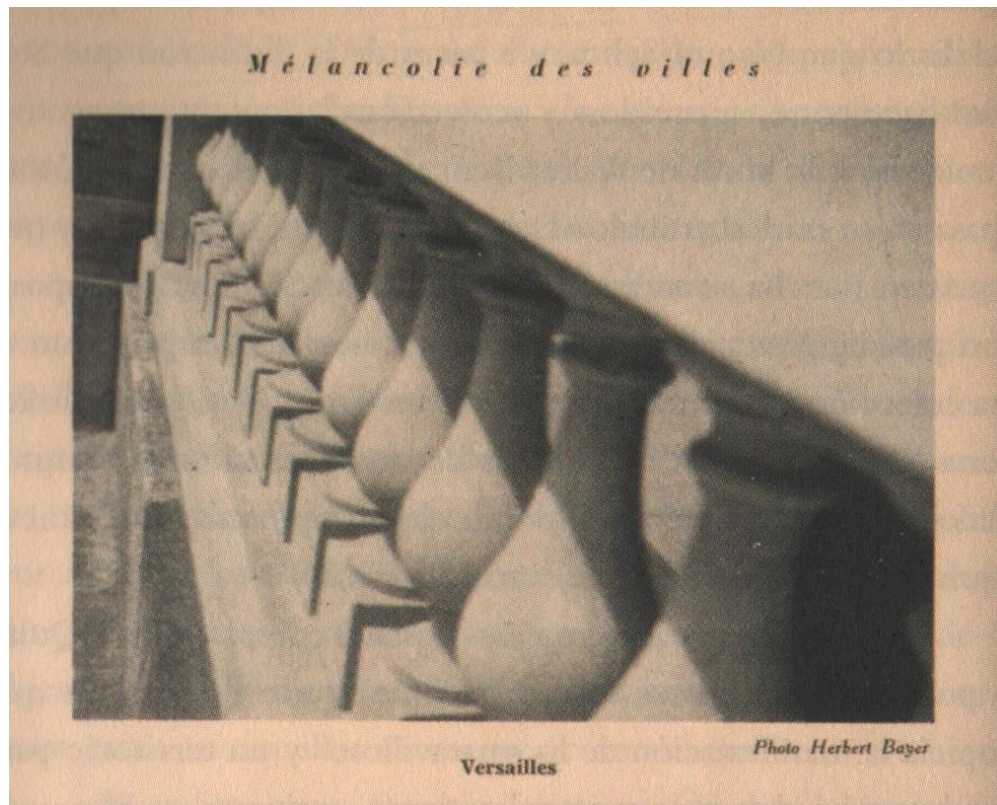
Figura 8: Postal comprado em Roma, com o frame do filme La Dolce Vita, de Federico Fellini, que celebra o imaginário sobre a Fontana de Trevi pelo cinema.

O imaginário fílmico de Fellini seguramente influencia a experiência daqueles que visitam o monumento, como influenciou a mim. A experiência artística se encarrega também da construção da realidade perceptiva do espaço geográfico. A presença da arte na cidade torna-se então um elemento que nos oferece informação estética, cultural e formal de um determinado tempo-espaço, com a qual também se pode relacionar com as categorias epistemológicas da Geografia, como paisagem, lugar e território.

Os surrealistas criavam séries de imagens a partir de suas deambulações. Fotografias de ângulos fechados, detalhes à outras vistas insignificante aos olhos, registravam resíduos e entulhos abandonados pelas vias, inscrições no concreto. Subterfúgios os quais encontravam

caminho para uma expressão a partir do registro de seus passeios e com estas imagens eles protestavam simbolicamente ao monumentalismo, aos marcos do poder e com isso chegavam na ideia dos anti-postais: a construção de um projeto anticolonialista a partir da extinção dos marcos de representação do poder, na tentativa de refutar a imagem vendida das cidades e a possibilidade de evasão neste território institucionalizado para a criação do *espaço vivido*, sentido e imaginado pela subjetividade de cada indivíduo e assim, gerar um translocamento das percepções impostas pelas representações do poder.





Figuras 9, 10, 11 e 12: *Mélancolie des Villes*. 1929. Fotografias publicadas no periódico Variétés, scaneadas pela autora do livro *Contra el Mapa de Estrella de Diego*.

Com o ângulo de acercamento da imagem muito fechado e também ao excluir monumentos e demais pontos turísticos que caracterizam as cidades e nações, todos os lugares parecem muito similares desde o detalhe e com isso as fronteiras se tornam dissolutas.

A ideia principal que pretendo com esta reflexão sobre o turismo, os postais e os anti-postais é defender uma intenção anticolonialista, que ainda perdura ocupação mais criativa dos espaços. Que as viagens não se reduzam ao mero turismo de consumo programado. Que o indivíduo crie sua autonomia de percepção sobre espaços e que a imaginação e as múltiplas subjetividades encontrem vias livres na matéria para múltiplas escrituras do mundo, e logo múltiplas geografias, como está implícito na etimologia da palavra.

CAPÍTULO 3: EU-PEREGRINUS: A CONDIÇÃO MOVENTE DO CAMINHANTE RELIGIOSO

*Já não se trata de se livrar do artifício para
experimental alegrias singelas, mas sim de encontrar
uma liberdade que o limite de si e do humano seja o
transbordamento em si, de uma Natureza rebelde que
me ultrapassa.
(Frédéric Gros)*

*A nós, viajantes, qualquer caminho conduz para casa.
Thoreau, Henry-David)*

Este capítulo percorre a reflexão sobre uma ciência sensível, que se desenvolva a partir da experiência do deslocamento do homem pelo espaço; e as inferências que o pensamento movente, entre conceitos e poesias, possa contribuir na atuação de um importante personagem na cultura mundial: *o peregrino caminhante*. Quero a partir desse encadeamento de ideias, pensar como o peregrino habita em meio à transitoriedade. E especular possibilidades de aberturas à uma tradução poética dos espaços. Uma *biocartografia* ou *geobiografia* a partir dos fenômenos da memória sobre os espaços vividos. Ainda com a discussão sobre deslocamento, que tem sido o conceito de maior reflexão durante este texto. Aqui abordo em específico, uma escala mais corpórea da experiência da viagem: o andar.

Nos percursos religiosos os peregrinos parecem sacralizar o espaço como efeito da alteração de sentido que as longas caminhadas provocam. O enaltecimento dos sentidos, em verdadeiro mergulho na natureza, atribui atenção especial à luz do silêncio do vento. Ao andar a vida exige muita presença. O corpo ganha espaço no tempo dilatado da repetição dos passos. A pegada confirma a intenção da caminhada, ela materializa o motivo, talvez sem razão, do andar por andar. Do andar porque se quer chegar. Pedir. Agradecer. Redimir. Renunciar, Renovar. Despoja de imensa liberdade aquele que caminha. É a liberdade do renunciante, pois o homem que caminha não tem história, sua identidade avoa no ar, se dispersa nos elementos do espaço, nos excessos de belezas que abalam a alma.

O ato de peregrinar é recorrente em diferentes religiões e é caracterizada por uma

jornada realizada por um devoto a um lugar considerado sagrado pela religião que adota. A peregrinação é considerada um *ritual de passagem* e seu postulado fundamental é que a divindade exerça, em determinado lugar, influxos e benefícios especiais para os que a visitam.

Chega-se também à transcendência do eu a partir dos efeitos da caminhada. Segundo a definição do antropólogo Victor Turner (1974) um ritual é uma sequência estereotipada de atividades e gestos realizados em um lugar destacado do trivial, e projetado para influenciar entidades sobrenaturais ou forças em prol de objetivos dos atores e interesses.

A peregrinação é sempre intencional, se desloca por alguma finalidade definida, mesmo que esta seja, o encontro com o desconhecido. A chegada não precisa ser necessariamente predestinada na partida, ele vai sendo definida na chegada. Vai-se indo, e tanto as pausas, quantos os momentos de travessia fazem parte da aprendizagem do peregrino. A narrativa vivida ao longo da errância possui tanto valor, quanto lograr o fim da expedição, salvo, e cheio de novas lembranças.

O caminho da peregrinação é, já por si, um universo com facetas religiosas, místicas, turísticas e físicas, entre outras. E cada peregrino vive-o de forma única e intransferível. Dessa forma, a Geografia Humanística abarca este estudo, ao reconhecer a subjetividade do indivíduo na conformação do espaço, numa sentença de múltiplas vias com a matéria, a imaginação, a história, a memória e os afetos.

A palavra *peregrino* tem raiz do latim, *per agrum*, que significa “através do campo”. Assim, o maior ensinamento do peregrino lhe é dado, caminhando *ao ar livre*.

3.1. Ao Ar Livre

*Não somos como aqueles que chegam a formar
pensamentos senão no meio dos livros – o nosso êthos é
pensar ao ar livre, andando, pulando, subindo,
dançando, de preferência nas montanhas solitárias ou
na beira do mar, onde até mesmo os caminhos ficam
meditativos.
(Nietzsche, carta de 1881)*

As descobertas, desde as mais arcaicas delas, passaram por uma experiência de estreia. Pela sensação inaugural de se relacionar por primeira vez com alguma coisa e inteirar-se das relações que ali se estabelecem, descobri-las. Toda descoberta só foram possíveis a partir da experiência. Poder-se-ia fazer uma distinção entre aquilo que se pensa *com* e *através* dos gestos, e aquilo que se pensa na imobilidade. Com certeza, haveria uma clara definição que distinga os pensamentos concebidos em condições físicas e ambientais tão opostas. A presença de um teto dimensionaria o pensar à geometrias, quiçá, mais lógicas. O pensamento no interior dos lugares tomaria enquadramentos mais racionais.

Entregues à norma e à disciplina, a topografia de que os estudiosos de gabinete entenderiam seria a de empilhamentos de livros e textos, tal como camadas sedimentares sobre a escrivaninha. Historicamente se reconhece que os livros são fontes preciosas, e neles estão guardados algumas verdades e segredos do universo. No entanto, não há verdade que não tenha brotado na natureza. Não há teoria que não tenha sido previamente, de algum modo, experimentada por seu fundador. A natureza é o grande berço dos desdobramentos racionais da humanidade. E não há humanidade ou humanismo que a supere; ainda que haja criações artificiais naturalizadas pelo homem, ou, que o meio mais “natural” de alguém, seja aquele dos artifícios da indústria e robótica, dos concretos e cimentos, do ar condicionado, das flores de plástico e da comunicação via satélite. Há aqueles estudiosos que escrevem livros tão somente a partir da leitura de outros livros. Sobre isto Frédéric Gros escreveu:

Estes livros tem cheiro de lugares fechados característico das bibliotecas. Com base em que se avalia um livro? Por seu cheiro (e mais ainda como verá por seu ritmo). Por seu cheiro: demasiados livros recendem ao ambiente pesado dos gabinetes de leitura ou escritórios. Cômodos sem luz, pouco arejados. O ar não tem uma boa circulação entre as estantes e se encarrega do mofo, da lenta decomposição do papel, da alteração química da tinta. O ar fica carregado de miasmas. Outros livros respiram um ar revigorante: o ar revigorante dos espaços abertos, o vento nas altas montanhas, seja o sopro gelado das alturas batendo no corpo ou, então, ao amanhecer, o ar fresco das trilhas do Sul ladeadas de pinhos, transpassadas de perfumes. Esses livros respiram. Não estão sobrecarregados, não estão saturados de erudição vã. (GROS, 2010, p.26).

O livro expressa uma corporalidade: depois de horas de leitura sente-se o corpo

encolhido, dobrado sobre si. Já o corpo que caminha fica estirado e tenso como as cordas de um instrumento, como da arpa ou do violão. “Caminhar acaba despertando em nós uma parcela rebelde, arcaica: nossos apetites ficam grosseiros e irredutíveis, nossos ímpetos, inspirados. Porque caminhar nos posiciona na vertical do eixo da vida” (GROS, 2010, p. 14). Nietzsche avalia um livro ou uma obra sempre seguida da impressão de sua mobilidade e ritmo:

O compreendemos bem depressa se o autor chegou a sua ideia ao permanecer sentado diante de seu tinteiro, com a barriga espremida, a cabeça enfiada nos papéis. Como se lê rápido seu livro! A compreensão dos intestinos se faz sentir rapidamente quanto o ar rarefeito, o forro baixo, a peça acanhada. (...) Para fazer a avaliação de um livro, um homem, ou uma música, nosso primeiro reflexo é perguntarmo-nos: Sabe ele caminhar? (NIETZSCHE *apud* GROS, 2010, p.26).

Ao deslocar-se ao ar livre, a condição da tridimensionalidade e da cinética da paisagem, permite a possibilidade de experimentar os enredos do cotidiano com certo grau de ineditismo. Este ineditismo é o *a priori* do conhecimento. Ao estabelecer a dinâmica dos elementos espaciais, mesmo num espaço já revisitado, seria ele inaugural para uma experiência. Tal pensamento se funda nas ideias heraclitianas, de que não se banha duas vezes num mesmo rio. Desse modo, o rio assim como os espaços, seriam fontes eternas do novo. O rio assumiria a representação do movimento, assim, caberia ao homem à descoberta dessas fluidas novidades. Carlos Brandão disse “aprendi com a terra que tudo o que flui faz a vida, mesmo quando morre. Será que a morte é um rio?” (BRANDÃO, 2002, p. 15).

Partir para uma caminhada é uma pequena morte. Abandonar um lugar, renunciar uma vida, desapegar de uma rotina, lançar-se ao desconhecido. A vida como viagem e o rio como viagem da vida. Assim como os instantes de nossa existência se renovam, o rio morre e renasce a cada gota.

Aprendi com a minha fonte a não esquecer. Assim eu aprendi que sou as águas claras, infinitas, porque a cada instante sou cada gota de mim sou todas elas. E sou água que vai, sou todas águas e assim sendo, sou uma parte do todo de tudo o que há. Das serras onde estou sempre nascendo, desço e vou, viajo: é o meu destino. (BRANDÃO, 2002, p. 13).

Caminhar é desprender-se, despedir-se, largar. Enquanto se caminha faz-se uma coisa: pensa-se um sonho, ou seja, se devaneia. Não se está só no lugar de partida, nem tampouco no local de chegada. Mas se está consigo mesmo. No caminho. Por ora com os outros. Mas sempre com o próprio caminhar. Só o devaneio caberia à leveza da entrega a uma caminhada. Ao caminhar deixa-se para trás os problemas. O homem atinge o ideal de aceitar o mundo sem se prender demasiadamente a ele. O eu perde importância. A identidade afirmada se dissipa no movimento e trivialidade do andar. Sente-se um corpo ativo, que muito além de preocupar-se com o peso de sua história, se projeta para frente, para o porvir da trajetória, para a próxima paragem. “A cada passo é o peso todo de meu corpo que se apoia e salta para frente, toma novo impulso.” (GROS, 2010, p. 98)

Caminhar pode ser também uma condição, uma necessidade. Nietzsche se mostrava um compulsivo caminhante. Necessitava de uma ou duas caminhadas diárias com a média de três a quatro horas cada. Kant percorria diariamente exatamente o mesmo trajeto, algumas quadras perto de sua casa, sempre sozinho e regularmente ao mesmo horário. Descartes disse ter tido a iluminação para seu método em uma peregrinação a Notre Dame de Lorette na França. Henry David Thoreau, ele que era agrimensor de profissão, se declarava fazer caminhadas com a duração de quatro horas por dia. Em seu livro *Caminhando*, primeiro tratado filosófico sobre o caminhar, o autor relacionou a vida sob abrigos, em contrapartida da experiência de vida à céu aberto, tomando como partida a descrição da textura da pele humana:

É certo que a vida passada ao ar livre, exposta ao sol e ao vento, provocará uma certa aspereza de carácter (...) De outro lado, ficar dentro de casa pode levar igualmente a uma macieza ou lisura da pele (...), justamente com uma maior sensibilidade a certas impressões (...) e é absolutamente certo que a virtude estará numa boa proporção entre pele grossa e pele fina. Mas acho que a escama cairá no momento certo - e a fórmula natural será encontrada na proporção que a noite guarda com o dia, o inverno com o verão, a reflexão com a experiência. (THOREAU, 2006, p.42).

Esta passagem atribui a pele como metáfora, o que admite o envoltório do corpo enquanto fronteira do ser com a externalidade que lhe circunda. A pele carrega as marcas de

vivências, e através de seus poros realiza trocas com o meio. Corpo e ambiente se autofecundam, numa gestação contínua: O *eu* engendra o espaço que se percebe, e o espaço conforma a identidade do *eu* que se relaciona a ele. Essa interação é a lei da reciprocidade dialógica que comunica os corpos dos espaços (animados e inanimados) e uma pessoa a outra(s). Existe uma harmonia, portanto, que se encontra não nas coisas em si, pois seu arranjo espacial pode ser dos mais desiguais ou caóticos, mas sim, entre as coisas. O *entre* neste caso é uma categoria ontológica. O filósofo Mauro Maldonato diz que:

A Fenomenologia ensina que o limite é um espaço *no* mundo e não *do* mundo. Que entre os espaços de nossa vida existem o espaços de nossas paixões, de nossos desejos, de nossos sonhos. Espaços que nos convocam para fora de nós mesmos. Espaço dentro do qual nosso tempo se desdobra e se consome. (MALDONATO, 2004, p. 14).

O *entre* é o que permeia uma essência e outra. Tal como a linguagem, este conceito parte de uma condição humana, com a qual somos impelidos a reagir diante o mundo em relação à nossas memórias, lembranças, sonhos e devaneios.

Para o filósofo japonês Tetsurô Watsuji (1889-1960) as atenções do corpo humano devem ser voltadas ao “entre” (*aidagara*) corpo e mente, que segundo ele são os vários relacionamentos da nossa vida e é justamente esta rede de relações, que parece prover a humanidade de significados sociais. Ou seja, o homem nunca está separado do ambiente onde vive e dificilmente pode ser compreendido sem uma atenção especial às relações que aí se organizam. Não é considerada uma dualidade entre natureza e cultura. Este “entre” significa no sentido físico uma distância espacial separando uma coisa em relação à outra. Existir no espaço é o significado primário da existência humana e o “entre” seria a extensão de um espaço corporificado (*shutaiteki*). (GREINER, 2005, p. 23).

A fenomenologia de Bergson propõe uma autoanálise da experiência da percepção e coloca o corpo na centralidade de todas as relações, como o ponto de contato entre a consciência e as coisas. Sendo, no âmbito temporal, a conexão do passado, do presente e do futuro. “O infinito somatório das percepções vividas e, depois, mescladas e guardadas como lembrança está em permanente movimento.” (BRANDÃO, 1998, p. 57). A partir da imagem do próprio corpo criam-se novas outras imagens, inseparáveis da primeira - isto é o estabelecimento de uma *corporeidade* que convive perene e concomitantemente no interior da vida psicológica, influenciando na percepção do meio físico e social que circunda o indivíduo.

Da mesma forma como uma imagem primária engendra outras imagens, de uma lembrança surgem outras lembranças, gerando um continuum na memória. Esse *continuum* influencia fortemente a consciência atual, ou seja, a consciência de si, dos outros e do mundo, para si e para com os outros e com o mundo. Com ele criam-se representações, que quando tomadas num corpo de ideias, ganham a dimensão de ideologia. Esta, que determinará em grande parte como atuamos e reagimos frente ao meio e as circunstâncias que nos envolvem. Ações que em si, estimularão mais percepções, mais lembranças, ações e memória. Portanto, pode se dizer que as percepções estariam impregnadas de lembranças, tal como uma sombra está pregada ao corpo:

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos, nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens. (BERGSON apud BOSI, 1994, p. 9).

Henri Bergson em seu método introspectivo-intuitivo propõe a conservação de estados psíquicos já vividos, as lembranças como potências latentes, que poderiam descer ao presente (*souvenir* – do francês vir à baixo) na forma de dois esquemas de comportamentos: a memória-hábito, caracterizada pelos automatismos ou na forma de lembranças isoladas, que seriam ressurgimentos do passado, em sonho ou em devaneio.

Estas duas memórias são conflitivas, posto que a Psicologia visa o entendimento dos hábitos que se destinam à ações úteis ao trabalho social, à ordem do cotidiano e ao adestramento cultural, retirando qualquer atribuição de importância à pesquisa sobre o devaneio. No entanto, “O sonhador resiste ao enquadramento dos hábitos.” (BOSI, 1994). Diferencia-se aqui, portanto, dois tipos de sujeitos, o homem de ação que ao dormir adota o utilitarismo deste gesto; e o sonhador, cujo sonho alimenta o espírito: o sonhador mantém o halo, o homem de ação já o perdeu. O caminhante é um sonhador, um poeta. Segue um trecho

do poema do espanhol Joan Manuel Serrat, cancionero espanhol¹⁰:

(...)

Hace algún tiempo en ese lugar
 Donde hoy los bosques se visten de espinos
 Se oyó la voz de un poeta gritar
 Caminante no hay camino,
 se hace camino al andar...
 Golpe a golpe, verso a verso...

Murió el poeta lejos del hogar
 Le cubre el polvo de un país vecino.
 Al alejarse, le vieron llorar.
 "caminante, no hay camino,
 se hace camino al andar..."
 Golpe a golpe, verso a verso...

Cuando el jilguero no puede cantar
 Cuando el poeta es un peregrino,
 Cuando de nada nos sirve rezar.
 Caminante no hay camino,
 se hace camino al andar.
 Golpe a golpe, verso a verso (MACHADO, 1999, p. 35).

O poeta apreende o tempo e o espaço por um arrebatamento de poesia. A fenomenologia em Merleau-Ponty (1980) recusa a espacialidade e a temporalidade como externas ao sujeito e ao objeto. Estes não estão no espaço e no tempo – reduzidos às suas dimensões geométrica e cronológica, respectivamente. Mas são do espaço e do tempo, entre corpo e mundo há invasão recíproca e a espacialidade faz-se desta constituição corpórea das coisas, sendo compreendida pela temporalidade.

O tempo e o espaço necessitam um corpo que transmute em diferentes estados, em diferentes ritmos, cadências, pulsões. A cronologia do tempo do caminhante se dissolve nos seus passos. Ele se desloca com seu corpo em ângulo aberto de percepção do mundo. Sujeito a qualquer intervenção dos elementos do espaço está exposto a intempéries, ao acaso, ao

10 Este ‘cantautor’ como se diz na língua espanhola se utilizou do verso de Antonio Machado, poeta da década de 20 que diz “caminante no hay camino se hace el camino al andar”, hoje domínio público que marca o ímpeto da cultura espanhola um dia desbravadora

cansaço.

O cansaço inebria os sentidos e a razão se embaralha ao devaneio. A errância e sua alteração de sentido propicia um estado de percepção apropriado para a prática da psicogeografia (estudo dos efeitos psíquicos que o contexto urbano produz nos indivíduos). A partir das derivas urbanas se chega a uma apreensão do espaço da cidade semelhante a uma cartografia vivida: “Escrituras automáticas en el espacio real capaz de revelar las zonas inconscientes del espacio y las partes oscuras de la ciudad” (CARRERI, 2006, p. 22). Este método repete o costume dos antigos *flaneurs* que experimentavam a cidade como um labirinto, na qual o espaço geográfico se apresentava sempre como uma paisagem aberta: “Paisaje, eso es la ciudad para el flaneur. O más exactamente: para él la ciudad se escinde en sus polos dialectos. Se le abre como un paisaje y se encierra como una habitación.” (CARRERI, 2006, p. 72)

A dialética da viagem consiste no ir e voltar, na retirada à aventura do mundo e no acolhida do retiro da casa. O quarto é o arquétipo do ninho. Passarinho voa, mas retorna ao pouso. A fixidez de um porto segura a ansiedade daqueles que não sabem o que encontrarão no caminho, mas que, no entanto, guardam uma certeza quase como um acalento, de que retornarão à casa de onde partiram.

Vivemos no Mundo e vivemos num mundo: uma casa, uma rua, um bairro de uma cidade, uma cidade, um município, um estado, uma nação, um país. Estamos “aqui” e aqui moramos. Por um dia, alguns dias, muitos meses, anos: uma “vida inteira”. Somos “daqui” ou viemos um dia “morar aqui”. Este é o nosso lugar, nosso “estar aqui num mundo, no Mundo”. Aqui você mora. Aqui nós vivemos. (BRANDÃO, 1997, p.1).

Certa vez perguntaram a Brandão onde ele morava e então ele respondeu: “Moro onde dormi a última noite.” A dimensão da casa e do habitar é transportada com o deslocamento do corpo para aquele lugar em que insta o presente. Sendo o peregrino este estrangeiro que não se sente em casa onde quer esteja, seu corpo torna-se então, primeiro e único território.

O desejo de partir, o sonho de terras livres, o ímpeto do exílio, da fuga, de domesticar

o que é estranho, a atração do novo, a curiosidade do longínquo são feitos comuns aos homens que impulsionaram a história da humanidade a conformar o mapa mundial que hoje se conhece. Maffesoli (2001, p. 32) postula que “o desejo da errância é um dos polos essenciais de qualquer estrutura social.” Foi graças a curiosidade e a inquietação dos povos que terras foram sendo ocupadas e culturas foram sendo construídas pois, como já mencionado acima pelo viajante Thoreau: “caso contrário, porque a América foi descoberta?” (2006).

3.2. O peregrino

O peregrino é o caminhante religioso. Um homem além-fronteiras que conecta o divino a terra através dos próprios passos. Que no andar habita um território sagrado, que é o próprio caminhar. Sacraliza-se a prática da caminhada, assim como o santuário. O caminhante não apenas migra para um santuário, ele faz do caminho, um percurso um lugar de intensos encontros. Uma rota de salvação, de transmutação. A fim de algum agradecimento, graça ou penitência. Muitas vezes se realiza a peregrinação por motivos votivos. Há os que se propõem a trajetos descalços, em jejum, de joelhos. Acompanhado de canções e preces ou de um estrito silêncio, que lhe atribui o fiel.

Ser peregrino em certos casos é também uma condição jurídica. Como ocorre em Santiago de Compostela, onde o bispo ou o pároco, por ocasião da missa de sua posse, entrega ao peregrino uma carta de proteção que o servirá de “salvo-conduto da viagem toda, possibilitando hospedar-se em diversos monastérios ou hospedarias pelos quais ele passará à beiras das estradas.” (GROS, 2010, p. 114).

É possível diferenciar o peregrino, do eremita, e do andante vagabundo. E critério adotado é o modo como se manifesta a *xenatēnia*, que significa a *condição de estranhamento com o mundo* (GROS, 2010) e pode ser expressa, ou com exaltação (no caso de

perambulantes fanfarrões, poetas boêmios, saltimbancos), ou através do retiro contemplativo, como no caso dos anacoretas. Nietzsche é um exemplo de um caminhante exaltado. Em uma carta ele disse:

A intensidade de meus sentimentos me faz rir e me arrepiar ao mesmo tempo – várias vezes não pude sair do quarto pelo motivo ridículo de que estava com os olhos vermelhos – e de quê? É que na véspera eu havia, durante minhas longas caminhadas, chorado demais, e não com essas lágrimas sentimentais, mas com lágrimas de felicidade, cantando e cambaleando, com um olhar novo que é a marca de meu privilégio sobre os homens de hoje. (*apud* GROS, 2010, p. 25).

Quando, no fim de sua autorreflexão, Frédéric Nietzsche menciona “homens de hoje”, creio que se refira ao utilitarismo fadado ao comportamento da sociedade moderna, somado ao pragmatismo e a praticidade. Observa-se isso no hermetismo com os quais os caminhos vão se sedimentando. A lei do menor esforço, por ora capitalista. Compactam o solo e o impermeabilizam com asfalto – basalto¹¹ processado. Compactam também o espaço no sentido de reduzir, em vez de dotar-lhe de grandeza. O corpo vai tornando-se um autômato, condicionado à pressa, ao chegar rápido ao destino percorrendo o menor trajeto em menor tempo e com a mais acelerada cadência. A subversão disto seria o caminhar de Nietzsche, que incita a potência do devaneio, o privilégio do sentir, a lentidão, a atenção nas conexões que se estabelecem entre corpo e meio. Propõe que as emoções percorram o corpo, e que o atravessem, caminhando!

Os defensores de uma forma antiga e ultrapassada de viagem invocam a lentidão e maldizem a velocidade, causa de todos os males. Celebram o passo do burro, a marcha do pé, o lombo do camelo, o barco movido a roda, a travessia dos oceanos em cruzeiro, a descida dos cursos d’água em barça, as carroças puxadas por cavalos, as estadias prolongadas em albergues, em hospedarias rurais, na casa do habitante, as imobilizações voluntárias ou involuntárias, um tipo de sedentarismo reinstalado na casa do outro. Imaginam que assim, deixando o tempo passar, sem pressa, há mais infusão, mais impregnação, que experimentam uma empatia mais autêntica, realizam um melhor encontro. (ONFRAY, 2009, p. 67, 68)

O errante anacoreta pode exilar-se na clausura ou nas imensidões. Ora é impelido pelo sentimento de entrada ou pelo sentimento de saída, sendo que a real dimensionalidade de sua

¹² Rocha vulcânica bastante encontrada na região do Triângulo Mineiro, de onde escrevo este texto, da qual se utiliza para fazer calcamento de rua e vias de trânsito.

vida está situada entre suas decisões, no movimento espontâneo e pleno, de simplesmente estar sendo o que se espera ser.

Ele é livre, mas se frustra com as limitações que ele próprio cria dentro de sua liberdade, logo, resolve abandonar e tentar de novo. Ampliar seu plano de possíveis. Existem assim, anacoretas de quarto, de grandes cidades, de pastos e matos, anacoretas mochileiros, monges, artistas, poetas, ou intelectuais. O que eles têm em comum é a marginalidade. Não são levados pela correnteza nem pelas massas. Estão em total conexão consigo mesmos e por isto, rumam eles próprios seus caminhos para o *bem*, que cada um considera para si, sem que seja necessário para isto, classificar suas ações como egoístas ou altruístas.

O peregrino anacoreta é aquele que se anima por um sentido de retirada, de exílio interno, de desertificação frente seu espaço circundante. É, pois, aquele que fica em retiro. Alguns ora buscam uma reclusão absoluta, ora se obliteram do mundo numa via de gozo íntima e impenetrável. Como uma criança que se cobre na cama, cria-se uma fronteira entre seu corpo e o mundo, ao passo que adota a realidade à luz, apenas de sua imaginação.

A sua imagem poética é a de um homem solitário, segurando seu cajado, em tosca vestimenta carregando uma estreita capanga, que a leva sempre aberta, o que simboliza sua atitude dadivosa, humilde e desapegada. Sempre aberto a partilhar, ajudar, doar, trocar.

Carlos Brandão relata seus contos poéticos, publicados no livro *O Caminho da Estrela: escritos da Galícia e do Caminho de Santiago*, no qual diziam que “os bons andam em bando”, mas que por ventura foi tomado por uma solidão, na qual dizia querer “carregar uma grande ausência”.

O que eu fiz foi em silêncio. Sozinho eu vim. Mas todos por onde eu passava podiam me ver, pois eu repousava a noite onde me acolhiam e saía a viajar antes do primeiro claro do dia. Não era em nada furtivo, como o homem que por um momento sai do caminho, e furta algumas uvas na vinha e urina como cúmplice, disfarçado de ausente, encostado em um muro. Sei que os bons estão juntos e caminham juntos. Tocam-se, quando é devido, oram as mesmas palavras e repartem o pão, companheiros. Massageiam os pés uns dos outros e, como evangelhos, carregam entre eles os fardos de todos. Cuidam dos enfraquecidos e a noite contam casos de outros tempos, como se fossem parábolas. Eu vim vindo sozinho, desde Puente la Reina até Santiago. Queria carregar uma grande ausência. Na porta de algumas casas eu anunciava meu destino sem dizer meu nome e pedia e pouso e nunca o pão. Pois, sem orgulho algum - e quero que saibam disto - eu trouxe os meus pães na trouxa de roupas pobres. Sim porque o tempo todo desejei rever nos pães o sabor das mãos das velhas de minha aldeia. E assim ao comer, eu media pelo número dos que me restavam, os dias de minha jornada. Quando comi o último cheguei aqui nesse lugar onde você me vê. Aqui na porta à esquerda da entrada do portal desta grande igreja de pedras. Tampouco aos anjos pedi coisa alguma. Se eles não atendem aos poetas, acaso me ouviriam? (BRANDÃO, 2010, p. 41).

O peregrino costuma andar a sós. Até mesmo porque ritmar o compasso da respiração

com o outro é tarefa para corpos bastante entrosados. Ainda que a própria caminhada seja responsável por aproximar e sincronizar os diferentes ritmos do homem, há que se ter a liberdade para parar e prosseguir, para tomar esse caminho ou aquele outro, porque se deve caminhar cada um no seu próprio tempo-espaço.

Caminhar a dois,
só vai ser possível se
for cada qual pelo
próprio caminho.
(TAMBÉM, 2005)

A solidão da caminhada também conduz a um silêncio revelador. Caminhar sem falar sossega a mente. Quando em dupla ou em pequenos grupos, estimam-se aqueles companheiros com os quais se possam ter uma “solidão compartilhada”. É importante também estabelecer a ligeira distância do tropeço, para que os corpos não se esbarrem, a não ser propositalmente.

Os peregrinos são amigos passageiros como nós próprios. Eles se encontram em meio ao caminhar, compartilham fragmentos inteiros de vida, mas logo se despedem. São muitas as despedidas dele. Despede-se de gentes e de lugares, estreita suas relações ao passo que as afrouxa com a partida, mas nunca as rompe. Os laços dos peregrinos vão se estendendo assim como seus trajetos e em cada amigo se ganha uma nova morada, no duplo sentido da acolhida, afetiva e física.

Em sua incansável interrogação o peregrino não pode se entregar a “filosofias, a visões alentadoras, a emotividades de ligações duradouras, a moradas estáveis. Difícil fidelidade a sua.” (MALDONATO, 2004, p. 33). Hermann Hesse no livro *Caminhada*, disse:

Jovem dama com o rosto cheio de frescor, eu não quero saber teu nome, não penso em alimentar nem acalentar meu amor por ti, pois não és a meta do meu amor, senão seu impulso. Darei esse amor de presente às flores do caminho, ao reflexo do sol no copo de vinho, à redonda e vermelha torre da igreja. És tu que fazes com que me apaixone pelo mundo. (HESSE, 1984, p.29).

Roland Barthes escreveu em *Fragmentos de um Discurso Amoroso* (2005) sobre a

errância amorosa a qual o sujeito apesar de todo amor ser vivido como único está condenado a “errar até a morte, de amor em amor” (BARTHES, 2003, p. 143).

Nós, andarilhos, somos todos feitos assim. Nossa ânsia de peregrinar, de vagabundear se constitui na maior parte de amor e erotismo. A metade desse romantismo não é nada mais do que a esperança por uma aventura. A outra metade, porém, é um instinto inconsciente em transformar e aniquilar o erótico. Nós, os peregrinos, já estamos acostumados em acalentar amores impossíveis por serem impossíveis, e aquele amor que deveria pertencer a uma mulher facilmente dividimos entre a aldeia e a montanha, o lago e o precipício, as crianças pelo caminho, o mendigo na ponte, o gado no pasto, o pássaro e a borboleta. Nós separamos o amor da matéria amada, o amor em si nos satisfaz da mesma forma como não buscamos no caminhar a meta, senão só o próprio prazer do caminhar, de estar a caminho. (HESSE, 1984, p. 29).

Caminhar é um chamado: “Deixe as mulheres e as crianças, abandonem suas terras, vende tudo o que tens, dá aos pobres e segue-me”, disse Cristo no Evangelho. Caim, o agricultor, foi obrigado a errar eternamente, por haver desmerecido o irmão pastor Abel a morte. A Abrão lhe foi intimado a sair de sua terra e dentre sua parentela para seguir o caminho a uma terra desconhecida. (Bíblia). Encontra-se no Livro Sagrado muitos momentos de revelações implícitas no andar, para citar, Jesus Cristo, Abrão e Abel, o que confirma pela religião, que o peregrinar simboliza a passagem da vida dos homens pela Terra e pela vida material.

A peregrinação pode ser considerada como um *ritual de passagem*, pois segundo como conceitua Eliade (2010) “se trata sempre de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social.” (ELIADE, 2010, p. 150). Após uma longa caminhada de fé, o peregrino retorna transmutado, com sua essência renovada.

A transmutação interior permanece sendo o ideal místico ao peregrino deve-se dela regressar absolutamente alterado. Essa transformação transparece também no vocabulário de regeneração, daí a presença frequente nas proximidades dos lugares sagrados, de uma fonte, um ribeirão, um rio: elemento lustral onde se mergulha a fim de sair purificado, como que lavado de si mesmo. (GROS, 2010, p. 123).

Ao andar vai se perdendo pouco a pouco, dissipando-se pelo vento, a identidade e as lembranças, com o mantra repetido do barulho da pisada, passo a passo, o homem se silencia e não se torna nada além de um corpo andante.

Essa despersonificação que a caminhada produz, juntamente com as rezas proferidas

faz com que o peregrino renasça para “o desapego de si próprio, para a indiferença pelo tempo e para a benevolência universal.” (GROS, 2010, p. 126) Caminhar, somente. Sem a interferência de nenhum outro elemento a não ser o próprio andar nos permite ativar potências do sentir e resgatar o puro sentimento de ser. A estrondosa felicidade do simples. Da brisa primaveril das montanhas, da maresia misturada a cheiro de sal e peixe que se sente no litoral, das paisagens ofuscadas de neblina das serras. De dias claros de inverno nos quais nos abrigamos baixo feixes cálidos de sol. Sensações alegres de existir no mundo.

Abismar-se com a beleza do caminho também é uma via para sair do eu. Há peregrinações em que o pitoresco da paisagem santifica os momentos. Contudo a caminhada assume posições religiosas, transcendentais, purificadoras. A paisagem, seus cheiros, luzes, formas e cores sublimam todas as preocupações e pesares. Caminhar é passar pela experiência da realidade do que verdadeiramente importa.

3.3. Uma pausa

Com este capítulo ensejei a aproximação de uma geofilosofia, que insiste na possibilidade de uma cartografia vivida, registrada no corpo, a partir dos afetos dos lugares. O peregrino aparece como este ser, que em sua *biocartografia*, se encontra entre fronteiras do mundano, físico e palpável, com o divino, transcendente e sagrado.

Sua fé é colocada à flor da pele. Único envoltório que separa a natureza do homem da natureza externa. Pelos poros, fluxos de informação e memória se intercambiam entre a interioridade do homem e o meio que o circunda. Ao livre a percepção de tudo se expande, a interação humana com o ambiente toma grandezas que estimula que folhas em branco sejam tracejadas de poesias. Como se a poesia fosse a aliada mais fiel do caminhante ao tentar traduzir o que vê e sente pelos caminhos. Conceitos são duros e inflexíveis, enquanto metáforas são leves e dançantes.

No entanto, caminhar também exige um reiterado esforço, de onde se tira a recompensa da chegada. Dificuldades, em pequena ou grande escala, são os desafios de onde se logra a regeneração. Através do aprendizado sobre tais situações, o homem regressa fortalecido em sua espiritualidade e desapegado dos condicionamentos e coerções morais empregados na rotina capitalista.

É preciso que haja *intenção de presença* para, a partir da realidade dada, atingir patamares ascensionais de experiência, mesmo na Terra. A sacralidade dos momentos se deve à abertura e devoção com que o peregrino conduz sua marcha à seu objetivo. A geografia de um santuário, de um território sagrado, codifica a paisagem de elementos místicos, que assumem papéis ritualísticos, como o de revelação, purificação e transmutação. Caminhar é como o correr do rio, mistura tudo, nada permanece estável, tudo se move, se apaga, se refaz. Peregrinar torna possível a reversibilidade da vida.

CAPÍTULO 4: VIAGENS DE ONTEM: MEMÓRIAS ESCRITAS EM CADERNOS

4.1. O relato

Pensar a experiência vivida e sua expressão instantânea no relato escrito, como tarefa de construção do eu e do lugar. Sendo o lugar uma dimensão de identidade, dado num processo identificação, o *eu* se detectaria pela percepção de si no meio e do meio para si. A escrita do relato, logo seria entendida aqui, como o suporte do tempo imediato que evidenciaria o lugar.

O lugar é um fragmento de espaço para a temporalidade do instante. Lugar e instante se coabitam no território do corpo. É na experiência do corpo que ambos são engendrados. A tentativa de descrever uma experiência a partir de outra, a da escrita, gera uma diacronia no tempo e um entrave de tradução. Posto que ao falar de instantes, eles se esvaem no cronômetro e sua duração torna-se então, relativa.

Em Bergson (1990), o comprimento de um tempo não representa o valor de uma duração. O tempo da imaginação é de uma temporalidade outra. Desde uma perspectiva fenomenológica, o tempo é construído junto ao espaço e é inerente ao eu de cada um. O eu pessoal se apresenta então, como um ente complexo, posto que é devir: O correr dos instantes é o mesmo da fluência do ser.

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma vida inventada. O que te direi? Te direi os instantes. (...) A duração de minha existência dou uma significação oculta que me ultrapassa. Sou um ser concomitante: reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo que lateja sobre o tique-taque dos relógios. Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em formas que se localizem aquém e além de minha história humana. Transfiguro a realidade e então outra realidade, sonhadora e sonâmbula me cria. E eu inteira rola a medida que rolo no chão vou me acrescentando em folhas, eu, obra anônima de uma realidade anônima só justificável enquanto dura a minha vida. E depois? Depois tudo o que vivi será de um pobre supérfluo. Mas por enquanto estou no meio do que grita e pula. E é sutil como a realidade mais intangível, Por enquanto o tempo é quanto dura um pensamento. (LISPECTOR, 1998, p.22).

Transcrevo amplamente este trecho do livro *Água Viva* de Clarice Lispector para antecipar o leitor das dimensões que já vem sido trabalhar aqui, do *ser* enquanto corpo; do *tempo* enquanto duração; e do *relato* enquanto expressão do limiar entre realidade vivida e sonhada - vertentes das reflexões aqui estabelecidas.

Durante o relato, o poeta assume o duplo papel de informante e protagonista dos fatos, e pela simples ação de descrever o cotidiano, o que Said (2007) chama de uma “atitude textual”, ele assume um quê de ficção na vida: “A imaginação literária, a imaginação falada, é aquela que, se atendo a linguagem, forma o tecido temporal da espiritualidade e que, por conseguinte se liberta da realidade.” (BACHELARD, 2001, p. 2).

Ao relatar o escritor é submetido a um tipo de alteridade que exige enquadrar suas emoções e pensamentos à língua. Barthes em seu livro *Aula* (2007), diz que a palavra é uma estrutura de poder: “Falar ou discorrer é sujeitar. (...) Assim que ela é proferida, mesmo na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. (...) Toda língua é uma classificação, e toda classificação é opressiva.” (grifo meu, 2007, p.14) Assim a tradução da experiência pela escrita provoca um deslocamento de sentido, e a literatura volta-se então ao desafio dessa aproximação:

Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, tentando fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a língua). A literatura é categoricamente realista na medida em que ela sempre tem o real por objeto de desejo e também irrealista, pois acredita sensato o desejo do impossível. (BARTHES, 2007, p. 22).

A tentativa literária torna-se trazer à superfície tocável da palavra, aquele instante que entrevem o homem em devaneio (em termos bachelardianos) numa temporalidade fugidia. Nas palavras de Clarice, “o mergulho na matéria da palavra” seria o esforço de tradução dos instantes e dos lugares, num relato, concomitantemente, íntimo e objetivo.

Entendo que o relato só poderia ser feito mediante a tradução da experiência e das sensações. Tradução esta, que sempre seria inconclusa, mediada pelas metáforas e demais

figuras de linguagem, tendo como intuição a apropriação do real, porém sendo já em si, ficcional.

O relato encontra-se no limiar entre a ciência, a autobiografia¹², a etnografia do lugar ou da viagem, e se define pelo entrelaçamento de todos estes gêneros mencionados (NICOLIA, 2006). Geralmente se trata de momentos metadiscursivos autoreflexivos e organizativos, momentos da percepção das lacunas entre quem enuncia e o enunciado, uma vez que sujeito e fenômeno se misturam num encontro que os diferem.

O relato remete a uma transformação - aquela que se produz ao homem submetido a algum tipo de alteridade, de maior ou menor grau – e a narrativa requerida para expressar tal mudança, obedece a padrões estabelecidos pela língua.

Michel Certeau em *A Invenção do Cotidiano* (1994) diz que em efeito, todo relato leva a uma predicação qualitativa do espaço e logo, a uma construção dele mesmo. “A estranheza do mundo condena a satisfazer-se com a familiaridade mais imediata, aquela que cada um de nós mantém em seu âmago.” (ONFRAY, 2009, p. 80) Criar uma narrativa é tentar tornar familiar o estranho, naturalizar o evento por um indicativo gráfico, que seja pelo viés da palavra ou do mapa. Entendendo o mapa como uma forma de se apropriar do espaço. O relato ou o ‘diário íntimo’ seriam, dessa forma, um *mapa do vivido* e a escrita, uma *biocartografia*.

Há que se levar em consideração que, ainda assim, com a objetivação da estrutura de uma linguagem é impossível retirar aquilo que há de pessoal do sujeito agente do discurso ou narração, ou seja, é inviável admitir uma verdade neutra ou imparcial, sendo a corporeidade particular de cada ser o embasamento perceptivo das multiplicidades de concepções do real no espaço e no tempo.

12 Pela definição de Lejeune: autobiografia seria um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, colocando ênfase em sua vida pessoal e em particular na história de sua personalidade. (FUSSELL apud NICOLIA, 2006, p.28).

Esta questão, da identidade na multiplicidade ou da unidade na diversidade, constitui o cerne da problemática da percepção. Para o pensamento do filósofo francês Merleau-Ponty há uma negação da “coisa” como algo que viva, independentemente, das relações que estabeleça. “O objeto é esse infinito de perspectivas onde cada uma lhe diz respeito e nenhuma o esgota”. (PALLAMIN, 1996, p. 24). Nas palavras próprias de Ponty: “a coisa percebida existe enquanto alguém pode percebê-la” (MERLEAU-PONTY, 1984, p.48).

O encontro com os objetos do mundo vivido se dá pela experiência e a síntese da coisa percebida está ligada pela sua própria presença. Exterior e interior são inseparáveis nesta estruturação. A professora Vera Palladin explica, que a fenomenologia de Merleau-Ponty:

Recusa a espacialidade e a temporalidade como externas ao sujeito e ao objeto. Estes não estão no espaço e no tempo – reduzidos às suas dimensões geométrica e cronológica, respectivamente. Mas são do espaço e do tempo, entre corpo e mundo há invasão recíproca e a espacialidade faz-se desta constituição corpórea das coisas, sendo compreendida pela temporalidade. (1996, p.26).

Assim, pode-se dizer que em grande medida, o dizer de uma experiência - o relato - está entre a factibilidade dos eventos e a subjetividade condicionante de sua concepção, posto que perceber não é mais que “captar um sentido imanente no sensível, anteriormente a todo juízo” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 56).

A presença das coisas nos põe um logos em estado nascente e nos ensina fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade. (MERLEAU-PONTY, 1984, grifo meu). O real então, não está só para ser constituído ou analisado, mas também para ser descrito. A verdade é “anterior ao pensamento” porque antes de ser refletida, ela é uma verdade sentida. Esta é a essência do conceito de Maurice Merleau-Ponty de *redução fenomenológica*. A imaginação fictícia é inerente à apreensão e a expressão do encontro com o objeto, o fenômeno, o que nos leva a pensar inúmeras maneiras de como um relato pode ser contado, para antes e depois do texto.

Adiante segue o vaguear sobre dois tipos de relatos, de períodos diacrônicos. Um se trata de narrativas encomendadas por uma figura de autoridade, no caso, a Coroa espanhola representada na figura da Rainha Izabel, e de outro lado uma escrita despretensiosa e espontânea

de um grande escritor, que se vale de rascunhos poéticos para a composição de suas obras literárias. Os Diários da América de Cristóvão Colombo e os diários A Boiada I e II de João Guimarães Rosa, ambos se assemelham em um aspecto, associavam o trabalho à prática poética, ao apreender os espaços vividos na escritura de seus diários. Direção a que aponta essa pesquisa. Ambos escrevem suas experiências e no âmbito de seus relatos descobrem geografias múltiplas que dissolve fronteiras entre o indivíduo e a espacialidade.

4.2. Colombo e os Diários da América

Teria Cristóvão Colombo descoberto as Américas em 12 de outubro de 1492? Para ele próprio certamente não. Pois ele morreu em 1506, convencido, quatro viagens depois, de que havia chegado à costa ocidental das Índias. Um dos mapas que esse navegador genovês conhecia e em que com certeza acreditava, coloca o oriente muito mais próximo do ocidente de que na realidade ele está. Coloco-o mais ou menos no lugar onde Colombo desembarca. Primeiro em ilhas Antilhas e depois no continente americano.

A Ásia encarnou com seus interiores ignotos, mapas imaginários e impérios formidáveis, onde a Neste mapa a imensa Ásia possui quatro grandes penínsulas, umas delas é a Índias, nele não existe nada entre Europa e as costas ocidentais do Oriente, a não ser o próprio oceano. Durante alguns anos depois de 1492, os navegadores espanhóis ou a serviço da Espanha continuam buscando o Oriente à Ocidente. Para Espanha havia uma grande urgência política nessa descoberta, pois Portugal aos poucos acumulava sucessos em seu projeto de chegar às Índias costeando a África.

Outro italiano, Américo Vesputi empreende viagens notáveis descendo rumo ao Sul e ele antecipa a grande viagem de Fernão de Magalhães, um português também a serviço do reino de Castela. Descende pela costa do Brasil, Américo Vesputi não encontra sinal algum de um território que corresponda às descrições já conhecidas dos reinos do Oriente. É ele quem descreve desconfiado que de talvez aquelas fossem terras de um novo desconhecido

continente. Quando Balboa vê pela primeira vez com olhos claros de um europeu deslumbrado o imenso oceano Pacífico, a Europa presume que havia descoberto o que não esperava: as Américas.

Navegavam a Oeste. Sempre em busca da luz solar. Da Ásia chegou à Europa e, em seguida à América. Para onde emigraram as populações originárias da colonização inglesa – povoando a América do Norte -, espanhola – para a América Central e para toda a costa oeste da parte sul do continente - e portuguesa, a formativa do Brasil, a leste da América do Sul, mas a desenvolverem-se, todas, no rumo do oeste.

Seguiam o mapa de Toscanelli, cartógrafo italiano, que indicava seguir com as embarcações numa mesma latitude. Os visionários cartógrafos, como Ortelius y Mercator, aqueles que em suas visões por distinguir os erros dos acertos e equivaler informação, à menudo contraditórias, entre a realidade que esboçavam desde seus gabinetes e o mundo exterior conseguiam projetar o olhar desde cima.

No Diário da Descoberta há um relato que diz que muitos homens viajantes da tripulação tinham muito medo desta grande viagem. Medo que esses ventos que sopravam rumo ao desconhecido não se voltarem em sentido contrário jamais para retornarem à Espanha. Num domingo, 07 de setembro o almirante se angustiou ao advertir os marujos de que na ocasião conduziam mal. Silencioso pegou a pena e se pôs diante do diário de bordo:

Neste dia, eles perderam completamente de vista a terra. Acreditando não mais revê-la por muito tempo, muitos choraram e suspiravam. “O almirante os reconfortou com promessas de muitas terras e riquezas, a fim de que conservassem a esperança e perdessem o medo que eles tinham de tão longo caminho.” (COLOMBO, p. 10 in: FAERN, 1991).

O almirante Colombo era silencioso, carregava consigo uma obstinação. Parecia mais interessado em sonhar com as terras descritas pelo aventureiro Marco Polo, em ler narrativas de viagens em bibliotecas dos conventos, ouvir os marujos falando sobre lugares remotos embebidos de vinho pelas tavernas, que cumprir com as expectativas da corte, de riqueza e expansão de domínio: Que riquezas poderiam confrontar os marujos espanhóis a se lançarem

ao desconhecido se não as da própria aventura em si? Sem embargo, não é de se negar que ao empreender tal viagem o almirante sabia da fortuna e do prestígio que teria se lograsse, de fato, a conquista das Índias.

Segundo algumas descrições, Cristóvão era um homem estranho de quem mal se sabia onde nascera. Suas ideias no contexto da época eram tidas como delírios ainda que parecesse conhecer muitos livros, teorias e conhecimento de náuticos.

Tudo era obscuro e nenhum doutor destes da Universidade de Salamanca, a mais célebre, apostaria em sua cultura. Mas tinha nos olhos azuis a sinceridade e a voz podia ter a força mística que impressionava a Rainha Isabel a quem procurou na corte, e para quem falou com paixão de caminhos marítimos novos e de glórias e riquezas possíveis para a Espanha que derrotava os mouros, vivia com os reis Ferdinando e Isabel, neste delírio a inquisição, na qual todos que eram considerados ímpios podiam ter a fogueira ou a tortura como pena. (FAERMAN, 1991, p. 11, 12).

Conta-se que Cristóvão Colombo costumava desviar seu percurso das grandes e movimentadas vias para as ruelas vazias e tortuosas, com o intuito de evitar os comentários e cochichos maliciosos que recriminavam o gosto real por um aventureiro, que para os cortesãos e demais cidadãos do reinado, só falava sandices. O certo é que essas elucubrações de terras distantes seduzira a rainha Isabel. É evidente que o interesse de dominação de novas terras foi o motivo racional de persuasão real para a subvenção das três barcas Niña, Pinta e Santa Maria, mais uma tripulação de centenas de homens a se arriscar pelos mares dos monstros, como era chamado o oceano Atlântico. No entanto, não se deve descartar outro aspecto dessa motivação, que é a influência *estética* nessas narrativas, que impressionavam o imaginário coletivo e impulsionam os homens ao desbravamento.

Ventos sopravam de cá para lá. De repente um vento contrário e o alívio à tripulação da barca Santa Maria. Colombo escreve: “Este vento contrário me foi muito necessário, porque meus homens estavam em grande fermentação, pensando que nestes mares não sopravam ventos para voltar para a Espanha.”. (Diários da América, 1991, p. 12)

Empreender uma viagem sem volta é como abandonar-se ao acaso, à experiência de nascer a cada dia para o novo e de subjazer o *eu* a uma imensidão maior do desconhecido, ao

mar de imprevisibilidade que espera o viajante num empreitada de errância a um destino final incerto.

Por isso, Colombo pisava em Cuba e se creia estar no Japão. Imaginava estar no continente e nem sabia do abraço de mar que rodeava a ilha. Chegar a algum lugar ainda que não tenha sido às prometidas Índias, já era um acalento, pois estar submetido às circunstâncias das marés sugeria estados de impermanências emocionais constantes e variadas naqueles homens que viajavam e moviam seus devaneios e afetos em junto às águas e à Lua, sem nenhuma certeza.

O almirante tentava criar medidas para conter os ânimos da tripulação. Estipulara que aquele que gritasse em vão o alarme de terra à vista, seria acometido a justificáveis punições, pois as falsas expectativas geravam nos homens irritações e discórdias que eram atrapalhavam o prosseguir da viagem.

Outra atitude de Colombo que amenizava as incertezas, a demora e as distâncias eram as enunciações poéticas que fazia em voz alta sobre o caminho: “parece que estamos num abril da Andaluzia”.

Andaluzia, que desde esta época foi tema de poesias, foi recontada posteriormente por outro viajante, brasileiro, João Cabral de Melo Neto, que assim como João Guimarães Rosa, atuava entre a poesia e a política, no labor de cônsul. Os dois “joãos”, João Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto viajavam a serviço diplomático, mas aproveitavam seus deslocamentos para compor literatura. Este tendo vivido em Sevilha e aquele em Hamburgo. Nessa cidade do sul da Espanha, João Cabral de Melo Neto buscou assimilar a literatura, a arte e muito especialmente a cultura popular da região em intensa vivência que estabeleceu com a poesia gitana, o flamenco. Para tanto, foi assíduo frequentador de lugares típicos: tablados, bairros gitanos, praças de toros, tascas.

Escreveu uma poesia impregnada de palavras e figuras andaluzas.

Nestas duas estrofes do poema Viver Sevilha, João Cabral declara:

*Só em Sevilha o corpo está
com todos os sentidos em riste,
sentidos que nem se sabia,
antes de andá-la, que existissem;
sentidos que fundam num só:
viver num só o que nos vive,
que nos dá a mulher de Sevilha
e a cidade ou concha em que vive.*

Sobre suas andarilhagens pelos passeios floreados de Triana e as pontes sobre o rio Guadalquivir, ele escreve: *"Sevilha é uma cidade íntima. Você anda nas ruas de Sevilha como você anda no corredor de sua casa. É difícil explicar, aqui no Brasil, o que é uma corrida de touros, o que é um toureiro... um taurino... para compreender o que é um taurino é preciso ter vivido na Espanha como eu, que vivi treze anos lá."* Ele evoca no seu relato um apelo feminino ao andar. Coloca a cidade como uma expressão íntima da relação de seu corpo com os lugares. Para o pensamento geometrizar, proporcional e de uma lógica muito particular de João Cabral, Recife é Sevilha, e o Guadalquivir corresponde ao seu Capibaribe. A secura dos campos andaluzes são as pedras do sertão nordestino, assim como a planura do Mediterrâneo são os verdes canaviais de Pernambuco.

*Sevilha veio a Pernambuco
porque Aloísio lhe dizia
que o Capibaribe e o Guadalquivir
são de uma só maçonaria.*
(MELO NETO, 2008, p.XX)

Após este breve desvio poético, que contempla as andanças de João Cabral de Melo Neto, retorno ao viajante primordial, Colombo, cuja exploração está no limiar das lendas e da história: "Da lenda como exaltação de heroísmo dos seres de exceção contra uma natureza ainda impregnada de magia e da história como compreensão humanista do homem realizando seu destino frente a uma natureza". (DARDEL, 2011, p. 28)

O viajante diante do inédito amplia a dimensão do contexto, ele pode se sentir num mundo maravilhoso, onde “o fundo do maravilhoso que coloca o autor é quase exclusivamente econômico. Mas é também fantástico. Quando ficção e veracidade se apresentam indistintamente no relato.” (GIUCCI, 1992, p.14) Há uma linha que sublinha o encontro entre a realidade e o mito: uma forma de absorver imagens e de narrar a experiência.

Estava em meio aos selvagens. Eu me esquecia entre eles de ter vivido com os homens, gozava pela primeira vez de uma doce tranquilidade. O silêncio e reinava nessa solidão me tornava mais amável. Um número prodigioso de flores desconhecidas me oferecia um espetáculo novo e variado, eu estava iluminado por madeira perfumada e por resinas odoríferas. A areia sobre a qual andei era de ouro. (Diários da Descoberta, 1991, p. 81).

Encontrar novos pontos de vista para ampliar e visões de mundo às concepções tão singulares e tão diversas das outras sociedades, é responder ao interesse pela humanidade do homem e uma forma de expandir o humanismo.

4.3. Literatura e Andarilhagem

Assim sendo, se pudermos ousar estabelecer uma relação ainda não bem estabelecida entre a literatura e a andarilharem, talvez pudéssemos relacionar uma à outra através de uma oposição bastante conhecida. Falo da dicotomia que às vezes existe entre a poesia épica e a poesia lírica. Algo que entre primeiros ensaios pioneiros vem desde uma antiguidade anterior á Grécia Clássica, mas que apenas nela toma a forma que com variações chega até nossos dias.

Sabemos que entre os povos que se alçaram á palavra escrita, e que a fizeram evoluir a ponto de constituírem uma literatura consolidada, primeiro os poetas - não raro eles mesmos aedos errantes, como na Grécia - escreveram, falaram ou entoaram epopeias ao som de liras. Epopéias não raro transformadas na poesia de todo um povo. Algo de que o *Gilgamech* babilônico talvez seja o mais antigo exemplo conhecido. Apenas anos ou mesmo séculos mais tarde surge e se difunde uma poesia lírica.

Podemos reconhecer que haja algumas exceções aqui e ali. Talvez este seja o caso da

literatura do povo de Israel, que desde os seus primórdios preferiu os pequenos e quase sempre pessoais *Salmos* e mais o *Cântico dos cânticos*, a alguma grande epopeia posta por escrito. A menos que queiramos considerar o *Gênesis* e as páginas das escrituras sagradas dos hebreus que tratam a viagem de Abraão e sua parentela desde Ur e, mais ainda, a longa peregrinação do "povo hebreu" saído do Egito e vagando por quarenta anos entre desertos, como grandes e não assumidas épicas. Primeiro a de um homem, sua linhagem, seus animais e as suas posses móveis. Depois, a de todo um povo errante.

Partamos de que a primeira poesia é a épica, que na *Ilíada* e na *Odisséia* de Homero conhecerá seus momentos de um apogeu talvez nunca suplantado. Nelas, ademais de criar o chão simbólico de um "sentimento do ser grego", e estabelecer os fundamentos de uma simbologia da religião e de uma ética grega, Homero mistura em seu poema uma guerra entre deuses e heróis de um lado e do outro, e a viagem de navegantes guerreiros. Um ir-e-vir de viajantes, uns para chegarem a um lugar até onde se vai (Tróia, na *Ilíada*), outros para retornarem ao lugar de onde vieram (Ítaca, na *Odisséia*).

Na *Ilíada* a epopéia começa com os preparativos - e os entreveros - para uma viagem em que inúmeros barcos dos diversos povos e pequenos reinos da Hélade seguem juntos em direção a Tróia, do outro lado do Mediterrâneo. Navegam juntos para uma guerra que custaria aos gregos dez anos "longe do lar". Na *Odisséia* o que temos é o relato de uma viagem. Uma longa viagem de dezessete anos (conferir se não são 19 anos) de Ulisses e seus companheiros a Ítaca. Recordemos que Ulisses, ao final de inúmeras peripécias ao longo das quais vai perdendo companheiros de armas e de viagem chega sozinho à ilha de seu reino e seu lar.

Observemos de passagem, que entre as grandes epopeias e os mitos tribais: a) há heróis que partem de onde são e retornam ao seu lugar de origem; b) há heróis que partem de um lugar de onde são e terminam a sua jornada em um lugar de que não eram; c) há heróis que partem do lugar de onde não são originariamente e chegam enfim a um lugar distante de

onde passam a ser; d) e há, finalmente, heróis que partem de um lugar de onde não são e chegam afinal a um outro lugar (terrenal ou não) de onde não eram e de onde passam a ser.

Observemos ainda que de novo entre epopéias e mitos: a) há heróis que partem sós e retornam sozinhos; b) há heróis que partem sozinhos e retornam com outros; c) há heróis que partem com outros e chegam sozinhos (como o próprio Ulisses); d) e, finalmente, há heróis que partem com outros e retornam com outros (todos os de antes ou apenas uma parte deles).

Quase sempre em todas as epopéias dos mais diferentes povos da antiguidade, o que se celebra é a viagem aventureira de um ou de alguns heróis lendários. Quase sempre eles são guerreiros e, no mais das vezes, guerreiros errantes, solitários ou coletivos. Raramente alguém chega a ser um herói de epopeia sem haver um dia partido de um lugar onde nasceu, ou onde viveu até partir para aventura que a epopeia rememora.

Apenas mais tarde, na Grécia e em outras culturas, surge a poesia lírica. E ela se associa ao feminino, ao nascer do sentimento de si-mesmo e ao desabrochar de afetos, sentimentos e sofrimentos que podem ser - além de sentidos e falados (ou cantados) - postos também por escrito. Safo é o outro lado da moeda que trás nela também o rosto de Homero.

Diversa da epopeia, a lírica canta, narra ou descreve viagens interiores por territórios de uma pessoa, ou as trilhas ardentes de uma forte relação entre duas pessoas. E pelo menos em boa parte, na poesia lírica, quem fala ou escreve é aquele ou aquela que ficou, enquanto um outro partiu. Será que algum dia Penélope escreveu poemas líricos enquanto Ulisses guerreava ou retornava turbulentamente ao lar?

No mais das vezes, através de um "eu"- um grande herói guerreiro, viajante, descobridor, colonizador - uma epopeia celebra um "nós": uma gente, um clã, uma linhagem povo, uma nação. Em direção oposta, podemos imaginar que a lírica, através de um "nós" - o modo de ser, viver, sentir e sofrer de um povo, de uma classe social, de uma etnia, de uma cultura - celebra um "eu": uma pessoa que vive e sente; e fala e escreve o sentir de si-mesma,

entre a alegria, o desejo, o temor, o sofrimento ou mesmo o desespero.

E por que motivos estão associados aqui uma estranha oposição entre epopeia-lírica na literatura antiga, e a andarilhagem, o viajar?

Por um motivo simples. Porque acreditamos que tal como na literatura, também no "ofício de viajar" subsiste uma semelhante oposição. E por certo uma pesquisa histórica demonstraria que desde a origem da humanidade no centro da África até tempos que de algum modo nos levariam a momentos bem mais próximos a nós, por volta dos séculos XVII, XVIII e XIX de nossa era, muito provavelmente primeiro pessoas, grupos humanos, povos inteiros deslocam-se "epicamente" e, fora exceções notáveis, somente muito mais tarde, segundo um padrão "lírico".

Por necessidade devida a questões ambientais (a busca distante de alimentos, cataclismos inesperados ou grandes secas), ou a dramas de político-sociais (em geral envolvendo conflitos e guerras), diferentes grupos humanos saíram/partiram de onde estavam e viviam, em direção a um outro lugar: um lugar-outro próximo, distante ou mesmo remoto. Estes e outros deslocamentos ancestrais terão sido as viagens de grupos humanos inteiros. Dilatado o bastante entre eras da história humana, aquele foi - e de algum modo continua sendo - o tempo do povo-errante; do povoador-ancestral, do bando nômade, de pessoas, famílias, parentelas, aldeias, povos inteiros afinal residente e, depois, desalojados de um lugar de origem ou de remota chegada ancestral.

Os humanos criaram primeiro as culturas da caça, e depois do pastoreio. E somente muito mais adiante se tornaram culturas da lavoura; da agricultura que fixa bandos errantes e os transforma, de grupos semi-nômades em comunidades estabilizadas em um lugar. Uma humanidade que passa do gamo que se caça ao boi que se cria e, dele, ao milho que se planta.

E bem sabemos que neste campo histórias aproximam-se bastante, entre a fantasia e a realidade. Sagas tão distantes como a dos astecas, a dos primeiros romanos, a dos hebreus, a

dos colonizadores protestantes da Inglaterra no que viria a ser bem mais tarde uma nação, os Estados Unidos da América do Norte, a dos nordestinos no Acre. E pelo menos em alguns casos, esta história será também o nascedouro das epopeias -nem sempre recomendáveis - do descobridor pacífico (em termos), do conquistador guerreiro, do colonizador pioneiro. E também de seus derivados e acompanhantes, de que exemplos conhecidos, porquanto são os dos começos de nossa "história", são: o indígena fugitivo do litoral para o interior do Brasil, o missionário conversionista vindo da Europa às Américas, o escravo dos povos da África, roubado de suas aldeias e expatriado ao longo de três séculos.

Fora exceções quase sempre apagadas da história, ou aqui e ali ainda lembradas, tais como Hesíodo ou, séculos mais tarde, Marco Polo, será preciso esperar muito tempo para que a humanidade venha a conhecer o que poderemos considerar o típico "viajante lírico". O viajante "solo", solitário, calculista ou aventureiro. Aquele que adiante veremos viajando para descobrir, para conquistar, para colonizar, para servir a outros sob o domínio da força, para cumprir do dever de conduzir outros, para conhecer, para confirmar com uma viagem uma crença ou uma fé em deuses fundadores ou em espíritos vagantes, para simplesmente errar e vagabundear.

Este último será o errante-por-errar que, á diferença de seus ancestrais, não parte, não viaja e, nem retorna um dia ao lugar de onde partiu, por haver saído obrigado, ou em nome de um dever coletivo, para fugir de um lugar, para refugiar-se em um outro. Tampouco para invadir territórios e conquistar e/ou colonizar outros povos, seres de outras culturas. Ele não se confunde com os que mais "partem do que viajam, e que no mais das vezes migram coletivamente de um lugar para outro..."para sempre".

O "errante-lírico é o viajante que "vai por querer". É quem deixa os "seus", a "sua cidade", a "sua pátria" em busca de outras paragens, de outras gentes, outros povos, por conta própria. Ou por sua conta e risco. Aquele que parte afinal em busca "do outro", ou, em direção

quase oposta, aquele que como Sidarta Gautama ou Jesus Cristo no deserto, vai para longe em busca de si-mesmo. Vai, parte, mas retorna, pois tanto Buda e Cristo, quando o Zaratustra de Nietzsche, depois do encontro de si-mesmos, retornaram ao meio dos outros para se revelarem, para os ensinar, para os converter a trilharem o mesmo caminho¹³.

O "errante lírico" de quem falo aqui vai do peregrino, do romeiro, do ermitão, ao aventureiro do passado ou mesmo de presente (Robson Crusoe e Almir Klink), até o poeta caminhante como Herman Hesse, ou mais errante, como Lord Byron, ou Rainer Maria Rilke¹⁴. Entre os nossos podemos opor Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado, mineiros avessos ao viajar a Vinicius de Moraes, João Cabral de Mello Neto (não por acaso ambos diplomatas) e Hilda Hilst¹⁵.

A meio caminho entre o viajante coletivo e épico - forçado ou não a atravessar fronteiras e, não raro, oceanos - e o errante solitário e lírico, vocacionado a partir por algum tempo ou para sempre, por vontade própria e movido por um desejo interior, pensamos que seria oportuno situar categorias de outros viajantes. Errantes de longa ou curta duração, com quem inclusive uma boa parte de nós mesmas(os), pessoas *da* e *na* academia, nos identificamos.

Talvez seja aqui a melhor lembrança a imagem conhecida do Beagle, o navio inglês que zarpa conduzindo navegantes de ofício, e por obrigação lançados a uma longa viagem de circunavegação, ao lado de militares e outros oficiais "a serviço da Coroa Inglesa" e

13 Sabemos bem que o nome Cristão é tardio, assim como o símbolo da cruz, no cristianismo. os primeiros seguidores de Jesus Cristo se reconheciam como os que "estavam no caminho", os "do caminho", os "seguidores do caminho". E tinham na imagem de um peixe o seu símbolo identitário. *Ictios*, a palavra grega para peixe, tinha iniciais que formavam a frase: Jesus Cristo, filho de deus salvador. Não esquecer a força da expressão "estar na caminhada" entre cristãos de hoje seguidores de alguma variante da teologia da libertação e, em geral, reunidos em uma comunidade eclesial de base. Também entre várias denominações evangélicas, sobretudo pentecostais e neo-pentecostais, o "estar no caminho" é uma frase fortemente simbólica.

14 Na Galícia me foi dito que durante a Idade Média havia três categorias fundamentais de "errantes do sagrado" (a expressão entre aspas é minha). Romeiro, aquele que se dirigia a Roma. Peregrino, o que partia rumo a Santiago de Compostela. Cruzado, o que ia em busca da "Terra Santa".

15 Adélia Prado nunca se dispôs a sair de sua casa em Divinópolis. Hilda Hilst, durante parte da vida bastante mais errante, terminou sua vida na Chácara do Sol, solitária de seres humanos e rodeada de mais de sessenta cachorros.

conduzindo um solitário (e talvez incômodo) viajante-cientista, chamado Charles Darwin. Darwin viaja só. Assim como a maioria dos outros tantos diversos semelhantes pré-cientistas, ou cientistas acadêmicos de seres da natureza - de pedras a plantas e pássaros - ou de seres da cultura, dos povos tribais distantes aos camponeses de sua própria "gente". Em viagem-solo e na companhia de um desenhista auxiliar, herbolistas, geólogos, biólogos, "naturalistas", enfim e, mais tarde, geógrafos e antropólogos, viajam "por conta própria". No entanto, a diferença do poeta-errante, eles vão a serviço de uma ciência, de uma academia científica como as que surgem em séculos anteriores e proliferam por toda a parte no século XIX, ou mesmo, em nome e com o patrocínio de instituição de cunho universitário.

Partem em missão com um propósito que dá à sua viagem um sentido de dever-a-cumprir. Aquilo que separa as viagens de Darwin, de Humboldt ou de Saint-Hilaire, da viagem que levou anos mais tarde Paul Gauguin a sair da França em direção ao Taiti.

Colombo foi um coletivo e persistente navegante épico; Gauguin um solitário errante lírico. Darwin está situado entre os dois.



Figura 13: Gauguin. Mulheres do Taiti (na praia) Femmes de Tahiti [Sur la plage], 1891, óleo sobre tela; acervo do Musee d'Orsay, Paris. Fonte: <http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/gauguin/>.

4.3.1. A Europa transgressora

Formada por um povo transgressor, aventureiro, movente, avesso à fixidez, a Europa é uma territorialidade que não conhece fronteiras: “é como se ela traçasse as fronteiras apenas para dar vazão ao incurável impulso de transgredi-las.” (BAUMAN, 2006, p. 13). Ela seria formada por uma unidade territorial, mas também por uma essência:

Quando ouvimos alguém pronunciar a palavra Europa não fica imediatamente claro se está se refere a uma realidade territorial delimitada, presa ao solo dentro das fronteiras e meticulosamente desenhadas por tratados políticos e documentos jurídicos ainda não revogados, ou a uma essência livremente flutuante que não conhece divisões territoriais e que desafia todos os vínculos e limites espaciais. E é essa dificuldade quase impossibilidade de falar da Europa estabelecendo uma separação clara e nítida entre a questão da essência e os fatos da realidade que distingue o debate sobre a Europa da maioria das discussões a respeito de entidades dotadas de referências geográficas. (BAUMAN, 2006, p. 12).

Sempre foi característica da Europa o constante deslocamento, o que fazia do europeu, um nômade nato, um ser por si caracterizado por sua falta de fixidez. Desde o fim do século XVIII a Europa se interessava pela alteridade, pelo exótico, pelo exuberante e pelo pitoresco das culturas distantes. O foco das discussões científicas e políticas se voltavam em saber “quem é o outro que habita as terras alhures”, motivo que havia impulsionado as grandes navegações (com o ímpeto em dominar e instaurar o poder a caminho da hegemonia mundial) e também levado ao deslocamento os viajantes naturalistas. Que se lançavam a conhecer as realidades externas, a partir de expedições nas quais relatavam os modos de vida daqui, de forma alegórica e até, certas vezes, fantasiosa. (LAHUERTA, 2006).

No fim do século XIX, com a abertura dos portos, os viajantes europeus saíam com mais frequência, no ímpeto de ver o mundo e desvendar seus segredos, na tentativa de compreender e classificar, tal como fazia o pensamento científico cartesiano da época. Fazia parte de suas expedições a preocupação em descrever os lugares e a disponibilidade de recursos naturais, mas também, descrever o homem e relatar seus hábitos, tradições, e sua relação com o meio (linguagem, trabalho e outras fontes que evidenciavam o pitoresco e alteridade dos modos de vida do outro) em seus diários de viagem. As descrições do Brasil

disseminadas nas mais vastas referências, que se estendem desde Saint-Hilaire, Johann von Spix, Carl von Martius à Richard Bourton.

Eles ressaltavam o exuberante das matas, o exótico das comidas, do clima e do jeito dos nativos. Disse Edward Said (2007): “Todos os tipos de suposições, associações e ficções parecem amontoar-se no espaço não familiar fora do nosso.” (SAID, 2007, p. 91). A distância permite sua fabulação, a criação do *maravilhoso*¹⁶ e a exacerbação do pictórico do espaço. O território longínquo é infindável e ele incita a correr nas vastidões do imaginário, sobre o terreno fecundo do sonho e do desejo. Não há dúvida de que uma geografia imaginativa ajudaria a mente a intensificar a sua percepção de si mesma, dramatizando a distância e a diferença entre o que está próximo e o que está longe.

A flora, a fauna e os habitantes estrangeiros subordinam-se as aventuras do sujeito. O eu manifesta interesses pela alteridade do mundo natural e social que o rodeia enquanto fonte de acumulação de experiências pessoais, consumação de fantasias, realização de desejos e atualização de ilusões. (GIUCCI, 1992, p.30).

O percurso se entremeia nas camadas da existência humana, desde suas sensações aos sonhos. Os relatos da Idade Média difundiam crenças em antípodas, monstros e outros seres híbridos que habitavam os mundos ermos, assim como imagens estereotipadas da abundância e do remoto. Trata-se de um pensamento que tanto investiga quanto inventa e cria sobre a realidade.

Neste momento o escritor reinventa a si mesmo e ao leitor.

Simples territórios metamorfoseiam-se em várias extensões de ilusão, os raros indícios de civilização ou de riqueza tornaram-se um argumento de tesouros insólitos; e os objetivos declarados das empresas descobridoras desviaram-se para uma perseguição insaciável de realidades fantásticas. Apesar de toda a cautela a obsessão dos guerreiros pelos metais preciosos, levou-os a deslocar-se pela rota da imprudência, da ousadia, da astúcia. (GIUCCI, 1992, p. 15).

¹⁶ “O maravilhoso se apoia no desconhecido ou na falta de hábito (...) não exige a concordância entre o objeto e o narrado.” (GIUCCI, 1992, p. 14).

No século XVIII e começo do século XIX, relatos mais científicos começaram a aparecer, ressaltando exotismos e exuberâncias nas paisagens naturais e nos costumes dos povos bárbaros ou orientais antes mesmo da Antropologia ou da Geografia se consolidarem como Ciências Humanas, imbuídas da prática da viagem e sua descrição.

Bakhtin afirma que a especialidade das Ciências Humanas está no fato de que seu objeto é o texto¹⁷ (1992, p. 31). Em outras palavras, a ciências humanas se volta para o homem, mas é o homem produtor de textos que se apresenta aí. Dessa concepção decorre que o homem não só é conhecido através dos textos como se constrói enquanto objeto de estudo nos textos, ou por meio deles. É neste ponto que ela se distingue das ciências exatas e biológicas que examinam o homem fora do texto, em seu cálculo e organicidade pura. O estudo das memórias, emoções, afetos, todos corresponderiam a textos (discursos) que se vinculam à vida enquanto fenômeno significativo, no qual se faz possível e reconhecível o diálogo.

Clifford Geertz em *A Interpretação das Culturas* (1978) também utiliza o conceito de texto, para ele a cultura é um tecido textual. “Lo que le preocupa de la ciencia no es que busque algunas regularidades útiles, sino que pretenda legitimarse atreves de un relato, de una argumentación relativa a sus fundamentos.” (REYNOSO, 1998, p. 24)

O Oriente tal como o concebemos é uma construção do Ocidente: “O Oriente não se apresentava como polo oposto do Ocidente, mas como estrutura aberta (para cometer anacronismos), dentro da qual o próprio Ocidente se localizava” (FLUSSER, 2007, p. 51). Lá é o espaço vislumbrado dos mistérios, que se manifesta no desejo imaginário do diferente e na magia das palavras.

Em geral, as narrações ocidentais sobre o oriente contribuíram para confirmar e perpetuar a visão do que estava distante da Europa, como palco de “hibridismos pavorosos,

¹⁷ Tomado como sinônimo de discurso.

impérios deslumbrantes, enclaves cristãos e riquezas inverossímeis.” (GIUCCI, 1992, p. 17). Todas as riquezas cabem dentro do território não familiar, lugar de esmeralda, diamante, carbúnculo, crisólito, safira, topázio, ônix, ouro: “Essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é nosso, e um espaço familiar além do nosso, que é o deles, é um modo de fazer distinções geográficas que pode ser inteiramente arbitrário” (SAID, 2007, p. 91).

Também é tempo de levar a sério a intensificação da pulsão da errância que, em todos os domínios, numa espécie de materialismo místico, lembra a impermanência de qualquer coisa. O que não deixa de fazer parte, ou o explorador maravilhoso desses mundos antigos que convém, sempre e ainda uma vez, inventar. Porque estar inquieto ou em desequilíbrio não é, afinal de contas, o próprio de todo elo vital? (MAFFESOLI, 2001, p. 17).

No livro *Teoria da Viagem* Michel Onfray diz que em uma viagem “não escolhemos os lugares de predileção, somos requisitados por eles.” (ONFRAY, 2009, p.20) Poder-se-ia dizer que Colombo tivera sido atraído às paisagens das Américas, em vez de aportar nas terras, que não eram as Índias de Marco Polo, por uma casualidade do erro. O convencimento de uma superioridade cultural e a avidez por ganhos e benefícios à Coroa de Castela é o argumento mais fiel aos objetivos da expansão espanhola:

A viagem da espoliação, da ambição e da redenção; o arsenal de potências marinhas maléficas, ilhas prodigiosas e abadias fantásticas que povoam as zonas inexploradas, as figuras do guerreiro, do santo e do curioso. Todos são interpelados substancialmente como formulações da mobilidade que assinalam a chegada do expedicionário europeu ao Novo Mundo. (GIUCCI, 1992, p. 17).

Colombo era um errante dos oceanos. A água, enquanto um elemento arquetípico do desejo era o catalizador de sua pulsão pelos mares e pelas ondas. Mas há também entre aqueles que se lançam às aventuras, outros que buscam o éter dos céus e os que respondem a um chamado telúrico. Imagino como foi a experiência dos expedicionários brasileiros na *Marcha pelo Oeste*, ao desbravar os interiores do cerrado inóspito, que posteriormente vira a se tornar terras goianas.

Ele viajava para conquistar, mas escrevia como um poeta em seu diário de bordo. Documento raro em parte resguardado pelo seu filho Fernandino e em outras pelo Padre

Bartolomeu de las Casas. Nele o almirante se esmerava nas descrições encomendada pela alteza. Aos reis ele escrevia sobre peixes coloridos como pássaros: “O mar daqui tem baleias e os peixes são diferentes dos nossos, e maravilhosos. Azuis, amarelos, vermelhos, de todas as cores do mundo.” (COLOMBO In: FAERN, 1991, p. 17) Ao entrar na ilha de Cabo Belo ele descreve a sutileza do cheiro que encontra em tais terras:

“E quando aqui cheguei, veio da terra um perfume tão bom e tão suave das flores ou das árvores que era a coisa mais doce do mundo.”

“O canto dos pequenos pássaros é tal que parece que jamais passou um homem aqui.” (COLOMBO In: FAERN, 1991, p. 17).

O ineditismo de sua experiência faz com que Colombo veja tudo com olhos de surpresa e questionamento. “There is a physical, interpersonal interaction with a distinct, often exotic, world, leading to an experience of initiation.¹⁸” (CLIFFORD, 1997, p. 57) Tenta apreender os detalhes mais minuciosos das novas paisagens e costumes para alimentar o deleite das longas horas de leitura da rainha, que o protegia e o incentivava nos projetos de novas viagens e novos consequentes relatos. “E ali está uma lagoa, majestade. E ali matam uma serpente enorme; a pele, levarão para a Espanha, como tantas coisas dessas terras. Passou o outubro e veio novembro, algum ouro foi achado, muitas cruzeiras plantadas.” (COLOMBO In: FAERN, 1991, p. 17).

Enquanto entre os viajantes europeus se discutia habitantes encontrados nas ilhas e nos continentes das Américas eram homens ou monstros, sacerdotes astecas questionavam se os hospedes chegados eram homens ou deuses. (TODOROV, 2006).

Essa afirmação de Todorov pode pontuar uma severa distinção entre o ocidente e o oriente. Não enquanto geografias que oponham, se complementem ou que se definam por qualquer tipo de determinismo, mas sim como geografias híbridas, ficcionadas por ideologias construídas por instancias cujo poder pode ser o de uma divindade ou o do capital. Poucas

¹⁸ Há uma interação física, interpessoal com um mundo distinto, muitas vezes exótico, que leva a uma experiência de iniciação. Tradução minha.

escolhas possuem aqueles que constroem seus arquétipos de existência tendo sido educado nestes valores. Há que se colocar bastante intenção na mudança para que as formas mais primárias da cultura se transformam. O viajante, que circunda o mundo do oriente a ocidente, não só a transforma sua cultura, como também a translada. E neste deslocamento, outros também se permitem agregar referências à sua cultura.

4.4. Rosa e os Diários do Sertão

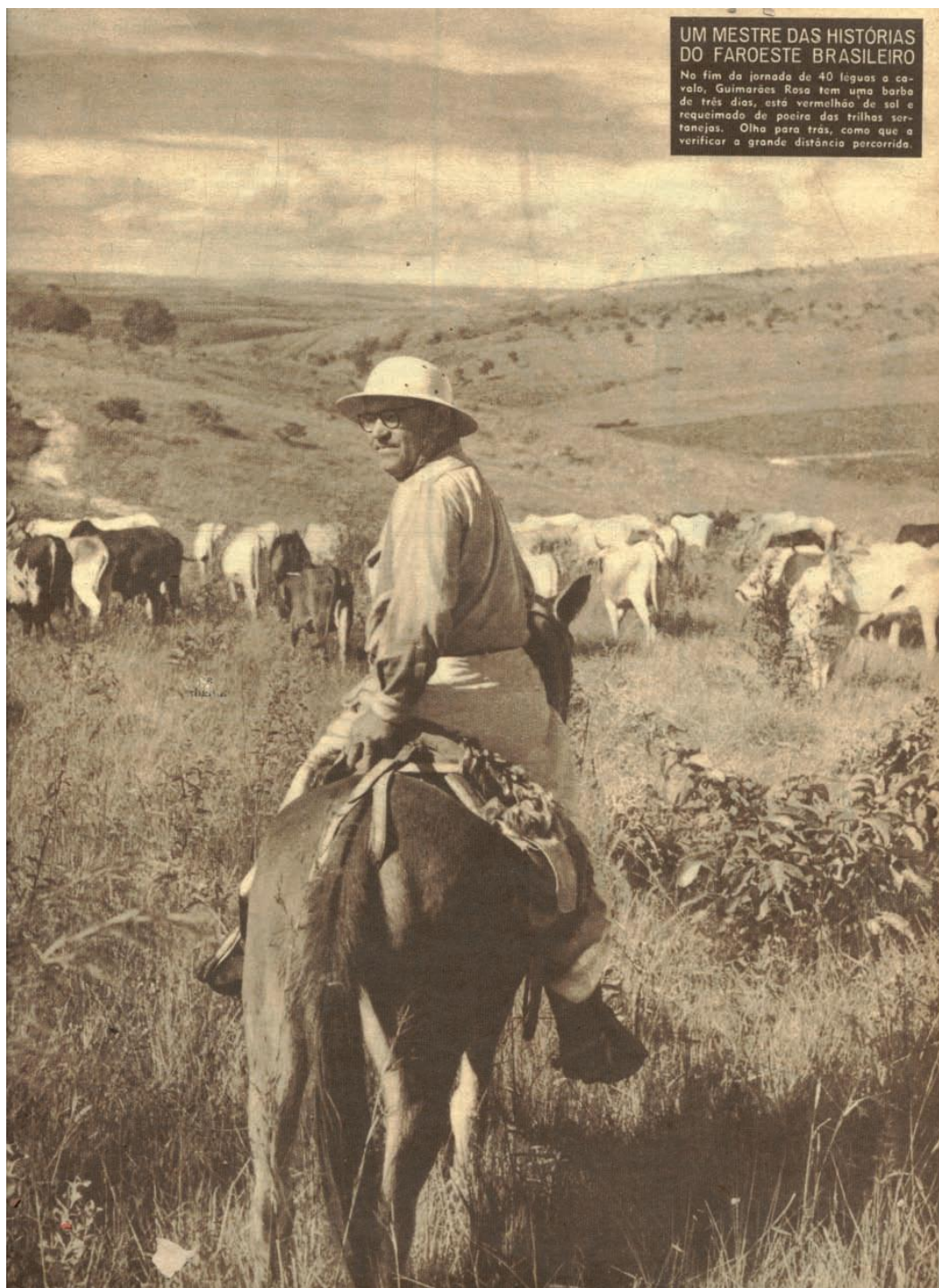


Figura 14: Página do Jornal O Cruzeiro. Retrato de Guimarães Rosa em expedição em 1952. Reprodução fotográfica da autora.

Ainda valendo de diários, dessa vez tomo outro viajante, que inspirado nos naturalistas e descobridores épicos, lança mão à escrita de territórios já descobertos por outros, pelo olhar de gente simples que conhecem a terra e suas ciências espontâneas, na tangente do homem e

da naturalidade de suas emoções, dialogando com o comportamento do clima, das plantas e dos bichos. Os horizontes do sertanejo e o sertão foram os quais João Guimarães Rosa dedicou sua caminhada.

Em 1952, Rosa empreende sua famosa expedição que o leva aos cerrados do Norte de Minas Gerais acompanhando uma tropa de boiadeiros. Nesta experiência o escritor se coloca como um poeta errante com um único critério predefinido, refazer o trajeto daqueles dessa mesma qualidade de homens que escutava contar suas narrativas quando criança no armazém de seu pai Florduardo.

Pequenas notas escritas num bloquinho pendurado ao pescoço durante a expedição, com o percurso de 240 km realizado durante 10 dias de travessia, acompanhado dos sete vaqueiros, livres como a expressão de uma literatura íntima, foram revisitadas e articuladas no processo criativo de dois grandes livros publicados em 1956: *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*.



Imagem 15: Fotografia recordada do jornal *O Cruzeiro*, em matéria sobre a expedição de Rosa pelos sertões, juntamente aos vaqueiros, Bindóia, Manuelzão, Zito.

Os vaqueiros, Manuelzão, Bindóia, Zito, Tião Leite, Gregório, Santana e Aquiles serviram de repertório para a observação laboral de Rosa. Comportamentos, cantigas, nomes

de gente, de pássaros e de localidades, expressões ou qualquer outra peripécia de suas surpresas eram todos, sistematicamente, enunciados em fragmentos de linguagem em duas cadernetas, que ele chamou de Boiada I e Boiada II, os quais parte metodológica de seu processo de criação literária, mas que também eram um diálogo silencioso de Rosa consigo mesmo.



Figura 16: *Rosa anotando sobre tamanduás*, 2010. Fotografia exposta no Museu-Casa Guimarães Rosa em Cordisburgo. Reprodução fotográfica da autora.

As cadernetas ajudavam o poeta a cartografar seu encontro com os homens, lugares e seus diversos tempos. A pausa para a transcrição de seus pensamentos, devaneios e lembranças e transcrição do real em seus caderninhos intermediavam sua estância, em quaisquer que fossem os meios, para que o espaço e suas categorias, o visitasse em poesia.

Eu procuro captar o fato, o momento – como no cinema! –, para colocar o leitor dentro da trama. O leitor precisa conviver com os personagens. Mas para captar este momento é preciso que o autor esteja no momento. Por isso eu tenho meus caderninhos que me acompanham em todas as minhas viagens. Eu amarro um lápis

com duas pontas e no, sertão até em cima do cavalo eu escrevo. É o momento. Um passarinho faz um movimento – eu capto o movimento. Na hora, e o escrevo como o vejo. Mas só naquele momento eu poderia registrá-lo. Jamais poderia guardá-lo na cabeça para dali a algumas horas ir me inspirar nele para compor. Não. Não teria valor! (ROSA, in: Instituto Moreira Salles, 2006, p.84).

Guimarães Rosa numa posição curiosa e introspectiva se posicionava nos espaços observando e anotando relatos, descrições, palavras, versos, pequenos desenhos e até mesmo o que comia, como descrevia minuciosamente na caderneta da Itália as combinações de pastas e molhos, vinhos e licores que provava pelo país.

As cadernetas são memórias palpáveis. É a imaginação material. São caminhos da lembrança, formas de cartografar a vida, a partir da “especialização da memória” (BOSI, 1994). O escritor torna-se geógrafo, e também de certo modo, cartógrafo, na medida em que elenca uma lista de preocupações que direcionará sua observação durante a viagem, dando expressão às intensidades do tempo e do espaço, criando novos mundos a partir de uma base real. Para isto, as referências que aponta o poeta-cartógrafo na composição de suas cartografias são aquelas relacionadas ao homem que sente o espaço e ao espaço que é dado a sentir. Sendo o corpo o “primeiro território do homem” (TUAN, 1983, p.39) é a partir de seus afetos, que o espaço percebido e vivido se constitui.

Sentado numa mesa ninguém é genial. Tem-se de estar perto. Cair em pensamento é voltar a reminiscências, e isso fatalmente é o fim. A coisa deve ser capturada viva, na hora. Por esta razão algumas frases minhas são duras, ásperas, rudes. Mas são palpitantes, acho. Elas correspondem a uma verdade que realmente aconteceu. (Instituto Moreira Salles, 2006, p. 84).

Guimarães Rosa fazia de seu cotidiano um processo de criação, recriava os espaços vividos através da fantasia, direcionava suas ressonâncias subjetivas sobre os lugares, nos seus escritos de viagem. Transformava o espaço geográfico em *lugar*, na temporalidade da pausa de contemplações e devaneios, no gesto reservado de tomar o caderno á mãos e traduzir as intensidades sentidas nos lugares para a escrita. João Rosa dotava de qualidade poética suas experiências diárias em deslocamento e a partir delas, gerava material literário para suas

obras. Fazia de suas experiências bem encarnadas, um processo de criação artística, que se vinculava a uma valorização de sua experiência humana nos espaços de vida.

Compunha sua vida e sua literatura, para tanto viajava! Dialogava com suas cadernetas de campo. Comunicava-se com os amigos e parentes, muita das vezes através de cartas. Pois estava sempre se deslocando.

Assim digo, que tanto nas cadernetas quanto em cartas, Guimarães se expressa na geografia dos processos de criação de suas obras e de si mesmo, enquanto homem humano, Rosa, travessia.

Percebo que a identidade de escritor está misturada com a identidade dos lugares onde passou e viveu. Mesmo tendo uma experiência cosmopolita Rosa sempre se reconheceu como sertanejo, estando ou não no sertão. É o menino Joãozinho nas cercanias de Cordisburgo, é o vaqueiro João Rosa por Andrequicé, Corinto, Araçá, Pirapora, Buritizeiro, Curvelo. E ainda por territórios europeus - Paris, Florença, Roma, Hamburgo - mesmo sendo o diplomata e viajante João Guimarães Rosa, ele é, antes de tudo, um sertanejo. “Eu carrego o sertão dentro de mim, e o mundo no qual eu vivo é também sertão. As aventuras não têm tempo, não tem princípio nem fim. E meus livros são aventuras, para mim são a minha maior aventura. Escrevendo descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito, o momento não conta.” (Instituto Moreira Salles, 2006, p. 80)

Rosa projeta o sertão para toda parte e ao estudá-lo vejo que esta é sua visão de mundo. Declara seu amor pelas vacas, pelos bois, pelos sertanejos e por tudo que é simples. Em meio à erudição, ele traz a grandeza do comum e das pequenas coisas. A intersubjetividade do eu-Rosa com o sertão-mundo, expressa nos seus escritos de viagem, vem tornar pública a sensibilidade do autor e fazê-la nossa, leitores, que aprendemos a partir da partilha da palavra, lida e ressignificada nas suas obras literárias.

“O sertão é o mundo”. (ROSA, 2001). “O sertão é dentro da gente.” (Ibidem). A noção de mundo para a fenomenologia é o contexto dentro do qual a consciência é revelada a partir de experiências intersubjetivas, estas, que levam os indivíduos a continuar criando seus próprios mundos: “a intersubjetividade acontece no momento em que o corpo como elemento movente, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações.” (HOLZER, 1997, p.79).

Neste processo de valorização das experiências, faz-se conceber a própria vida como arte, encarada como obra em processo. À parte da publicação de seus livros, Rosa produz arte na vida, nos seus escritos de viagem. Produz geografia a partir de seus deslocamentos. Constrói o mapa de seus espaços vividos a partir de seus escritos de viagem.

A vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada, nem como homem, nem como escritor. “Ele está face a face com o infinito e é responsável perante o homem e perante si mesmo.” (Instituto Moreira Salles, 2006, p. 87).

Com isto, deslocamentos de viagens se manifestam como processos geográficos, que geram a matéria vertente para a criação poética. Guimarães Rosa é cúmplice nesta tese, e nos oferece seus mapas de vida abertos nas páginas de seus diários e cadernetas de campo.

4.4.1. Experiência a memória pela Escrita: a viagem, a biocartografia e a geobiografia

O que lembro, tenho
Riobaldo

A epígrafe do presente texto ilustra a intenção de João Guimarães Rosa ao transcrever suas percepções e memórias, por anos consecutivos em caderninhos e cadernetas de campo, a fim de não deixar, que nenhuma luz de sua imaginação e nenhum detalhe de suas travessias, se esvaíam sem registros. A partir de suas anotações ele tinha o que considerava o maior presente da vida, as lembranças. Suas notas eram, sobretudo de estórias, causos, pessoas, lugares e situações que vivenciava durante suas viagens.

As cadernetas são modos de organizar as lembranças, de guardá-las, de retê-las na caligrafia, no espaço em branco bidimensional do papel. Suas anotações são formas de fazer comunicar a intersubjetividade¹⁹ da relação do homem com seu meio e seu universo interior; são *interpretações* afetivas do espaço, frutos de certo aprendizado. Ao revisitar Susan Sontag, pelas palavras de Brandão (1998, p. 53):

O que se deve defender é que a interpretação, qualquer que seja, como um instrumento hermenêutico ou psicanalítico de compreensões de dimensões e campos da realidade vivida, coexperimentada e compartilhável através de outras também formas de comunicação, é apenas outra maneira de tornar compreensível e comunicável a própria sensibilidade humana. A necessidade tão nossa de fazer ser coletivamente partilhável aquilo que, em termos originalmente absolutos, somente pode ser experimentado subjetivamente por cada pessoa no seu âmago.

Em Guimarães Rosa, a intersubjetividade do eu-Rosa com o sertão-mundo, expressa nas cadernetas da expedição de 1952, vem tornar pública a sensibilidade do autor e fazê-la nossa, leitores, que aprendemos a apreendemos a partir da partilha da palavra, lida e ressignificada, de modo singular nos livros *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, já mencionados no presente texto.

“O sertão é o mundo”. (ROSA, 2001). “O sertão é dentro da gente.” (Ibidem). A noção de mundo para a fenomenologia é o contexto dentro do qual a consciência é revelada a partir de experiências intersubjetivas, estas, que levam os indivíduos a continuar criando seus próprios mundos: “a intersubjetividade acontece no momento em que o corpo como elemento movente, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações.” (HOLZER, 1997, p.79)

19 Para a geógrafa Anne Buttimer (1985), “a intersubjetividade esforça-se para construir um diálogo do homem com seu meio ambiente em termos de herança sócio-cultural e o papel assumido no mundo vivido de cada dia.” (BUTTIMER apud MELLO, 2005, p. 35).

Guimarães Rosa, médico de formação, diplomata e fluente em 13 idiomas, era um homem de fato, extremamente erudito, mas ao mesmo tempo, como ele mesmo se intitulava em uma entrevista cedida em 1965 a Gunter Lorez, era um “homem do sertão”, e esta era a grande questão da filosofia de sua literatura e de sua vida. Uma vez que, arte e vida são conceitos que se misturam na obra roseana: “é impossível separar minha biografia de minha obra”. Transcrevo aqui parte da entrevista realizada em Gênova:

Chamou-me “o homem do sertão”. Nada tenho em contrário, pois sou um sertanejo e acho maravilhoso que deduzisse isso lendo meus livros, porque significa que você os entendeu. Se você me chama de “o homem do sertão” (e eu realmente me considero como tal), e queremos conversar sobre esse homem, já estão tocados no fundo os outros pontos. É que eu sou, antes de mais nada, este “homem do sertão”; e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também – e nisto pelo menos acredito tão firmemente como você – que ele, esse “homem do sertão”, está presente como ponto de partida mais do que qualquer coisa. (Instituto Moreira Salles, 2006, p. 84).

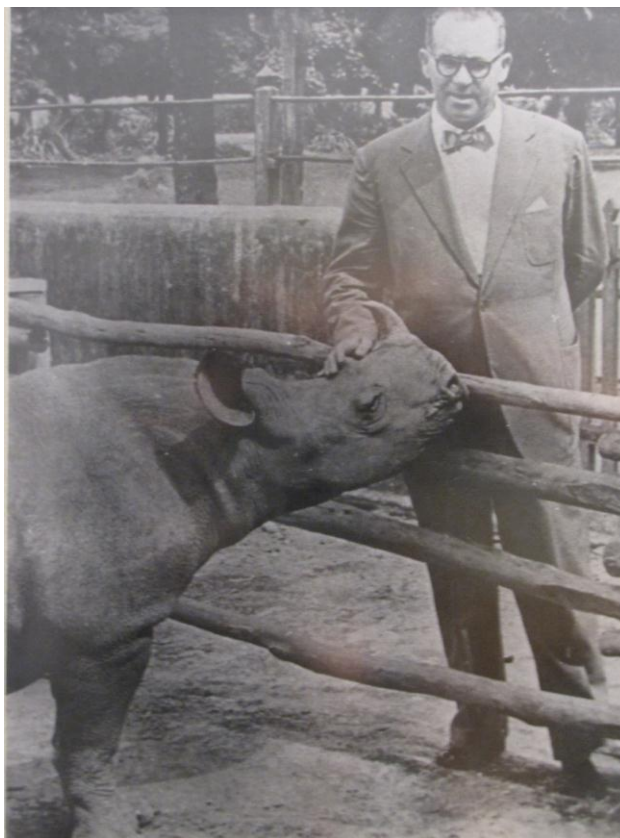


Figura 17: *Rosa e o Rinoceronte*, 2010. Fotografia exposta no Museu Casa João Guimaraes Rosa em Cordisburgo. Reprodução fotográfica da autora.

Joãozito, como era chamado desde menino em Cordisburgo (Cordis do latim, coração e Burgo, do alemão, cidade, logo, cidade do coração) onde nasceu em 27 de junho de 1908, tinha o

hábito de escutar as estórias, contos e causos contados pelos mais velhos, na venda de seu pai, Florduardo Pinto Rosa. Desde então começou a escrever. Era uma criança míope, calada e que amava os animais.



Figura 18: *Estação de Cordisburgo*. 2005. Fotografia. Fotografia tomada na viagem realizada em 2005, com o orientador Carlos Brandão, fruto da disciplina sobre João Guimarães Rosa Fotografia da autora.

Uma vez saído de Cordisburgo aos 10 anos, ele leva sua experiência de homem do sertão em todas suas andanças, que se estenderam desde Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, Bogotá, Hamburgo, Paris, Milão, Roma, Florença e tantas outras cidades que teceram sua “biocartografia”. Durante o período em que esteve em cada uma delas, manteve, evidentemente, seu hábito de escrever diários e cadernetas.

Atualmente, as cadernetas de Guimarães Rosa se encontram arquivadas como documentos, disponíveis para pesquisa em formato de microfilme, no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB-USP. As anotações da expedição de 1952 foram reunidas em dois diários que Rosa chamou de A Boiada I e A Boiada II, além

dela estão no IEB, o Diário de Paris (1948-1951), as Cadernetas da França e Itália (1949-1950) e o Caderno de Leitura de Homero (1950).

O escritor, em seus cadernos, não só descrevia a paisagem, como também anotava palavras e expressões e reproduz na íntegra trechos da oralidade sertaneja, em histórias, cantigas e conversas, nas quais o Doutor Rosa direcionava perguntas de cunho filosófico aos vaqueiros e eles respondiam:

“O Zito: - Nós não passamos pelo Curral das Pedras. É um atalho, mas não tem água o dia inteiro. É uma campina, em cima do espigão. E é um vento... que nunca vi igual quando venta. O gado desgosta: - Não gosta ‘arrupeia’ todo...” (Boiada I, 1952, p. 12) 14

Camilo (o velho): - “horas melhores quando acho o que comer, e o que vestir, hora pior é quando acho alguma malquerença, que não posso desviar.” (Boiada I, p.75)

Acompanhemos as descrições feitas quando estavam na Barra do De-janeiro, lugar onde se passou o primeiro encontro de Riobaldo com Diadorim – o menino Reinaldo, presentes no Diário A Boiada I:

“No rio De janeiro
as longas canoas
sacos atados com broto
folha nova de buriti
cheia de sacos de arroz
quinze alqueires, atados com folhas novas de buritis
verde e amarelo, mas as cores longitudinais,
longitudinalmente” (1952, p. 15)
“O rio São Francisco barrento recebe o rio De janeiro de água verde
Periquitos, bandos, sobrevoam-no.” (1952, p.16).

Em outras passagens Rosa se assemelha ao viajante naturalista, dado a riqueza de detalhes e minúcias, ao descrever pássaros, flores ou paisagens inteiras. Sobre a relação da literatura científica e poética, Costa (2008, p. 327) comenta:

Ao valorizar a viagem de pesquisa para recolher elementos para suas histórias, Guimarães Rosa retoma o modelo das viagens científicas como forma privilegiada de produzir conhecimento. Mas se o escritor mineiro viaja para restituir saudade da terra natal e colher “literatura em matéria”, com uma finalidade claramente literária, os naturalistas viajam em missões científicas para classificar e mapear terras e povos

estranhos, ainda que seus livros possam ser lidos como obra literária além de fonte de informação científica.

Se a observação direta é fundamental, não menos importante é o registro de todas as coisas observadas. O deslocamento pelo espaço é imediatamente transformado em texto, repleto de dados geográficos e descrições de itinerários. (COSTA 2008, p. 327).

Ambos, poeta e naturalista, misturam descrições de cunho científico com experiências estéticas, de modo a tentar aprender a realidade, por pelo menos, duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva, numa rede infinita de possibilidades reais: “FAVEIRA: árvore. O gado gosta imenso de suas vagens, quando estão secas. Desviam-se da boiada as reses, para comê-las. É uma amolação. Seca de junho em diante. Está seca só em junho e julho.” (1952, A boiada I, p. 78). “Gavião é de serra é o maior (barra) é roxo escuro, peito branco (barra) muito grande, unhas grandes, tipo de águia (barra) ele roda por baixio, por gerais (barra), mas mora mesmo é no pé da serra.” (1952, A Boiada I, p. 19).

As anotações aparecem como informações fragmentárias que, postas em conjuntos permitem recompor o trajeto e as situações encontradas pela comitiva. Assim, compõe-se como um mapa afetivo do escritor, ao qual utilizará para escrita posterior de seus livros.

Como um método de construção literária, as cadernetas passam de uma escrita íntima a uma rede infindável de leituras e interpretações, dadas a partir do livro publicado e posto à circulação.

Sobre a leitura, Ecléa Bosi inicialmente sugere e depois afirma que: “(...) o que é ler senão aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro? Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão.” (BOSI, 1994, p. 21). Assimilamos as lembranças dos outros a partir de nossa própria memória.

Contudo, Rosa, a modelo do cartógrafo de Rolnik, seleciona as mais diversas fontes para compor sua cartografia afetiva. Ele deixa seu corpo vibrar em direção aos fenômenos encontrados a partir da intersubjetividade com vaqueiros e paisagens do sertão, registrando sistematicamente cada lembrança e imagem poética visitada.

As cadernetas para o escritor são um exercício da memória, voltadas à atividade literária. A partir da escrita em movimento, ele escreve o passado enquanto ele ainda é presente, de modo que não haja o esquecimento.

Ao juntar os fragmentos da escrita, ela nos oferece a exata trajetória da comitiva, com seus lugares visitados e situações ocorridas. Ao comparar as cadernetas a mapas, elas podem nos orientar pelos sertões de Minas Gerais, tanto geograficamente, quanto culturalmente. Elas podem então, poderiam ser consideradas um Tratado de Geografia Cultural Sertaneja, apontando os modos de vida, a relação do homem com seu meio e as expressões de sua cultura.

A prática de escrita em cadernetas, recorrentes em tantos profissionais (biólogos, botânicos, antropólogos, geógrafos, poetas e artistas plásticos) é um método de produção do conhecimento, pelo qual aprendemos sobre o espaço tomado a partir da experiência do deslocamento e, ao mesmo tempo, método de apreensão das lembranças, de modo a constituir-se como uma memória material, indispensável na a cartografia de mundos subjetivos. Pois, o que se lembra, se tem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa percorreu os caminhos de uma geografia que se revela na poética de escritos sobre espaços de vivência e que compõe uma série de estudos que se soma à Geografia Humanista e Cultural, pensamento ao qual me apoiei para justificar minhas reflexões sobre cartografias vividas nos espaços viajados presentes nesta dissertação. No entanto, o próprio texto terá relevado que não apenas a geografia me acompanhou nesta travessia, mas, sobretudo a filosofia, a antropologia e a literatura. Que foram igualmente necessárias para percorrer o caminho de uma pesquisa sobre experiência, percepção e construção do espaço vivido em deslocamento.

Pensar o deslocamento, a errância, a deriva, a peregrinação, tal como pensar a viagem em si, e em suas múltiplas dimensões possíveis, é o percurso nômade no qual me encontro e me perco. No qual me perco para me encontrar entre trajetos definidos e derivas aleatórias do raciocínio e da sensibilidade. É um tema que reflete minhas próprias vivências, em lugares e com pessoas diferentes, referências estrangeiras, pairadas na alteridade, que me dispus a experimentar na construção de minha geobiografia.

Caminhei para afirmar a condição de uma biocartografia/geobiografia. Ao pensar os acúmulos de percepções sobre os espaços e suas expressões, configurando ao mesmo tempo o indivíduo e o seu mapa de vida. Para isto recorri vários exemplos de viajantes que possuem suas histórias de vida pautadas, não na sedimentação/sedentarização do lar, mas em seu oposto, uma vida que se conta pelos deslocamentos, desterritorializações, estrangeirismos tomada esta palavra em sua raiz *estra* – *extra* – estranho. Thoreau defendia a vida nos bosques e as caminhadas ao ar livre, assim como Hermann Hesse, ambos sistematizavam suas caminhadas como o princípio da criação poética, da possibilidade de evasão e de sensibilização para a escrita. Carlos Brandao, Lévi-Strauss, Clifford Geertz e Darcy Ribeiro são exemplos de antropólogos que nunca abandonaram em suas observações para suas

pesquisas etnográficas, a entrega ao destino viajado. Brandão ainda encontravam nuances para poesias, que escrevia nos mesmos cadernos onde coletava dados e informações. Nietzsche também era um que defendia que as obras fossem criadas andando, caminhando.

Andar e pensar seriam duas ações que dificilmente “caminhariam” sozinhas. O filósofo Michel Onfray exerce uma filosofia do viajar e reflete a partir da temporalidade da viagem uma reflexão cíclica do que significa sair de um lugar e ir para outro, tal como define James Clifford sobre o que é viajar. E numa definição simples, esta ideia abarca múltiplas variáveis de deslocamento, que implicam desde exílio á performances como Caminhando em Círculo, de John Smith.

Turismo, peregrinação, deambulação... todos estes são modos de deslocamento que implicam uma modificação do espaço externo e interno do indivíduo na emergência da categoria geográfica espaço vivido. Esta categoria é defendida por Eric Dardel, no livro “A Terra e o Homem”, primeiro geógrafo a publicar um texto com conteúdo de geografia humanista.

A Geografia Humanista e Cultural tenta explicar como indivíduo e sociedade se organizam, exploram e transformam o espaço geográfico, e como os homens, individual ou coletivamente, se identificam com o espaço ao qual vivem, ou até mesmo, “ao qual sonham” (CLAVALL, 2001, p.11). O indivíduo, complexo elemento para análise, além daquilo que lhe é próprio, carrega, até mesmo, no mais próximo de si que é o corpo, uma herança, social, cultural, política. E estes dados se manifestam nos mínimos gestos.

Esta ciência situa a ‘ontologia espacial antes da epistemologia’ (Bertrand Levy), Esta abordagem geográfica se ramifica nos estudos de geografia cultural, que se aprofunda no sentido da existência individual no mundo. Para pensar as motivações e o sentido das escolhas individuais no espaço, no tempo, na sociedade, ou seja, o homem em sua relação fenomenológica com o mundo, a geografia humanista visa compreender, partindo do

postulado de que a unidade lógica da existência não é nem o espaço, nem o tempo, nem a sociedade; mas sim, a pessoa humana. O indivíduo e sua corporeidade. Daí alguns estudos inovadores na Geografia, que olham o afeto, o sistema de valores, as preferências, as crenças, hábito. Geografias que se manifestam na escala do sentir.

O geógrafo, na excelência de seu ofício, tende a analisar o espaço desde sua totalidade abrangente. Mas, a escolha de suas análises recai naquilo que lhe é tomado por afeto para a percepção. E, para que haja percepção é antes necessário o deslocamento. A percepção é engendrada pelo movimento. Bergson ao discorrer sobre os processos de construção da memória, diz que seu primeiro esquema é motor, enquanto que o segundo é perceptivo (*apud* BOSI, 1994, p. 44).

Ao considerar que os escritos de viagem conformariam mapas de espaços vividos, empreguei a palavra *mapa* como o resultado de um modo específico de apropriação do espaço. No caso de uma apropriação poética, o resultado traduz-se, por exemplo, de mapas desenhados através da escrita de cadernetas de campo, como se propôs esta pesquisa.

Frequentemente estamos derivando entre espaço e lugar, entre espaço e lugar e vice-versa. Este é o mesmo processo da impulsão e da permanência, do ir e do estar, do movimento e da pausa, da aventura e do refúgio, do impessoal e do íntimo. Portanto, para investigar a construção do espaço vivido do viajante relacionei o conceito de *espaço* e *lugar*, enquanto *movimento* e *pausa*. O espaço geográfico pressupondo a ideia de movimento, de múltiplas dinâmicas e tempos, de fluidez. Enquanto *o lugar se constrói pela pausa*, parafraseando Yi-fu Tuan (1983).

Fez-se necessário pensar as *paisagens* que compõem o repertório imagético e poético do indivíduo, no caso, do escritor João Guimarães Rosa e do expedicionário colonizador, juntamente com seus *territórios* de pertencimento e partilha; e também as suas *regiões* de afeto.

O deslocamento do corpo e das ideias gera geografia, e é certo que muitas vezes, o conhecimento dos espaços nos é transmitido pela subjetividade. O sentido nos é dado em forma de sentimentos e percepções e poderiam ser compostos como arte e como ciência. Entendo que a arte é o resultado de um emaranhado de referências sociais, políticas, espaciais e pessoais do artista. Portanto, é um dado subjetivo e objetivo e possui caráter individual e coletivo. É linguagem simbiótica e reprocessual com o meio, com os sons, os gestos, objetos e imagens. É uma manifestação subjetiva e técnica de uma relação sociedade-indivíduo e indivíduo-espço.

Considero que escritos de viagem são fontes geográficas geradas a partir da criação artística. Escritos de viagem nos oferecem conhecimento sobre o meio. Um conhecimento gerado desde o ponto de vista da imaginação e da fantasia. O viajante escritor registra sua leitura do espaço a partir de seus escritos, que, ainda que não possuam rigor científico, comunicam a relação dele com a natureza ao seu redor. Este é o interesse das Ciências Geográficas: estudar a relação do homem com seu meio. Portanto para esta análise, a presente pesquisa se valeu da experiência da escritura em deslocamento, cujos escritos em si, não poderiam ser considerados obra - uma vez que se trata de esboços e rascunhos - mas que, poderiam ser considerados Arte, enquanto prática que se manifesta de forma unívoca com a vida, importante para a criação artística e criação subjetiva de si mesmo, frente aos espaços vividos, que constituem a memória e as cartografias de vida.

Neste sentido, vejo que a construção do *espaço vivido* na pessoa errante se dá com a soma de lugares e endereços, com a ampliação da noção de ethos, na expansão dos espaços e interiorização do indivíduo.

Concluo que tais escritos configuram-se como uma coleção de análises topo-poéticas dos espaços visitados e análises de si a partir da afecção destes espaços, cujo conteúdo é sumamente geográfico. Pelas cadernetas mapeiam-se fragmentos de expressões das falas,

ditos dos lugares, cores e luzes durante nasceres e pores do Sol; fatos, anedotas, canções, nomes de plantas, bichos e pessoas, sagas vividas, imaginadas, aventuras. A partir desta coleta de referencial afetivo, o viajante escritor vai construindo suas cartografias vividas e sua pessoa.

Escritos de viagem se manifestam na tentativa de abarcar a experiência. A partir da incorporação de um 'estado de atenção e abertura' aos fenômenos da vida e dos lugares, ele desenvolve sua façanha de recriar o real. As escritas das cadernetas sugerem algo contínuo, inacabado. Guimarães Rosa, Thoreau, Brandão, Herman Hesse são exemplos de sujeitos que criaram arte no sentido de uma geografia poética. Cartografaram através de seus escritos, seus espaços vividos, sentidos e percebidos, tomaram o cotidiano por um modelo de 'arte-vida'. Recebiam dos espaços e os exploravam com a alma encantada. Todos os lugares se tornam sendas para a imaginação constitutiva do ser e da geografia de cada um.

.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio. **A história da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Editora, 2005.

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos**. Tradução Antônio de Paula Danesi. 2. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

_____. **A Intuição do Instante**. Campinas: Verus, 2007.

_____. **A Água e os Sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Martins Fontes. São Paulo, 2002.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moysés. 13. ed. Cultrix: São Paulo, 2007.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

_____. **Crítica e Verdade**. Tradução Leyla Perrone-Moysés. Perspectiva (Debates): São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Brasiliense: São Paulo, 1994.

BERENSTEIN, Paola Jacques. **Corpografias urbanas**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14401-03.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Martins Fontes: São Paulo, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Caminho da Estrela: escritos da Galícia e do Caminho de Santiago**. PUC Goiás: Goiânia, 2010.

_____. **Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. Cone Sul; UNIUBE: São Paulo, 1998.

_____. **São Francisco Meu Destino**. Ed. Mercado das Letras: Campinas, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

BUBER, Martin. **EU-TU**. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. 2. ed. Moraes: São Paulo, 1974.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Edusp: São Paulo, 2006.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: el andar como practica estética. Gustavo Gili: Barcelona, 2002.

CERTEU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Vozes: Petrópolis, 1994DIEGO,

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

CLIFFORD, James. **Tour**: travel and translation in the Late Twentieth Century. Harvard University Press: Massachusetts, 1997.

COSTA, Ana Luiza Martins. João Rosa, viator. In: FANTINI, Marli (org.). **A Poética Migrante de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. trad. Werther Holzer. Perspectiva: Rio de Janeiro, 2011.

DIAS, João Carlos de Neves e Souza. **Apontamentos em torno dos Saberes da Carne**: corpo, técnica corporal e bricolagem. Disponível em <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/114.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

DIEGO, Estrella de. **Contra el Mapa**: disturbios en la geografía colonial de Occidente. Siruela: Madrid, 2008.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2010. (Biblioteca Pensamento Moderno)

FAERN, Marcos. In: **Diários da Descoberta da América**. De Cristóvão Colombo. L&PM: Porto Alegre, 1991.

FLUSSER, Villém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. Annablume: São Paulo, 2008

_____. **Filosofia da caixa preta**: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Zahar: Rio de Janeiro, 1978.

GREINER, Christine. **O Corpo**: pista para estudos indisciplinados. Annablume: São Paulo, 2003.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do Maravilhoso**: o novo mundo. Tradução Josely Vianna Baptista. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

GRÓS, Frédéric. **Caminhar**: uma filosofia. Tradução Lilia Ledon da Silva. É Realizações: São Paulo, 2010.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. Tradução Dafne Rodrigues. Perspectiva: São Paulo, 1979.

HEIDEMANN, Heinz Dieter; BEZERRA, Marily. Guimarães Rosa e a Geografia. In: Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta, **Revista do instituto de estudos avançados**, n. 58, 2006.

HESSE, Hermann. **Caminhada**. Tradução Ildikó Maria Javór. 4. Record: Rio de Janeiro, 1982.

HOLZER, Werther. Uma Discussão fenomenológica sobre os Conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. In: **Revista Território**, ano 11, n. 3, jul-dez. 1997.

HOMERO. **Ilíada**. Ed. Cotovia: Buenos Aires, 2005.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. O escritor por Ele mesmo. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**: João Guimarães Rosa. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006.

ISLAS, Hilda (org.). **De la historia al cuerpo y del cuerpo a la danza**. México: Conaculta, 2001.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. Tradução de Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

JOYCE, James. **Ulisses**. Tradução Antonio Houaiss. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

LAHUERTA, Flora Medeiros. **Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)**. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona: Barcelona, 2006, v. X, n. 218 (64). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-64.htm>> [ISSN: 1138-9788]. Acesso em: 08 jul. 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rocco: Rio de Janeiro, 1998.

MACHADO, Antonio. **Poesía**. Alianza: Barcelona, 1999.

MAFESSOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Tradução Marcos de Castro. Record: Rio de Janeiro, 2001.

MALDONATO, Mauro. **Raízes Errantes**, Tradução Roberta Barni. Ed. 34/ Sesc-SP: São Paulo, 2004.

MATURANA, Humberto. **Entrevista**. Disponível em: <<http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm>>. Acesso em: 09 jul. 2012.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MELO NETO, João Cabral. **A educação pela pedra e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

NERY, Paulo Albieri. **Homo Viator**: a permanente construção da subjetividade em Guimarães Rosa através dos diários de viagem. Disponível em: <
<http://www.albieri.prof.ufu.br/HOMO%20VIATOR.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

NICOLIA, Beatriz Colombi. El Viaje y su Relato. In: **Latinoamérica Revista de Estudios Latinoamericanos**. n. 43. Universidad Autónoma do México: México, 2006. p. 11-35.

NIETZSCHE, Friederich Willhem. **Assim Falava Zaratrusta**. Tradução Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras, 2011.

_____. **O Viajante e Sua Sombra**. Tradução Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. Coleção O Essencial de Nietzsche. v. 6. Escala: São Paulo, 2013.

NUNES, Benedito. **O Dorso do Tigre**. Ed. 34: São Paulo, 2009.

NORA, Sigrid (org.). **Húmus**. S. Nora: Caxias do Sul, 2004.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem**: poética da geografia. Tradução Paulo Neves. L&PM: Porto Alegre, 2009.

RAQUEJO, Tonia. **Land Art**. Col. Arte Hoy. v. 1. Nerea: San Sebastián, 1998.

REYNOSO, Carlos (org.). **El Surgimiento de la Antropología Posmoderna por Clifford Geertz e James Clifford y otros**. Tradução Carlos Reynoso. 4. ed. Editorial Gedisa: Barcelona, 1998.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas do Poeta sobre a Vida**. Ed. Martins Fontes, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações Contemporâneas do Desejo. Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Felix. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. 9. ed. Vozes: Petrópolis, 2005.

ROSA, João Guimarães Rosa. **Grande Sertão: Veredas**. Nova Fronteira: São Paulo, 2006. .

SAID, Edward. **Orientalismos**: o oriente como invenção do ocidente (Edição de Bolso). Tradução Rosaura Eichenberg. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma nova geografia**. São Paulo: EDUSP, 2008.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. (org.). **Cultura, Percepção e Ambiente**: diálogos com Tim Ingold. Terceiro Nome: São Paulo, 2012 – (Coleção Antropologia Hoje).

SONTAG, Susan. **Sobre a Dor dos Outros**. Trad. Rubem Figueredo. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

TAMBÉM, Danislau. **O Herói Hesitante**: autobiografia de um anônimo. Fundo Municipal de Cultura, Uberlândia, 2005.

THOREAU, Henry David. **Caminhando**. Tradução Roberto Muggiati. José Olympio, 2006. (Sabor Literário)

TODOROV, Tzvetan. **The Journey and its Report**. Revista de Letras, v. 46, n.1, p. 231-244, Jan./Jun. São Paulo, 2006.

TUAN, Yi-FU. **Espaço & Lugar**: A Perspectiva da Experiência. DIFEL: São Paulo, 1983.

_____. **Topofilia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

WHITMAN, Walt. **Folhas de Relva**. Tradução Luciano Alves Meira. Martin Claret: São Paulo, 2005.